

BLUMENAU

em Cadernos

tomo 50 número 6 novembro/dezembro 2009

Leia nesta edição:

- Na Alemanha e no Brasil - Retratos da Colônia Blumenau
- Bilder aus der Kolonie Blumenau
- A Música em Blumenau no início da colonização alemã (1863-1937)
- De fiéis alemães no exterior: canções em língua alemã e o fomento da germanidade no Rio Grande do Sul
- Natal e Ano Novo
- Correspondências de imigrantes
- Vencer e voltar
- Uma festa no Schützengesellschaft Blumenau, atual Tabajara Tênis Clube
- Índice da Revista Blumenau em Cadernos

Apoio

Genésio Deschamps

Victória Sievert

Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A



Todos os direitos desta edição reservados à Fundação Cultural de Blumenau.
O conteúdo de cada artigo é de responsabilidade de seu respectivo autor.

Editora Cultura em Movimento

Rua XV de Novembro, 161 - Centro - Caixa Postal 425 - Blumenau - SC - CEP 89010-001
Contato 47 3326 7511 - editora@fcblu.com.br - www.fcblu.com.br

Prefeito Municipal | João Paulo Kleinübing

Vice-prefeito | Rufinus Seibt

Presidente da Fundação Cultural de Blumenau | Marlene Schlindwein

Diretor Administrativo-Financeiro | Neusa Maria Soares Müller

Diretor de Cultura | Vinicius da Cunha Wolff

Diretora do Patrimônio Histórico-Museológico | Sueli M. V. Petry

Blumenau em Cadernos

Editor | Órgão de fomento | Divulgação | Distribuição | Arquivo Histórico José Ferreira da Silva

Alameda Duque de Caxias, 64 - Blumenau - SC - CEP 89015-010

Contato 47 3326 6990 - arquivohistorico@fcblu.com.br

Diretora | Sueli M. V. Petry

Conselho Editorial

Presidente | Annemarie Fouquet Schünke

Carla Fernanda da Silva

Cristina Ferreira

Gervásio Tesselano Luz

Ivo Marcos Theis

Marcos Schroeder

Urda Alice Klueger

Projeto gráfico | Giba Santos

Capa | Liquidificador Comunicação e Arte

Normalização do projeto gráfico | Gláucia Maindra da Silva

Revisão | Valdir A. Petry **Secretária** | Kátia Elizabeth Curti

Prêmio Almirante Lucas Alexandre Boiteux, na área de História - edição 1998,

concedido pelo Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina;

Prêmio Destaque - 2002, concebido pela Academia Catarinense de Letras.

Homenagem Especial - 2007, pelos 50 anos de publicação.

Em 1973, a família Ferreira da Silva doou os direitos da revista à, então, Fundação Casa Dr. Blumenau.

Declarada de utilidade pública pela Lei Municipal nº 1895, de 15 de dezembro de 1972.

Recuperado pelo diretório Ulrich's Internacional Periodics

Catálogo | Gláucia Maindra da Silva CRB-14/924

Blumenau em Cadernos. – T. 1, n. 1 (nov. 1957)- . – Blumenau : [s.n.],

1957- .
v. ; 23 cm.

Mensal (nov./dez. editados juntos), 1957-ago. 2000; bimestral, set. 2000-.

Fundada por José Ferreira da Silva.

Reestruturada em comemoração aos 40 anos da revista, 1997.

Editor varia: José Ferreira da Silva, 1957-1973; Fundação Casa Dr. Blumenau, 1974-1996, mudando o nome para Fundação Cultural de Blumenau, 1996-1998; Editora Cultura em Movimento, 1998-.

Suplementos dependentes acompanham alguns fascículos.

Edições especiais dependentes: centenário de morte do Dr. Blumenau, 1997; comemoração dos 45 anos da revista, 2002; comemoração dos 50 anos, 2007.

Seqüência numérica nos tomos: mensal de 1 a 12, 1957-2000 (com algumas falhas); bimestral com intervalo duplo de 1 a 12, 2000-2007; bimestral de 1 a 6, 2008-. Tentativa de numeração alternativa dos fascículos como edição: abr. 1987, ed. 364; nov./dez. 1987, ed. 371; dez. 1988, ed. 372.

Índice anual todo mês de dezembro; índice cumulativo (1957-1995), organizado por Neide

Almeida Fiori e Sueli Maria Vanzuita Petry. 1996. ISBN 85-328-0062-9

ISSN 0006-5218 = Blumenau em Cadernos

1. Santa Catarina – História – Periódico. II. Fundação Cultural de Blumenau.

CDD 981.64

Galeria de imagens

Uma festa no Schützengesellschaft Blumenau, atual
Tabajara Tênis Clube

109

Índice da Revista Blumenau em Cadernos

123

SUMÁRIO

Documentos originais Viajante Na Alemanha e no Brasil - Retratos da Colônia Blumenau Gustav Stutzer	7
Bilder aus der Kolonie Blumenau Mein erster Einblick in die Ansiedlung.	8
Artigo A Música em Blumenau no início da colonização alemã (1863-1937) Roberto Fabiano Rossbach	34
De fiéis alemães no exterior: canções em língua alemã e o fomento da germanidade no Rio Grande do Sul Imgart Grützmann	59
Crônica de Natal Natal e Ano Novo Helmar Reinhard Rölke	90
Correspondências de imigrantes Tradução e Comentários: Rolf e Renate Odebrecht	95
Autores Catarinenses Vencer e voltar Enéas Athanázio	99

APRESENTAÇÃO

Neste bimestre, a revista Blumenau em Cadernos apresenta temáticas de abordagens que levam leitores e pesquisadores a se aprofundarem nas reflexões referentes aos textos aqui apresentados.

Para compor a coluna **Documentos Originais**, selecionou-se o artigo “Na Alemanha e no Brasil - Retratos da Colônia Blumenau”, extraído da obra *In Deutschland und Brasilien: Lebenserinnerungen von Gustav Stutzer* Zwanzigste Auflage - Mit dem Bilde des Verfallers. Hellmuth Wollermann Verlagsbuchhandlung (W.Kraus) - Braunschweig – 1927. Este imigrante veio para a Blumenau em 1885 como proprietário de terras na região da Velha, adquiridas do fundador Dr. Blumenau. Ao deixar a Colônia publicou um livro, onde procurou narrar a realidade local, suas potencialidades, surpresas, decepções e críticas ao projeto colonizador do Dr. Blumenau. A tradução do texto coube à senhora Annemarie Fouquet Schünke.

Roberto Fabiano Rossbach, mestre em Música (Musicologia) pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) e professor de História da Música no Curso de Artes da Universidade Regional de Blumenau – FURB, publica, na coluna **Artigos**, “A música em Blumenau no início da colonização alemã – 1863-1937. Inspirado em documentos textuais manuscritos e impressos, focou sua pesquisa nos grupos musicais como elementos de difusão do movimento cultural local e suas contribuições para a continuação desta tradição que se mantém viva nas atividades associativas, culturais e nas diversas promoções ligadas à cultura alemã.

“Fiéis alemães no exterior: canções em língua alemã e o fomento da germanidade no Rio Grande do Sul”. Com este artigo, Imgart Grützmann, doutora em Letras pela PUCRS – professora-adjunta da Faculdade de Letras da UFPel, escreve sobre as práticas colocadas em ação por uma intelectualidade de origem alemã que visava preservar a germanidade e os laços de pertencimento à Alemanha.

Na seção **Crônicas de Natal** selecionou-se o texto “Natal e Ano Novo”, de autoria de Helmar Reinhard. Trata-se da reunião de vários costumes descritos sob a forma de narrativas de tradicionais costumes cultivados entre os habitantes originários da região da Pomerânia.

Em **Correspondências de Imigrantes** é publicada uma longa carta datada de 23 de janeiro de 1883, escrita por Bertha, esposa de Emil Odebrecht, para os familiares na Alemanha. Emite votos de “Feliz Ano Novo”, comenta o cotidiano familiar, entre os quais o envelhecimento precoce do marido ao apresentar seus cabelos brancos

Com a chamada “Vencer e Voltar”, o escritor e advogado Enéas Athanázio tece comentários referentes a literatura catarinense, destacando Othon D’Eça.

Em outro momento, é apresentada a Galeria de imagens, a qual, através de textos e imagens relembra uma animada festa de rei ocorrida nas dependências do Tabajara Tênis Clube no início do século XX. A escolha deste tema deve-se ao registro dos seus 150 anos de fundação (1859), sob a denominação de Schützengesellschaft Blumenau.

Como ocorre em cada final de ano, publica-se o “*Índice Geral*”, que orienta o pesquisador com as indicações de títulos e autores publicados ao longo do ano 2009.

Aproveitamos o momento para agradecer e desejar aos assinantes, leitores, colaboradores e apoiadores um Feliz Natal e Próspero Ano de 2010. Deixamos o convite para os memorialistas, historiadores e pesquisadores a escreverem textos para as colunas Artigos, História & Historiografia, Memórias e Crônicas do Cotidiano.

Sueli M. V. Petry

Diretora da revista Blumenau em Cadernos

In Deutschland und Brasilien

Lebenserinnerungen

von Gustav Stutzer

Siebenzehnte Auflage. Mit dem Bilde des Verfassers



Wilhelm Voellermann Verlagsbuchhandlung (W. V. Kans)
Braunschweig
1927

BILDER AUS DER KOLONIE BLUMENAU MEIN ERSTER EINBLICK IN DIE ANSIEDLUNG.¹

Mein Bruder hatte dafür gesorgt, dass wir in einem guten Gasthofe ein vorläufiges Unterkommen fanden, bis eine Mietwohnung für uns eingerichtet war; und Röschen, seine Frau, sorgte in freundlichster Weise für unsere Behaglichkeit.

Noch an demselben Nachmittage stellte mich mein Bruder dem Bevollmächtigten des Dr. Blumenau und dem deutschen Konsul vor. Dabei lernte ich den Stadtplatz mit seinen paar, gegen abend öden, Strassen kennen. Schön war die Allee von Königspalmen, ansehnlich das Rathaus, stolz die katholische, unscheinbar, aber hübsch gelegen, die evangelische Kirche, unbedeutend die Schule, malerisch das alte Schützenhaus. Als Landschaft betrachtet ist die Lage sehr anziehend. Die kleine Ebene ist von mannigfaltig geformten Hügeln und Bergen umgeben. Der breite Fluss bildet einen Bogen gegen die Stadt und nimmt inmitten der Strassen die Garcia, einen Nebenfluss, auf, über welchen eine auffallend hohe, stattliche Brücke führt.

Auf meine Frage, weshalb die Brücke so gar hoch den kleinen Nebenfluss überspanne, sagte mein Bruder: "Sieh die Wassermarken am Kalk der Hauswände! So hoch stieg der Itajahy vor fünf Jahren in einer Nacht. Der Stadtplatz hat die denkbar schlechteste Stelle in der ganzen Kolonie. Damals stieg das Wasser 16 Meter über den Normalstand und richtete unsäglichen Schaden an. Ein ähnliches Unglück war schon im Jahre 1852 eingetreten, als hier erst wenige hölzerne Baracken standen, die alle fortgerissen wurden. Aber der Doktor war nicht zu überreden, die Stadt fünf Kilometer aufwärts am Flusse in der sichersten und besten Lage anzulegen."

¹ In Deutschland und Brasilien. Lebenserinnerungen von Gustav Stutzer Zwanzigste Auflage - Mit dem Bilde des Verfallers. Hellmuth Wollermann Verlagsbuchhandlung (W. Kraus) - Braunschweig - 1930. Pg. 233-246.

NA ALEMANHA E NO BRASIL RETRATOS DA COLÔNIA BLUMENAU

Gustav Stutzer¹

Primeiras Impressões

Meu irmão providenciara uma boa hospedagem em um hotel, até alugarmos uma casa e nos instalarmos. Sua mulher, Röschen, se preocupou carinhosamente com o nosso conforto.

Ainda na mesma tarde, ele apresentou-me ao procurador do Dr. Blumenau e ao Cônsul alemão. À tardinha, conheci o Stadtplatz, mas, agora, as poucas ruas já estavam desertas. A Alameda das Palmeiras era linda; a Prefeitura apresentável; a Igreja Católica, ativa; a Igreja Evangélica, singela, porém bem localizada; a escola, insignificante; a velha Sociedade dos Atiradores, romântica. A paisagem é encantadora, morros magníficos circundam a pequena parte plana. O largo rio forma uma curva defronte à cidade e recebe as águas do ribeirão Garcia, sobre o qual há uma ponte excepcionalmente alta.

Perguntei ao meu irmão por que essa ponte sobre o pequeno afluente era tão alta e ele respondeu:

- Veja as marcas nas paredes das casas! Assim, o Itajaí subiu em uma noite. O Stadtplatz tem a pior localização imaginável de toda a Colônia. Naquela ocasião, o rio subiu 16 metros acima do nível normal e houve muita destruição. Um desastre parecido já ocorreu em 1852, época na qual existiam apenas alguns barracos, que foram arrastados pelas

¹ Imigrante alemão que adquiriu as terras do Dr. Blumenau na região da Velha em 1885.

“Aber warum nicht?” fragte ich.

“Weil das Land hier rings umher sein persönliches Eigentum war, und weil sich hier der Mittelpunkt aller seiner Besitzungen bis auf diesen Tag befindet. Dir kann’s recht sein, denn sie sind ja nun in deinen Besitz übergegangen.”

Ich sagte nichts von dem, was mir Asseburg über den Rückgang aller Geschäfte vorgeklagt hatte. Ohne voreingenommen zu sein, wollte ich zunächst alles selbst sehen und bat meinen Bruder, mir schon am andern Tage die Kolonie zu zeigen.

Da lächelte er über den Neuling und erwiderte: “Um alle bewohnten Täler kennenzulernen, gebraucht man volle zwei Wochen zu Pferd oder zu Wagen. Wir wollen morgen erst einmal einen kleinen Ausflug machen, hin und zurück 50 – 60 Kilometer. Reiten oder fahren?”

“Natürlich reiten!” bestimmte ich.

“Na,” meinte er, “wenn du dich nur nicht durchreitest.”

Mit Sonnenaufgang sassen wir im Sattel; ich auf einem ausgesucht bequemen Pferde, einem schwänzelnden Passgänger, der zuweilen zur Abwechslung in einem sonderbaren Dreitritt trabte und bald merkte, dass er einen Europäer ohne Pferdeverstand auf seinem Rücken trug. Ich sass in dem Bocksattel wie in einem leise seitwärts schwingenden Schaukelstuhle und empfand die Bewegung als eine sehr angenehme. Als ich aber einmal ausbiegen wollte und den linken Zügel anzog, ging meine Rosinante rechts. “Musst den rechten Zügel gegen den Hals legen und anziehen!” rief mir mein Bruder zu. Richtig, da ging’s. Ich dachte: was ist das hier für eine verkehrte Welt! Die Sonne scheint von Norden her. Der kalte Wind ist der Südwind. Das Frühjahr fängt im September an. Um Weihnachten herum soll die heisseste Zeit sein. Der zunehmende Mond, den ich gestern abend beobachtet habe, hat nicht die Form eines halbes Z, sondern die eines Kahnes, und wenn man sein Pferd nach links leiten will, muss man den rechten Zügel gebrauchen. Was wirst du noch sonst alles umlernen müssen!

So trabten wir in dem taufrischen Morgen auf der guterhaltenen,

águas. Mas não foi possível convencer o Dr. para transferir a cidade cinco quilômetros rio acima, embora fosse uma localização mais segura e melhor.

- Por que não? - perguntei.

- Porque, toda essa terra era propriedade particular dele e agora pertence a ti.

Eu não comentei nada do que Asseburg havia dito sobre o retrocesso dos negócios. Sem querer ser preconceituoso, resolvi verificar tudo pessoalmente e pedi a meu irmão para mostrar-me a Colônia no dia seguinte.

Sorriu da ingenuidade do novato e falou:

- Para conhecer todos os vales são necessárias duas semanas, seja a cavalo ou de carroça. Amanhã faremos um pequeno passeio de cinquenta a sessenta quilômetros. Vamos cavalgar ou vamos de carroça?

- Cavalgar, naturalmente.

- Bem, espero que aguentes.

Ao nascer do sol, já estávamos montados. Eu, num cavalo manso de trote esquisito. Este logo percebeu que levava na garupa um europeu inexperiente. A sela era muito agradável, mais parecia uma cadeira de balanço. Ao desviar, puxei a rédea esquerda, e o bicho foi para a direita.

Meu irmão disse: "Precisas encostar a rédea direita no pescoço e puxar!" Aí funcionou. Pensei: "Em que mundo estranho eu me encontro!" O sol brilha do norte, o vento frio do sul, a primavera inicia em setembro, e perto do Natal o calor é mais intenso. Ontem à noite olhei a lua crescente e observei que ela não tem o formato de um C invertido, porém o de uma canoa. Quando se quer virar para a esquerda, precisa-se usar a rédea do cavalo direita. Sabe lá o que ainda preciso aprender!

Assim, trotávamos em uma estrada de barro, na manhã banhada de orvalho. Passamos por casas realmente bonitas, muitas delas com jardins bem cuidados, parecendo vilas. Embora fosse cedo, já havia pessoas na lida.

breiten, aber unschaussierten Strasse vorwärts; zunächst an wirklich hübschen Häusern vorbei, die zum Teil villenartig in sauberen Gärten lagen. Trotz der frühen Stunde sah man schon viele beschäftigte Menschen. Über dem nahen Flusse breitete sich weisser Nebel aus.

Mein Bruder zeigte auf einen grossen Wald. "Das ist der Hauptteil deiner Erwerbung, das Gebiet der Velha (spr. Welje), 6000 Morgen in einem Stücke. Um es kennenzulernen, musst du aber erst einen Weg bauen, denn bis jetzt führen nur "Pikaden" hindurch, schmale Pfade, die besonders von Jägern benutzt werden."

"Aber ich habe von Dr. Blumenau doch eine fein gezeichnete Karte bekommen, welche eine acht Kilometer lange Fahrstrasse mit vielen Windungen und mehreren einmündenden Nebenwegen zeigt!"

"Ein nie vermessener und ganz willkürlicher Entwurf" – antwortete mein Bruder.

Die Strasse wurde immer belebter. Vierspännige Ackerwagen, mit Maissäcken und Brettern beladen, begegneten uns; einzelne zweispännige sogenannte Jagdwagen; Männer, Frauen und Kinder zu Pferde, einen mir bis dahin unbekannten Zuckeltrab reitend. Viele Männer trugen bunte Pantoffeln an den Füßen, die Frauen, wohl ohne Ausnahme barfuss, hielten sich mit dem rechten Knie auf hohen Gabeln und mit dem Zeh des linken Fusses in einem winzig kleinen Steigbügel. Schön sah das nicht aus, aber die grosse Gefahr, bei einem Sturze des Pferdes im Steigbügel hängen zu bleiben, wird dadurch vermieden. Die Kinder, Knaben wie Mädchen, sassen rittlings auf meist ungesattelten Tieren, denen oft nicht die übliche, zahnbrechende Kandare ins Maul, sondern nur ein Strick wie ein Halfter über die Nase gelegt war. Die Pferde klein, manche sonst gut gebaut, aber mit einer Rampsnase und stark eingedrücktem Rücken hinter einem hohen Widerrist; alles in allem, keine eigentlichen Reitpferde, sondern vierbeinige Fortbewegungsinstrumente.

Auf meine verwunderte Frage, wie es doch käme, dass man keine Fussgänger, sondern nur Reiter, und so viele, sähe, sagte mein Bruder: "Unser On-

A neblina se estendia sobre o rio.

Meu irmão indicou uma extensa mata e disse:

- Esta é a parte principal de tua aquisição, é a região da Velha, são 6.000 Morgos. Para conhecê-la, primeiro, tu precisarás construir uma picada, ou seja, um caminho estreito, normalmente usado por caçadores.

- Mas eu recebi do Dr. Blumenau um mapa, cuidadosamente elaborado, onde constava um caminho de oito quilômetros, além de outros secundários.

- Apenas um projeto não concretizado.

A estrada estava ficando movimentada. Encontramos carroças, puxadas por quatro cavalos, carregadas com tábuas e sacos de milho, algumas carruagens para duas pessoas. (aranhas).

Muitos homens usavam tamancos coloridos e quase todas as mulheres andavam descalças. Elas se apoiavam com o joelho em uma forquilha alta e com o dedão do pé esquerdo em um estribo minúsculo. Era meio esquisito, mas diminuía o perigo de ficarem presas ao estribo durante uma queda do cavalo. Tanto os meninos quanto as meninas sentavam escarranchadas, sem sela, não usavam rédea, apenas uma corda como cabresto. Os cavalos eram de pequeno porte com acentuada depressão nas costas detrás de uma cernelha elevada, na verdade não eram cavalos de montaria, apenas um meio de transporte.

Perguntei admirado ao meu irmão o porquê da falta de pedestres.

Ele retrucou: "Nosso tio em Scharfoldendorf era conhecido como 'o guarda-florestal cavaleiro' e nossa tia Luise, que tinha medo de cavalos era apelidada senhora 'guarda-florestal cavaleira'. Aqui, praticamente todas as pessoas usam cavalos para locomover-se. Já passamos por pedreiros, carpinteiros, diaristas, um alfaiate, um barbeiro apressado e uma lavadeira sem pressa, todos, a cavalo. Acontece que as distâncias são muito grandes.

kel Fritz in Scharfoldendorf hiess 'Herr reitender Förster' und Tante Luise, die sich vor jedem Pferd fürchtete, wurde nach der schauderhaften deutschen Titelsucht 'Frau reitende Försterin' genannt. Aber hier ist so ziemlich jeder Mensch beritten. Wir sind schon an einem reitenden Schuster, mehreren reitenden Maurern, Zimmerleuten, Tagelöhnern vorbeigekommen, an einem galoppierenden Schneider, einem schnelltrabenden Barbier und an einer gemütlich reitenden Waschfrau. Zum Gehen sind die Wege zu weit. Ein brauchbares Pferd kostet 50 bis 80 Mark, ein besseres 100 bis 150. Eine Weide hat jeder bei seinem Hause. Das bisschen Mais zum Füttern ist nicht teuer, oder man pflanzt ihn selbst. Ein Stall ist nicht notwendig. Auch die Kinder, wenn sie entfernter von einer Schule wohnen, reiten schon vom fünften Jahre an dahin und binden ihre Gäule während der Schulsstunden an irgend einen Ast. Das erste, was du dir anschaffen musst, sind ein paar gute Pferde."

Mein Bruder, seit 30 Jahren dort lebend, kannte fast jeden der uns Begegnenden und war als Bürgermeister natürlich allen bekannt. Der Gruss lautete: "Guten Morgen!" Nur einige Male wurde uns "Grüss Gott!" zugerufen. Die meisten waren also Norddeutsche, nur wenige Süddeutsche. Deutsch alle.

Aber da kam uns ein Reiter auf einem auffallend grossen, schöngepflegten Rappen entgegen, einen dunkeln Poncho (spr. Ponscho) über den Schultern; das ist ein weites Stück gewirkten Zeuges mit einem Loche in der Mitte, durch welches man den Kopf steckt; es deckt den Mann, den Sattel und den Rücken des Pferdes. Unter dem breitkrepfigen grauen Filzhute ein bräunliches Gesicht mit schwarzem Schnurrbart, in der Hand die dicke, silberbeschlagene Reitpeitsche; ein Brasilianer vom reinsten Typus.

"Herr Doktor, ich stelle Ihnen meinen Bruder vor, der gestern mit seiner Familie angekommen ist." Kräftiges Händeschütteln.

"Sehr angenehm! Habe gehört schon von Sie, von seiner Frau und von seinen Töchtern, dizem, que son bellezas. Sprecke ick nich gut deutsch?"

"Vorzüglich, Herr Doktor, ich hoffe, wir werden uns noch oft und fleissig unterhalten. Aber wo lerne ich hier portugiesisch, die Landessprache?"

Um cavalo usado custa entre cinquenta a oitenta marcos, um melhor de cem a cento e cinquenta. Todos possuem um pasto, eles mesmos plantam o milho para alimentá-los, além disso é barato. Não há necessidade de um curral. As crianças que moram muito longe, desde os cinco anos de idade, fazem uso deles para irem à escola. Elas os amarram em qualquer galho durante a aula. A primeira coisa que debes fazer é adquirir alguns bons cavalos.

Como meu irmão já morava aqui há trinta anos conhecia praticamente todos os que encontramos, e como prefeito, era conhecido de todos. Ao cumprimentar diziam “Bom dia”. Somente algumas vezes ouvimos a saudação “Que Deus o saúde”. Isso quer dizer que a maioria era do norte da Alemanha, somente alguns do sul.

Então veio ao nosso encontro, um cavaleiro montado em um magnífico cavalo negro. Usava um poncho, que também cobria a sela e as costas do cavalo. Sob o chapéu de abas largas, um rosto moreno com um bigode preto, na mão um chicote grosso revestido com prata: um brasileiro da gema.

- Doutor, apresento-lhe, meu irmão, que chegou ontem com sua família.

Apertamos as mãos.

- Muito prazer! Já ouvi falar de sua esposa e suas filhas. Dizem que são belas. Não falo bem o alemão!

- Excepcionalmente bem, Doutor, e espero que ainda possamos conversar longamente. Mas onde posso apreender o vernáculo?

- Para quê? - disse meu irmão.

- Isso mesmo, para quê? - perguntou o médico - eu preciso aprender o alemão porque ninguém entende o português. Que língua difícil o alemão!

Separamo-nos com um até breve.

“Wozu?” antwortete mein Bruder. “Ja, wozu?” fragte der Arzt, “ick muss lernen deutsch, weil kein Mensch versteht portugiesisch. Schwere Spracke deutsch, oh!” Und mit dem üblichen até logo (wörtlich “bis bald”) schieden wir voneinander. –

So also stand es hier mit der deutschen Sprache, während die nach Nordamerika auswandernden Landsleute nicht schnell genug unsere herrliche Muttersprache gegen das so hässlich klingende Yankee-Englisch vertauschen können. Sogar ihrer Familiennamen schämen sie sich! Die Söhne des Tischlers Steinweg in Seesen, meinem Geburtsorte, die nach dem bis heute erhaltenen Klavier meiner Eltern ihr erstes “Pianoforte” in Seesen herstellten, nannten sich Steinway, als sie nach Neuyork übersiedelten. Noch charakterloser ist es, wenn sie ihren Taufnamen verwandeln, meist doch das Erbteil einer liebenden Mutter, das ihnen ein unantastbares Heiligtum sein sollte. Man kann es den Engländern und Franzosen, die das nie tun, nicht verargen, dass sie solche erbärmliche Charakterlosigkeit der Deutschen im Auslande verspotten und verachten und diese Geringschätzung nur gar zu gern auf unser ganzes Volk übertragen. – Ich fragte einmal einen Landsmann, der sich “Guilherme Schmidt” unterschrieb, wie er sich nennen würde, wenn er nach China oder Japan zöge.

Bald fingen die eigentlichen Kolonien an. So werden hier die einzelnen Ansiedlungen genannt. Sie liegen rechts und links am Wege, eine neben der anderen, die Häuser an der Strasse oder weiter zurück, wie es jedem Besitzer am besten gepasst hat. Wo es die Lage des Grundstücks gestattet, hat jede Kolonie 220 Meter (100 brassas) Front und umfasst rund 100 preussische Morgen (fast 25 Hektar). Stehen die Häuser am Wege, so trifft man, bald rechts, bald links, auf 100 bis 200 Meter eins. Es fehlt mithin dem Auge nicht an Unterhaltung, und die Gegend erscheint belebt. Hier ein schmuckes, massives Haus, alle einstöckig, in weissem Putz; dort eins in dunkelm Fachwerk mit hellen Kalkwänden; dort eins mit Brettern der braunen oder schwarzen Canella beschlagen. Blanke Fenster mit weissen Gardinen. Gärten, die das Entzücken jedes Blumenfreundes sein müssen, denn da wächst und wuchert, was man in Deutschland nur in sogenannten

Então era isso que acontecia por aqui com a língua alemã, enquanto os alemães que emigraram para a América queriam desfazer-se o mais depressa possível da bela língua materna e trocá-la pelo horrível som da língua yankee. Inclusive tinham vergonha de seu nome de família! Até os filhos do marceneiro Steinweg de Seesen, minha cidade natal, onde construíram seu primeiro piano forte, idêntico ao que havia em casa de meus pais, mudaram o nome para Steinway ao chegarem em Nova York. Uma demonstração maior de falta de caráter era quando resolviam trocar o nome de batismo, herança de uma mãe amorosa, que deveria ser sagrado para eles.

Não se pode levar a mal aos ingleses e franceses por debocharem e desprezarem esta deplorável falta de caráter dos alemães no estrangeiro e transferirem isso para todo um povo, pois eles jamais teriam tomado uma atitude semelhante. Em certa ocasião perguntei a um patrício que se intitulava “Guilherme Schmidt”, como ele se chamaria se mudasse para a China ou Japão.

Logo chegaríamos às colônias (assim se diz aqui para as propriedades particulares). Essas terras estão localizadas em ambos os lados da estrada, umas próximas das outras. As casas ficam à beira, ou mais afastadas da estrada, dependendo como melhor convier ao proprietário. Onde a situação do terreno permite, as colônias têm duzentos e vinte metros (cem braças) de frente, sendo a área total de cem “morgos” prussianos, ou seja, aproximadamente vinte e cinco hectares. Quando as casas se encontram à beira do caminho, existe uma a cada cem ou duzentos metros em ambos os lados da rua. Esta região é bem movimentada e há muitas coisas para apreciar. Aqui, uma bonita casa térrea de alvenaria com pintura branca; mais adiante uma em enxaimel com madeira escura e paredes brancas; mais além uma revestida com canela marrom ou preta. As janelas estão limpas e

Palmenhäusern findet. Die “Königin der Nacht” rankt auf den Dächern; Passionsblumen, mit Blüten überladen, decken das Gebüsch von wildwachsenden Fuchsien; herrliche “Orchideen” hängen angebunden an Apfelsinenbäumen. Palmen der verschiedensten Art überall, haushohe Bambusgruppen (viel schöner als Palmen), Magnolien, Kamelien, Azaleen, Myrten in hohen Büschen – wer kann das alles aufzählen! Es ist ein unbeschreiblich schönes Vegetationsbild.

Sehr viel mehr interessierten mich die Pflanzungen. Wir kamen an kleinen Kaffeeplantagen vorbei; zuweilen standen nur ein Dutzend der prächtigen, unten breit ausgelegten, dunkelblättrigen Büsche in der Nähe der Häuser, nicht höher als diese. Mein Bruder sagte: “Ein gut gepflegter Kaffeebaum trägt vom vierten Jahre an und bringt fünf bis acht Pfund Kirschen, und so genügen ein bis zwei Dutzend für den Jahresverbrauch einer Familie.”

Um die bei der steigenden Sonne warm gewordenen Pferde sich etwas verschnaufen zu lassen, hielten wir an einem freundlichen Hause, vor welchem blondhaarige Kinder mit Sand spielten, und folgten gern der Einladung der sauberen Hausfrau, einzutreten. Sie liess ihren Mann aus der Pflanzung rufen und setzte uns ein Glass köstlicher Milch vor. Holsteiner, seit 15 Jahren im Lande. Er sagte: “Wir sind zuerst drüben auf Brasilien aufmerksam geworden durch das Drehorgellied: “Brasilien ist nicht weit von hier,” und erzählte mir, dass er Knecht im alten Vaterlande gewesen und mit einem Köffchen in der Hand und etwa 500 Markt in der Tasche herübergekommen sei. Die ersten Jahre seien blutsauer gewesen, aber nun sei er ganz zufrieden; doch würden hoffentlich die Preise für die Produkte bald wieder steigen. Die Frau klagte über dies und das, z. B. dass der Schulweg zu weit sei; dass sie ihre schöne Butter jetzt gar nicht verkaufen könne; dass sie Eier zu Dutzenden in den Brotteig schlage, weil kein Kaufmann für das Schock mehr als eine Mark zahlen wolle (was für mich ein ernster Wink war); dass es nicht einmal Zichorien zu kaufen gäbe, um einen richtigen Kaffee zu kochen usw. Sie musste bei unserem Gelächter über solchen Mangel zwischen Säcken selbstgeernteter Kaffeebohnen aber doch mitlachen. Haus, Vieh und Pflanzung zu betrachten, erlaubte uns leider die Zeit nicht.

têm cortinas brancas. Os jardins fariam a alegria dos apreciadores de flores, pois tem de tudo o que na Alemanha somente se encontra em estufas tropicais. A “rainha da noite” cresce sobre os telhados; a “flor da paixão”, coberta de flores, cobre os arbustos de “Fúcsia”; as maravilhosas orquídeas amarradas às laranjeiras; palmeiras das mais diversas espécies; bambus, mais belos do que as palmeiras; magnólias; camélias; azáleas e arbustos altos de murtas. Não é possível enumerar tudo, é uma indescritível e bela vegetação.

Meu interesse maior era para com as plantações. Passamos por pequenas plantações de café, às vezes havia apenas uma dúzia de belos arbustos com folhagem verde escura junto às casas, não eram mais altos do que estas.

Meu irmão disse: "Um pé de café bem cuidado produz em quatro anos e fornece entre duzentos e cinquenta a oitocentos gramas de frutos, se tu multiplicares isso por uma dúzia de arbustos dará o suficiente para suprir uma família durante um ano."

Devido ao calor, paramos em frente a uma casa de aspecto agradável para os cavalos descansarem. Crianças louras brincavam na areia. Aceitamos o convite da dona de casa para entrar. Ela mandou chamar o marido da roça e nos ofereceu um copo de leite.

Ele era natural de Holstein, vivia aqui há quinze anos e falou: "Um realejo tocava uma canção que dizia o seguinte: 'O Brasil não se encontra muito longe daqui'. Foi esta a primeira vez que este país chamou a nossa atenção."

Em seguida relatou que fora servo na velha pátria e partira somente com uma mala e com aproximadamente quinhentos marcos. Os primeiros anos foram extremamente difíceis, mas agora está satisfeito e na expectativa da alta dos preços. A mulher reclamava sobre diversas coisas como da distância da escola; que não conseguia vender a manteiga boa; que é obrigada a colocar dúzias de ovos na massa do pão, (para mim

Wir trabten weiter. Zuckerrohr- und Maisfelder, Tabak- und Mandiokapflanzungen, Gemüsebeete bei jedem Hause, ebenso Gruppen von Bananen. Stakete erschienen selten am Wege, Hecken überall. Sie bestanden hauptsächlich aus kurzgeschorenen Zitronen voller Früchte, struppigen Akazien und wildem Ananas mit scharfen Stacheln. – Die Augen wären unter den vielen, mir ganz neuen Eindrücken ermüdet, wenn sich nicht zuweilen entzückende Ausblicke auf hohe Gebirge und weite, von Häusern besetzte Nebentäler eröffnet hätten. Auch die häufigen, von Unkraut freien saftgrünen Weideplätze mit blankhaarigem Vieh boten angenehme Ruhepunkte der Ausschau.

So kamen wir nach dem wunderschön gelegenen Dorfe Indayal, begrüßten in der Person des Apothekers einen alten braunschweigischen Pastorensohn, freuten uns über die Kirche und Schule, verzehrten im Gasthofe ein vorzügliches Mittagsbrot, setzten mit der Fähre über den Fluss und nahmen auf der andern Seite, immer zwischen Kolonien bleibend, den Rückweg zum Stadtplatze.

Unterwegs fragte mich mein Bruder: "Brennen dir die Schenkel?" – "Ein bisschen," antwortete ich.

Als ich abends wieder bei den Meinigen sass, hatte ich viel zu berichten und brauchte zum Einreiben einiges – Fett.

2. Meine Vorarbeiten

Mit dem Reiten war es also für einige Tage vorbei. Das hinderte mich aber nicht, die Hauptsache, meine Grundstücke näher kennenzulernen.

Zuerst den "

Aipimberg", dessen Fuss in den Stadtplatz hineinreicht. Ich mietete einen Mann, der, mit der Hauhippe vor mir her gehend, einen auf die Höhe führenden verwachsenen Pfad säubern sollte; ich leugne auch nicht, dass mir in dem Gedanken, allein in den freilich recht dürftigen Wald zu gehen, etwas sonderbar zumute war, der Schlangen wegen.

Beim Eingange bewunderte ich die wohl 15 Meter hohen fast bein-

uma boa informação) porque nenhum comerciante pagava mais de um marco por sessenta ovos; que não havia chicória para comprar e fazer um bom café, etc. Rimos dessa falta, em meio às sacas de café que haviam colhido. Infelizmente não tivemos tempo para olharmos a casa, animais e as plantações.

Continuamos a cavalgar. Próximo às casas havia plantações de cana-de-açúcar, milho, tabaco, mandioca, canteiros de verduras e bananeiras,. Praticamente não havia cercas de estacas, porém cercas-vivas. De um modo geral eram de limoeiros podados e carregados de frutos, acácias e ananás espinhentos. A vista teria cansado sob essas novas impressões, se não fosse o descortinar dos encantadores morros e vales secundários, pontilhados de casas. Repousante olhar o gado pastando nos inúmeros e vistosos pastos verdejantes. Assim chegamos à vila Indaial, uma localidade encantadora. Lá cumprimentamos o farmacêutico, filho de um velho Pastor de Brunswick e ficamos felizes ao ver a igreja e a escola. Depois fizemos a merenda no hotel, atravessamos o rio com a balsa e retornamos através das colônias.

No caminho meu irmão perguntou:

- Tuas coxas não estão ardendo?

- Um pouco - retuquei.

À noite, junto aos meus, não faltou assunto, além disso, precisei de algo para esfregar nas partes doloridas: banha!

Trabalhos preparatórios

Durante alguns dias parei de cavalgar. No entanto, isso não me impediu do principal: conhecer os meus terrenos mais de perto.

Primeiro foi o Morro do Aipim, bem próximo do Stadtplatz. Contratei um guia para limpar, com uma foice, a vegetação que encobria a

dicken japanischen Bambusse, die in dichten Gruppen einen kleinen Sumpf umgaben, in welchem die ägyptische Papyrusstaude üppig wucherte; Anpflanzungen, die vor 30 Jahren angelegt waren. Während ich noch die Papyrusblätter untersuchte, die mich zu den Pharaonen versetzten, rief mein Tagelöhner: "Eine Kreuzspinne!", die er mit einem Schlage der Hippe tötete. Gross wie eine Maneshand lag das gräuliche Tier zuckend vor mir.

"Die sind gefährlicher als Schlangen", unterrichtete mich mein Tagelöhner, indem er die Spinne sinnend betrachtete. "Aber, Herr", fügte der abergläubische Pommer hinzu, "das ist kein gutes Vorzeichen beim ersten Anfange Ihrer Arbeit. Ich bin vor 25 Jahren hier eingewandert und habe so ein Deubelsvieh erst zwei oder dreimal gesehen. Jedesmal geschach dann ein Unglück in meiner Familie; und so sagen alle Leute. Gott behüte Sie und mich! Na, überhaupt, Herre, ich will Sie nicht misströsten".

Schweigend erstiegen wir den vielleicht 60 Meter hohen Hügel, der eine prachtvolle Aussicht bot. Ich überlegte, dass er bei 50 Morgen Grundfläche für eine Anzahl wassersicherer Wohnhäuser dienen könnte, ohne andere Kosten zu verursachen, als kurze Wegebauten und Planierarbeiten.

Am folgenden Tage nahm ich nur denselben Mann und einen jungen Burschen, um in das Gebiet der schon erwähnten Velha einzudringen.

Zuerst ging es auf sumpfigem Boden durch ein Dickicht von Tapuara. Das ist ein bambusähnliches, geschlossen stehendes Rohrgewächs. Man zwingt, und windet sich hindurch, indem der Vorarbeiter mit dem Waldmesser die gar zu dichten Stangen in Kopfhöhe abschlägt. Die abgehauenen Röhren aber sind voll Wasser, das sich wie aus Giesskannen über den Eindringling ausschüttet. Nach zehn Minuten waren wir bis auf die Haut durchnässt und die kniehohen Gamaschen von Segeltuch zum Aswringen. So etwas macht aber nur am ersten Tage Eindruck auf den neu Eingewanderten. Bald wird man noch ganz andere Dinge gewohnt.

Wir kamen auf festen Grund und damit in den Wald. Man sah ihn

picada. Também não nego que não me sentia à vontade em andar sozinho por causa das cobras.

Ao penetrar na mata admirei os, extremamente grossos, bambus japoneses. Certamente, tinham quinze metros de altura e rodeavam um pequeno lamaçal, no qual havia touceiras de papiros egípcios, plantados há cerca de trinta anos. Enquanto examinava suas folhas, eu divagava através do tempo dos faraós. Então meu guia alertou sobre uma caranguejeira! Matou-a de um golpe com a foice. O animal acinzentado contorcia-se diante mim, tinha o tamanho de uma mão masculina.

O guia, ao olhá-la compenetrado, instruiu-me que essas caranguejeiras são mais perigosas do que as cobras. O supersticioso pomerano concluiu dizendo: "Meu senhor, isso não é um bom presságio para o início de seu trabalho. Eu imigrei há vinte e cinco anos e até agora somente vi duas ou três vezes um bicho desses, e sempre acontecia uma desgraça em minha família; essa é também a opinião das demais pessoas. Que Deus o proteja e a mim também! Senhor, eu não pretendo deixá-lo apreensivo."

Em silêncio, subimos os sessenta metros de altura do morro, e admiramos a magnífica vista. Fiquei pensando que uma área de cinquenta Morgos poderia servir para construir muitas casas livres de enchente. Não teria muitas despesas, além da construção de caminhos e aplainamento do terreno.

No dia seguinte, levei o mesmo guia e mais um jovem comigo para penetrar na região da Velha. Atravessamos um pântano com touceiras de taquara. Essa vegetação é muito espessa e parecida com o bambu. É muito difícil atravessar um taquaral. Enquanto o guia cortava os grossos caules na altura de nossas cabeças, precisávamos nos contorcer e espremer por entre as touceiras. Os caules cortados contêm muita água, parecia que estava

aber wirklich vor Bäumen nicht. Baum an Baum. Nur mit kurzen halben Schritten konnten wir vorwärts dringen. Schlinggewächse von Armesdicke oder dünn wie Bindfaden, lauter unzerreissbare Fangstricke, mussten durchgehauen werden. Palmiten, Schachtelrohr, Philodron, stachliche Büsche. Ein dunkles Halbdunkel umfing uns. Endlich hörten wir Wasser rauschen: die Velha. Es wurde licht. Man sah ein Stück Himmel. Hinein in den zwischen Felsen schäumenden Bach! Welch ein Anblick! Bäume, mit violetten Blüten ganz überdeckt; brandrote Bromelien an allen Stämmen und Ästen; leuchtend gelbe Orchideenbüsche; blaue Schmetterlinge von der Grösse einer Handspanne.

Aber was war denn das plötzlich für ein Getöse, Grunzen, und Geschrei in der Höhe der Bäume, als wenn die Hölle losgelassen wäre? Ein mächtiger Haufen Brüllaffen, von wahnsinniger Furcht vor uns getrieben, raste durch die Baumkronen. Bald verhallte ihr wüstes Geschrei.

Die Sonne war höher gestiegen und beschien Felsen im Bach. Da trockneten wir unser Zeug und ruhten uns aus. Der Tabak, im ledernen Beutel in der Hosentasche sorgsam behütet, war zum Glück nicht feucht geworden. Wir streckten uns, rauchend, auf den warm gewordenen Steinen, und ich brachte das Gespräch auf die Affen.

“Nur einmal”, erzählte der Pommer, “habe ich einen Affen erschossen und tue es in meinem Leben nicht wieder. Ein Trupp von einem halben hundert. Brüllaffen war in meine Maispflanzung eingedrungen. Sie zerbrachen die Pflanzen und frassen die Kolben. Ich lief und holte mein Gewehr und schoss in den Haufen. Mit fürchterlichem Geschrei stoben sie in den nahen Wald zurück. Ich hörte einen Klageton in der Pflanzung, ging darauf los und fand eine Affenmutter im Sterben liegend. Die jammernden Töne und die klagenden Augen kann ich nie wieder vergessen”.

“Ich habe eine lustige Geschichte mit Affen erlebt”, erzählte der halbwüchsige Junge. “Mein Vater wollte einen Brüllaffen fangen, weil der Konsul 10 Milreis (20 Mark) dafür geboten hatte, um ihn nach Hamburg zu schicken. Eines

sendo despejada sobre o intruso. Após dez minutos estávamos encharcados. Precisamos torcer nossas longas galochas de lona. Isso impressiona o imigrante somente nos primeiros dias, logo nos acostumamos a outras coisas.

Pisamos em terra firme, portanto estávamos na mata. Era uma profusão de árvores, uma ao lado da outra. Conseguimos penetrá-la passo a passo. Havia inúmeros cipós da espessura de um braço ou também finos como um fio, outros precisavam ser cortados, além de palmitos, bambus, filodendros e arbustos espinhentos. A iluminação era crepuscular. Finalmente ouvimos o murmurar de água: o rio da Velha. Aos poucos a mata clareou e vimos um pedacinho do céu. O ribeirão corria entre pedras, que visão! Árvores cobertas de flores de cor violeta; bromélias escarlates em todos os troncos; uma profusão de orquídeas amarelas; borboletas azuis do tamanho de uma mão aberta.

Mas que ruído era este, um rosnar e gritaria na copa das arvores? Um barulho infernal! Era um bando de bugios muito assustados, que atravessavam as copas das árvores em disparada. Em seguida a gritaria parou.

O sol já estava mais alto e iluminava as pedras do ribeirão, secamos nossas roupas e descansamos. Felizmente o tabaco não umedeceu. Ele estava guardado cuidadosamente em um saquinho de couro em nosso bolso. Fumamos estendidos sobre as pedras aquecidas e retornei à conversa sobre os bugios.

O pomerano disse: “Eu atirei em um macaco, somente uma vez, e jamais o faria novamente. Um bando de mais ou menos cinquenta macacos invadiu minha plantação de milho. Quebraram os pés e comeram as espigas. Corri e busquei a espingarda e atirei. Correram para a mata aos berros. Escutei um lamento na plantação, fui até lá e encontrei uma fêmea morrendo. Nunca mais me esqueci destes lamentos e o olhar acusador”.

Morgens hörten wir einen Trupp in der Nähe von unserer Pflanzung. Mein Vater hatte sich von der Mutter eine alte Drillichjacke mit doppelt langen Ärmeln herstellen lassen, ging auf einen freien Platz in der Pflanzung, zog sich die Jade recht umständlich an, wieder aus, legte sie an die Erde und guckte durch eine Ritze in der Hauswand, um zu sehen, was geschehen möchte. Keiner von uns durfte sprechen oder sich rühren. Langsam stiegen die Affen von den Bäumen, vorsichtig näherte sich einer der grössten, er war so gross wie mein achtjähriger Bruder, der Jacke, probierte und probierte, bis er mit den Armen darin steckte. Da lief mein Vater mit dem Lasso hinzu, warf ihn dem Affen um, zog ihn ins Haus und in den bereit gehaltenen Käfig. Für die 20 Mark hat er mir ein kleines Füllen gekauft”.

Da wir einmal bei einer so schönen Unterhaltung waren, fragte ich den Pommer, wie denn das wohl mit den Alligatoren im grossen Flusse wäre. Da lachte er laut auf. “Haben Sie das verrückte Bild auch gesehen? Der es gezeichnet hat, war ein prächtiger junger Mann, aber so ein richtiger deutscher Küstenbummler. Er reiste hier nur durch, zankte sich mit dem Dr. Blumenau, der ihn grob behandelte. Zum Danke dafür liess er das Bild drüben drucken. Er hat der Kolonie dadurch schweren Schaden zugefügt. Denn wer mochte noch in ein Land auswandern, wo es von Krokodilen mit weit aufgerissenen Rachen wimmelte? Wir haben hier noch niemals ein solches Untier gesehen. Die kleinen scheuen “Kaimans” waren schon in den ersten Jahren weggeschossen, weil sie Fische und Enten frassen”.

Unterdessen war unser Zeug notfälling getrocknet, und wir stiegen zurück in den Wald, drangen nach ein gutes Stück vorwärts, bis wir wieder auf den Bach stiessen, verzehrten unser Brot mit dem richtigen deutschen Schinkenspeck, den jede Hausfrau in der Kolonie herstellt, und kehrten auf unserer Pikade zum Ausgange des Waldes zurück.

* * *

O jovem contou: “Eu tive uma experiência engraçada com macacos. Meu pai queria pegar um bugio porque o Cônsul oferecera dez mil-réis (vinte Marcos) para enviá-lo à Alemanha. Em uma manhã escutamos um bando próximo da nossa plantação. Meu pai pediu à minha mãe costurar um casaco de lona com mangas de comprimento dobrado.

Então ele foi mais perto da plantação em um lugar livre, colocou o casaco, depois tirou, colocou-o no chão e ficou observando, através de uma fresta da parede da casa, para ver o que aconteceria. Nenhum de nós podia falar e se mexer. Aos poucos os macacos descenderam das árvores. Com muito cuidado um dos maiores se aproximou do casaco, ele tinha o tamanho de meu irmão de oito anos, provou e provou, por fim conseguiu enfiar os braços. Meu pai correu com o laço, derrubou o macaco, puxou-o para dentro de casa, onde já estava preparada uma jaula. Ganhei um potro pelos vinte Marcos.”

A conversa estava boa e perguntei ao pomerano sobre os grandes jacarés do rio. Ele deu uma gargalhada. “Também viu o quadro maluco? Quem pintou foi um jovem altivo, um verdadeiro errante costeiro. Ele esteve de passagem por aqui, brigou com Dr. Blumenau que o destratou. Como agradecimento, mandou imprimir o quadro na Alemanha. Com isso ele prejudicou demais a Colônia. Pois, quem gostaria de imigrar para um país onde tivesse abundância de jacarés com a boca escancarada? Até hoje não vimos nenhum deles. Os pequenos e ariscos jacarés sumiram nos primeiros anos, porque comiam peixes e marrecos”

Enquanto isso, nossas roupas secaram mais ou menos, voltamos à mata e conseguimos avançar um bom trecho até chegarmos novamente ao ribeirão. Então comemos o pão com o autêntico presunto alemão, que toda dona de casa sabe preparar, e voltamos pela picada até sairmos da mata.

Da lag also meine erste grosse Arbeit! Es galt, einen fahrbaren Weg durch den wüsten Wald zu bauen, und dann auf dessen beiden Seiten die Einzelkolonien zu vermessen.

Mein Bruder, sehr erfahren in solchen Anlagen, erbot sich mit Hilfe des alten prächtigen Ingenieurs Krohberger, den auf sieben bis acht Kilometer Länge berechneten Weg in der günstigsten Lage herzustellen. Ein tüchtiges und teures Stück Arbeit! Jeder Baum musste mit allen Wurzeln ausgerodet, an beiden Seiten mussten auf fünf Meter Breite alle Bäume niedergeschlagen werden, damit Luft und Sonne den Weg trockneten. Brücken waren eine grosse Anzahl zu bauen, Erdausschnitte und Aufschüttungen in Menge vorzunehmen, Felsen zu sprengen.

Infolge einer Aufforderung in beiden Blumenauer Zeitungen meldeten sich einige 80 Arbeiter; die meisten aus weit entlegenen Tälern, denen die ersten Ansiedler die Namen ihrer alten Heimat gegeben hatten: Selke und Ilse, Bode und Warnowtal usw. Ich erschrak über die grosse Zahl. Sie alle zogen es also vor, bares Geld durch einen mässigen Tagelohn zu verdienen, anstatt in der Fruchtbestellung in ihren Pflanzungen zu arbeiten. Kein gutes Zeichen.

Mein Bruder beruhigte mich Unerfahrenen. "Es ist nicht zu leugnen", sagte er, "dass wir einmal wieder in einer Zeit der Krisis leben. Aber eine solche haben wir schon öfter durchgemacht und jedesmal überwunden. Das sind Kinderkrankheiten aller Ackerbauansiedlungen. Lass dir dadurch den Mut nicht nehmen. Augenblicklich wirst du freilich nicht viel Land verkaufen können; aber bessere Verhältnisse werden bald wieder eintreten".

Es war nicht nur seine Ansicht, sondern auch die von manchem anderen erfahrenen Manne. Also: arbeiten und nicht verzagen!

So wurden denn 20 der bewährtesten Arbeiter ausgewählt und die Weglinien durch den Ingenieur festgelegt. Die Leute schlugen einen Platz frei, richteten ihre mit Palmstroh festgedeckten Hütten her, ihre von Lianen geflochtenen Betten, das Vorratshaus und den Kochplatz, alles von gespaltenen und nebeneinander gesteckten Palmiten, deren Kopfschaft zugleich ein vorzügliches,

Esta foi a minha primeira e grande tarefa. Eu precisava abrir uma estrada através da mata, para demarcar as colônias em ambos os lados da mesma.

Meu irmão tinha bastante experiência sobre isso, ofereceu sua ajuda com o velho e experiente engenheiro Krohberger, para construir sete a oito quilômetros no lugar mais propício. Muito trabalho: duro e caro! Cada árvore precisaria ser retirada e arrancada com suas raízes. Também seria necessário extrair, em cinco metros de largura, todas as árvores em ambos os lados da estrada, para o sol e o ar penetrar e secar o caminho. Inúmeras pontes precisariam ser construídas, além de realizar cortes de morros, mais aterros e dinamitar rochas. Os dois jornais blumenauenses colocaram anúncio para contratar trabalhadores, apresentaram-se aproximadamente oitenta. A maioria veio de vales distantes, aos quais os colonizadores deram nomes de localidades da velha pátria como: vale do Selke, do Ilse, do Warnow, etc. Assustei-me com o número de pessoas. Todos preferiam receber um salário, ao invés de trabalhar a própria terra. Não era um bom sinal.

Meu irmão tranquilizou o inexperiente. "Não podemos negar que estamos vivendo um momento de crise. Muitas vezes já passamos por isso e sempre conseguimos superar. Isso são males de todas as colônias, mas não desanimem. No momento, com certeza não conseguirás vender muita terra, mas logo a situação deverá melhorar."

Este não era somente o ponto de vista dele, mas de muitos homens experientes. Portanto: trabalhar e não esmorecer!

Foram selecionados os vinte melhores trabalhadores, e o engenheiro demarcou o caminho a ser aberto. Os homens limpavam um espaço onde ergueram os barracos com cobertura de folhas de palmito. As camas foram trançadas com cipós, a despensa e a cozinha feitas com ripas de palmito, bem unidas. A parte superior do palmiteiro fornece uma verdura similar ao aspargo. Um jovem, não suficientemente forte para o trabalho

spargelähnliches Gemüse gibt. Die wichtige Rolle des Koches spielte ein junger Mann, der für die schwere Holz und Erdarbeit nicht kräftig genug war. Der Speisezettel bedurfte keiner Überlegung; er war immer derselbe: morgens um 5½ Uhr musste möglichst viel und stark gezuckerter Kaffee fertig sein, dazu ein grosser Topf mit schwarzen Bohnen, welche die ganze Nacht auf dem Feuer gebrudelt hatten. Schlag 6 Uhr begann die Arbeit. Von 11 bis 1 Uhr Mittagspause. Schwarze Bohnen mit Schweinefleisch oder Dörrfleisch zusammengekocht und recht viel extraktschwerer Kaffee zum Nachtsch. Um 6 Uhr Schicht und Abendbrot: schwarze Bohnen mit Reis oder Maniokamehl (farinha), Palmitensalat und recht viel Kaffee zum Nachtsch. Zuckerrohrschnaps wurde nicht geduldet und nicht begehrt. Sonntags, wo selbstverständlich nicht gearbeitet wurde, gab es zu den schwarzen Bohnen ein gutes Stück Braten mit gerösteten Bananen und Kartoffeln oder vergleichen. Viele gingen dann zum Stadtplatz, auch zur Kirche.

Zu den 21 mal in jeder Woche wiederkehrenden schwarzen Bohnen bemerke ich, dass das nicht nur die nahrhafteste, sondern zugleich, richtig zubereitet, die wohlschmeckendste aller Hülsenfrüchte (durchgerührt die denkbar beste Kindernahrung) ist. Sie fehlt auf dem Tische der Brasilianer bei keiner Mahlzeit; auch der Kaiser Don Pedro zog sie allen anderen Gerichten so sehr vor, dass man ihn wohl im Scherze Pedro feijão (spr. Feichon'g), d. h. "Bohnen-Peter" nannte. Wie bei den zum Christentum bekehrten Indiern die vierte Bitte im heiligen Vater-Unser: "gib uns unsern täglichen Reis" lautet, weil sie unser Brot nicht kennen, so könnte sie bei den Brasilianern lauten: "gib uns unsere täglichen schwarzen Bohnen".

Nebenbei bemerkt, ist das eigentliche Nationalgetränk Südamerikas nicht der Kaffee, sondern der Mate. Dieses in Europa fast noch unbekannte Getränk besitzt so vorzügliche Eigenschaften, dass seine allgemeine Benutzung nur eine Frage der Zeit sein kann. Die Blätter und Spitzen eines stechpalmartigen Strauches liefern den Mate oder Paraguay-Tee. Das Gewächs findet sich als Unterholz in der brasilianischen Provinz Parana am stärksten verbreitet; aber

pesado, ficou para o cargo importante de cozinheiro. Não havia problema com o cardápio; era sempre o mesmo: de manhã, às cinco e meia, um café bem forte e muito açucarado deveria estar pronto, juntando-se a isso um panelão de feijão preto, que fervilhou durante toda a noite. Pontualmente às seis horas iniciava o trabalho. Das onze até uma hora: descanso. No almoço: feijão preto, cozido com carne de porco ou carne seca e como sobremesa, bastante café forte. Às seis da tarde, janta: feijão preto com arroz ou farinha de mandioca, salada de palmito e muito café como sobremesa. Cachaça não era tolerada e nem desejada. Aos domingos não se trabalhava e era acrescido um assado com bananas grelhadas ao feijão, batatas e outras coisas mais. Muitos iam ao Stadtplatz e também à Igreja.

Após vinte e uma refeições semanais de feijão preto, eu percebi que não era apenas a mais nutritiva refeição, mas bem preparada, também o mais gostoso de todos os cereais, e, amassado, o melhor alimento infantil. Não faltava em nenhuma refeição dos brasileiros; mesmo o Imperador D. Pedro dava preferência ao feijão preto aos demais pratos, tanto que ele foi apelidado de “Pedro feijão”. Do mesmo modo como os índios convertidos ao cristianismo rezavam o Pai Nosso, “dê nos, nosso arroz de cada dia”, porque desconheciam o nosso pão, assim os brasileiros poderiam dizer “dê nos, nosso feijão de cada dia”.

Uma observação à parte: a verdadeira bebida sul americana não é o café, porém o mate. Essa bebida, praticamente desconhecida na Europa, possui propriedades excepcionais, o consumo generalizado é uma questão de tempo. As folhas e pontas de um arbusto do tipo azevinho fornecem o mate ou chá do Paraguai. Essas plantas baixas são principalmente encontradas nas matas da Província do Paraná; porém também no planalto de São Paulo, Santa Catarina e Rio grande do Sul. Os jesuítas, que trabalharam junto aos índios há duzentos até trezentos anos, informaram que o indígena tomava

auch im Hinterlande von San Paulo, Santa Catharina, Rio Grande do Sul. Die vor 200 bis 300 Jahren unter den Indianern arbeitenden Jesuiten (vergl. S.263) berichten, dass die Ureinwohner diesen Tee täglich tranken, und schreiben ihm eine Kräftigung des ganzen Körpers zu. Sie hielten ihn für so heilsam, dass sie grosse Pflanzungen des Matebaumes (portugiesisch Herva Maté) anlegten.

Man gewöhnt sich nicht leicht an das durch das Rösten der Blätter etwas rauchig schmeckende Getränk. Bald aber zieht man es jedem andern vor. Kein anderes löscht so sehr und so andauernd den Durst; keines fördert so sehr, ohne im geringsten aufzuregen, die Muskelfrische des Reisenden oder Arbeiters. Die brasilianischen Soldaten in dem schrecklichen Paraguay-Kriege hätten ihre übermenschlichen Anstrengungen ohne diesen Tee nicht aushalten können. Zeuge dafür ist kein geringerer als der deutsche Offizier von Versen, der jenen Krieg mitgemacht und in seiner Schilderung diese Tatsache ausdrücklich hervorgehoben hat. (Da er als preussischer kommandierender General in den 90er Jahren starb, ist nicht recht zu verstehen, dass er nicht darauf gedrungen, den Mate in unserem Heere einzuführen).

Selbstverständlich ritt ich fast jeden Morgen in die Velha und kehrte oft abends zurück. Vom alten Kopfweh blieb kein Rest.

Die Arbeit begann im Oktober 1885 und war im März 1886 beendet.

In derselben Zeit liess ich an drei Stellen je zehn Morgen grosse "Rossen" schlagen, d. h. den Urwald niederhauen, brennen und bepflanzen, und lernte dabei von den erfahrensten Leuten die beste Art und Weise subtropischer Agrikultur. Mais, Bohnen, Kartoffeln, Manioka-Aipim, Zuckerrohr gediehen vortrefflich. Auch liess ich im Walde selbst mit Handsägen Bretter, Ständer und Balken schneiden, was mir zehn Jahre nachher für die Kenntnis der Holzsorten und ihre Behandlung bei einer 1½ jährigen unausgesetzten Waldarbeit in einer anderen Gegend Brasiliens manche wertvolle Erfahrung brachte.

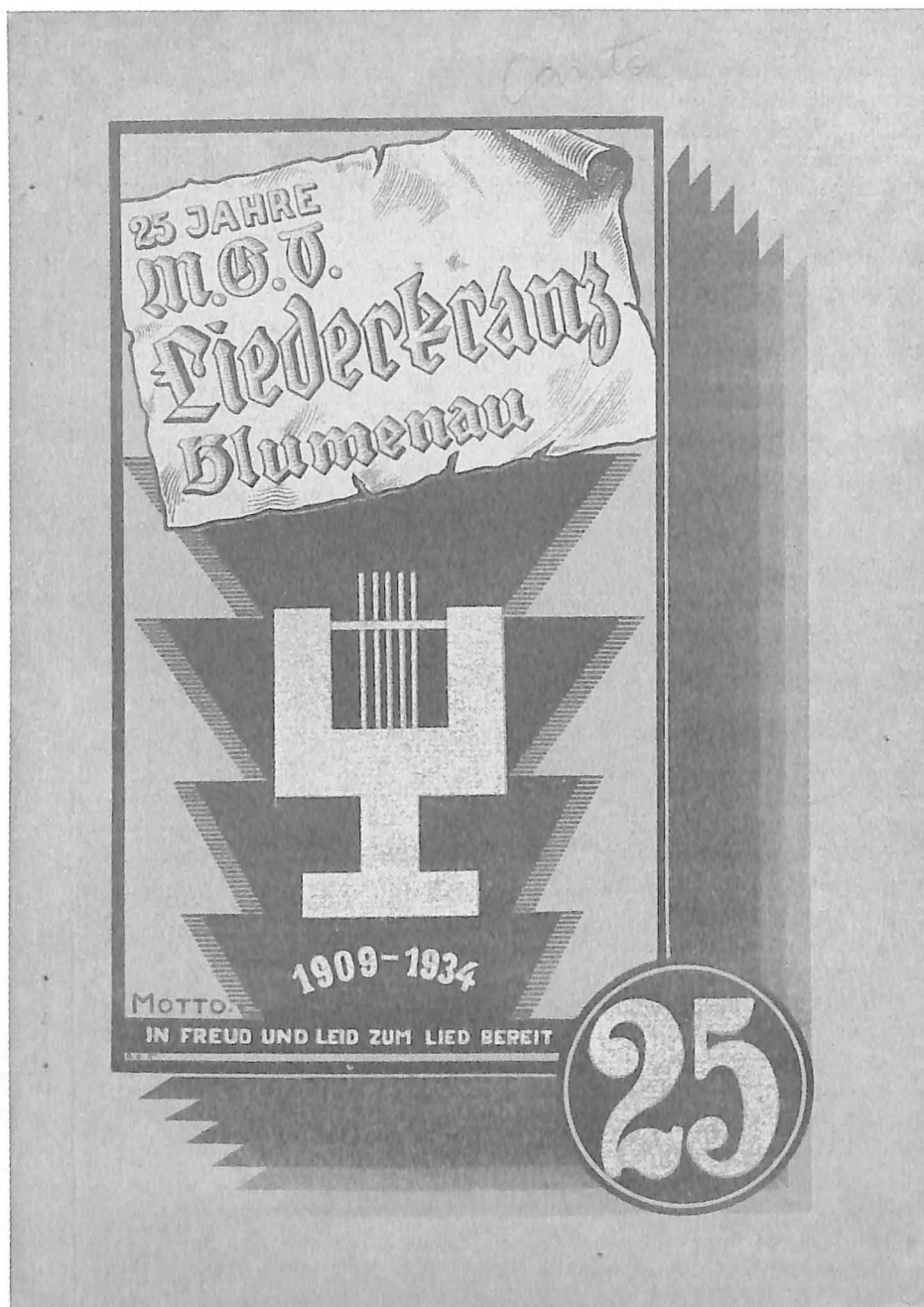
essa bebida diariamente, e atribuem a ela o fortalecimento de todo o corpo. Eles achavam o mate muito saudável e formaram grandes plantações.

Como as folhas são torradas, não é fácil acostumar-se ao paladar, mas logo se prefere essa a outras bebidas. Nenhuma outra bebida sacia a sede durante tanto tempo, nenhuma dá tanta resistência ao viajante e o trabalhador não fica cansado. Os soldados brasileiros, na terrível Guerra do Paraguai não teriam resistido sem esse chá. Testemunha disso se deve ao oficial alemão von Versen, que esteve nesta guerra e narrou com ênfase esse fato. (Ele faleceu como General Comandante da Prússia, e é difícil compreender ele não ter insistido em importar esse produto para o nosso exército).

Eu cavalgava todas as manhãs para a Velha e voltava somente à noite. Não sobrou nada da antiga dor de cabeça.

O trabalho iniciou em outubro de 1885 e findou em março de 1886.

Durante esse tempo derrubamos dez morgos em cada um dos três lugares para formar roças. Foi realizada a queimada, e aprendi com as pessoas mais experientes a melhor maneira de proceder com a agricultura subtropical. Tudo se desenvolvia muito bem: milho, feijão, batatas, aipim e cana-de-açúcar. Também mandei serrar tábuas, pilares e vigas na mata. Dez anos depois, essa experiência foi de extrema utilidade para o tratamento das diferentes espécies de madeira, em uma permanência de um ano e meio de trabalho contínuo na mata, em outra região do Brasil.



A MÚSICA EM BLUMENAU no início da colonização alemã (1863-1937)

A MÚSICA EM BLUMENAU NO INÍCIO DA COLONIZAÇÃO ALEMÃ (1863-1937)

Roberto Fabiano Rossbach¹

Resumo: No início da colonização alemã na região de Blumenau (SC), uma das principais manifestações culturais dos imigrantes foram as Sociedades de Canto. Baseado em documentos textuais manuscritos e impressos, buscou-se esclarecer o papel desses grupos na difusão do movimento cultural local e suas contribuições para a continuação desta tradição que se mantém viva até os dias de hoje, refletida nas atividades associativas, culturais e nas diversas promoções ligadas à cultura alemã.

Palavras-chave: Sociedades de Canto. Cultura alemã. História da música em Santa Catarina.

INTRODUÇÃO

Os primeiros imigrantes alemães chegaram em Santa Catarina em 1829 e se estabeleceram na Colônia São Pedro de Alcântara, atual região da Grande Florianópolis. Posteriormente, em 02 de setembro de 1850, foi fundada a Colônia Blumenau pelo farmacêutico Dr. Hermann Bruno Otto Blumenau, que chegou juntamente com mais dezessete imigrantes alemães, iniciando oficialmente a colonização do Vale do Itajaí.

Paralelamente ao empreendimento de colonização foi

¹ Mestre em Música (Musicologia) pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) e professor de história da música no Curso de Artes, habilitação em Música, da Universidade Regional de Blumenau (FURB). Endereço eletrônico: rofaros@yahoo.com.br, telefone (47) 3378 3871 e 9602 1695.

desenvolvida na Colônia Blumenau uma tendência natural dos imigrantes alemães que era viver em sociedade, com a criação de associações desportivas, recreativas e culturais. Uma destas manifestações culturais eram as Sociedades de Canto (Gesangvereine), coros masculinos amadores que cantavam repertório secular e que se estabeleceram a partir de 1863 na região.

As fontes documentais manuscritas e impressas pesquisadas como jornais, estatutos, atas, correspondências e relatórios, mostram que em Blumenau foram formadas diversas sociedades do gênero, o que influenciou na vida cultural da região com o desenvolvimento de um movimento de canto coral intenso, cuja tradição se mantém viva até hoje.

IMIGRAÇÃO ALEMÃ E CONTEXTO SOCIAL

Nas colônias de imigrantes alemães no Sul do Brasil, o espírito associativo motivou a criação de diversas sociedades culturais. Segundo Flores (1983), este espírito associativo ocorreu não somente pelo grande isolamento social do imigrante no Brasil, mas porque já havia a prática do associativismo cultural na pátria de origem. Segundo Pedrini e Martins (2004, p. 95), “a tendência dos imigrantes europeus radicados no sul do Brasil era viver em comunidade e formar associações” e que além destas, existiam outras manifestações culturais como os “grupos de canto, os teatrais, e aqueles que divulgam o lazer, a cultura, o entretenimento entre os imigrantes” (Ibid, p. 95). Ainda com relação aos objetivos das associações, as autoras destacam que o principal era “difundir o canto, as diversões teatrais, musicais e promover bailes” (Ibid, p. 95).

As Sociedades de Tiro (Schützenvereine), que existiram em todas as áreas de colonização alemã no sul do país, tiveram relevante

papel na vida social, cultural e recreativa dos imigrantes, promovendo o conagração social e refletindo a vida pública da comunidade. Tinham como base a continuação da tradição da velha pátria, que veio como herança social do imigrante, habituado a viver em seu país de origem em grupos organizados pela necessidade de integrarem-se à comunidade (FOUQUET, 1974; PETRY, 1979; SEYFERTH, 1974).

Segundo o historiador de Blumenau, José Ferreira da Silva, imediatamente após a fundação, a vida social na Colônia Blumenau iniciou-se com as reuniões entre as famílias e os encontros nas associações (SILVA, 1971). A base das Sociedades de Tiro Blumenau foi formada em 02 de dezembro de 1859 por ocasião do aniversário do Imperador Pedro II com a primeira Festa do Tiro (Schützenfest). Durante a festa havia sempre a apresentação de uma peça teatral em alguma das noites e ocorria também um desfile pelas ruas em busca do Rei do Tiro, ocasiões em que também se apresentavam as Sociedades de Canto. Segundo Petry, “o ponto máximo de todas essas reuniões era sempre a arte”, pois a festa tornou-se, além do objetivo principal da prática do esporte de tiro ao alvo, um acontecimento de atividades que “concentravam praticamente toda a vida recreativa e cultural dos colonos” (1979, p. 90).

AS PRIMEIRAS REFERÊNCIAS SOBRE MÚSICA EM BLUMENAU

Com a vinda do primeiro pastor evangélico luterano para Blumenau em 1857, a vida musical da Colônia Blumenau começou a florescer. O Pastor Rudolph Oswald Hesse realizou seu primeiro culto em 09 de agosto de 1857, no Barracão dos Imigrantes, local construído para abrigar os colonizadores que chegavam à região. Hesse, além de pastor, também foi cronista, crítico social e artístico, enviando seus artigos para o

jornal de Joinville, no *Jornal Kolonie Zeitung*. Desta forma, ele marcou a vida espiritual, intelectual, social e artística dos primeiros colonizadores de Blumenau, sendo considerado um dos maiores intelectuais da colônia. Sua importância para a música deve-se ao fato de ter sido ele o organizador da primeira sociedade de canto da região (KORMANN, 1995).

Até o momento, a informação mais antiga sobre a música nos primeiros anos de fundação da Colônia Blumenau está em um caderno manuscrito cujo título é *Kanzelnachrichten vom 9.8.1857 bis zum 30.6.1865, O. Hesse, Evang. Pastor der Kolonie Blumenau*², transcrito por Max-Heinrich Flos (1961) e que se encontra no arquivo da Comunidade Evangélica, Paróquia Blumenau – Centro. Neste caderno manuscrito o Pastor Hesse anotava seus comunicados para a comunidade, como o transcrito a seguir, por ocasião de seu primeiro culto em 09 de agosto de 1857, face a uma dificuldade encontrada no que se referia à escolha dos hinos a serem cantados nas celebrações:

Até a introdução de um livro de cânticos comum, solicito sinceramente à comunidade cristã, trazer os hinários que, eventualmente, possuem, para os cultos. Esforçar-me-ei no sentido de escolher somente hinos do conhecimento comum, e que possam ser encontrados em qualquer livro de canto. (HESSE apud FLOS, 1961, p. 61)

O Pastor Hesse, desde o início de seu pastorado, mostrou-se extremamente ativo para organizar seu trabalho com a comunidade cristã e, como se sabe, contribuiria posteriormente para a organização da vida social e cultural da colônia. Em 1859 Hesse convocou uma assembléia para discutir algumas ações referentes à comunidade:

Solicito o comparecimento de todos os habitantes deste nosso vale, quer dizer, não só daqueles que pertencem à Colônia Blumenau propriamente dita, como também de todos aqueles que residem fora e se consideram unidos à

2 Mensagens do púlpito de 9 de agosto de 1857 até 30 de junho de 1865, O. Hesse, Pastor Evangélico da Colônia Blumenau.

nossa comunidade evangélica, a comparecerem, no dia 19 de junho, após o encerramento do culto público, para deliberarem sobre importantes assuntos da nossa igreja, particularmente sobre a contratação de um cantor-mestre para os cultos ... (HESSE apud FLOS, 1961, p. 63).

Havia na época a necessidade de um profissional da música para exercer as atividades musicais na igreja, dentre elas o acompanhamento instrumental dos hinos e a regência do coro. Entretanto, não são precisas as informações referentes à atuação de algum coral evangélico no início da colonização de Blumenau.

No “Guia de instruções aos emigrantes para a Província de Santa Catarina”, Dr. Blumenau salienta a importância dos livros instrutivos e de lazer, considerados um verdadeiro tesouro na vida dos imigrantes e que não deveriam ser esquecidos, sendo a leitura um dos passatempos preferidos. É recomendado não esquecer um livro de canções e os pequenos instrumentos musicais para

proporcionar momentos agradáveis a si mesmo e aos vizinhos. [...] recomenda-se trazer um estoque de cordas para os respectivos instrumentos que, caso sejam valiosos, podem ser resguardados da umidade se foram acondicionados em caixas de folha-de-flandres. Quem quiser trazer um piano forte deve fazê-lo através do porto de São Francisco, pois lá está livre da taxa alfandegária, enquanto em outros portos custa 180 mil-réis. Mas somente as pessoas mais abastadas deveriam trazê-los, porém acondicionados em caixas de lata. Além disso, precisam entender da montagem e afinação dos mesmos, pois aqui é difícil conseguir alguém que conheça o assunto. (BLUMENAU apud FERREIRA; PETRY, 1999, p. 229)

Nota-se nestas recomendações que a vida social da colônia nos princípios da colonização baseava-se nos encontros de famílias e entre elas, sendo a música uma atividade presente nestas ocasiões, pela importância dada em trazerem consigo livros e instrumentos musicais. Portanto, a vida musical dos imigrantes nos primeiros anos na Colônia Blumenau baseava-se na música feita na igreja, em família e nas oportunidades de convívio social.

A ORIGEM DAS SOCIEDADES DE CANTO EM BLUMENAU

No *Kolonie Zeitung*, de 26 de setembro de 1863, o Pastor Hesse comenta que “como previsto, a vida social da Colônia, por meio da reconhecida dedicação do Senhor C. W. Friedenreich, agora se expressa em cultura com o ressurgimento das antigas Sociedades de Canto” (*Kolonie Zeitung*, 26.09.1863). A vida social floresceu na Colônia Blumenau pela necessidade que o imigrante alemão tinha de conviver em grupo. A música sempre se fazia presente nestas ocasiões e o texto de Hesse nos mostra que a reativação de uma atividade como a das Sociedades de Canto, prática comum na Alemanha, teria sido fundamental para impulsionar ainda mais a formação de uma sociedade homogênea, com identidade própria e que preservasse suas antigas tradições.

Ao longo dos anos, várias Sociedades de Canto apareceram em diversas localidades da Colônia Blumenau. As duas primeiras sociedades, Sociedade de Canto Blumenau (*Gesangverein Blumenau*), posteriormente chamada de Germania, e a Sociedade de Canto Amizade (*Gesangverein Freundschafts-Verein*), tiveram reconhecida atuação na vida social da Colônia. No século XX apareceu uma outra sociedade de canto com intensa atuação na região de Blumenau, a Sociedade Masculina Guirlanda de Canções (*Männer Gesangverein Liederkrantz*). A maior quantidade de fontes primárias que foram preservadas sobre a atuação das sociedades de canto em Blumenau refere-se aos três grupos citados, apesar das várias outras associações formadas ao longo dos anos, das quais existem algumas referências.

GESANGVEREIN GERMÂNIA

Em 03 de agosto de 1863 foi fundada a Sociedade de Canto Germania (Gesangverein Blumenau), a primeira Sociedade de Canto da Colônia Blumenau (KORMANN, 1995). Na edição de 03 de outubro de 1863 do jornal *Kolonie Zeitung*, o Pastor Hesse escreveu que “a Colônia Blumenau deu um passo na sua vida espiritual e social: uma Sociedade de Cantores, um grupo de Teatro Amador e uma já importante Sociedade de Atiradores”. Em outro trecho do jornal, Hesse acrescenta ainda que “a Sociedade de Cantores conta inicialmente com vinte associados ativos” (Kolonie Zeitung, 03.10.1863).

Posteriormente, a Sociedade de Canto Blumenau (Gesangverein Blumenau) passou a chamar-se Sociedade de Canto Germânia (Gesangverein Germania)), sob direção musical do Pastor Rudolph Oswald Hesse e presidência do senhor Victor Gärtner. O artigo de Hesse do *Kolonie Zeitung* de 24 de setembro de 1864 descreve a primeira festa de fundação da Sociedade Germania ocorrida em 03 de agosto de 1864. Os festejos foram realizados no Salão de Karl Wilhelm Friedenreich, totalmente decorado para a ocasião, inclusive com medalhões com os nomes dos maiores compositores de canções alemãs. Na entrada encontrava-se a frase de Martinho Lutero: “Wer nicht liebt Weib, Wein und Gesang, der bleibt ein Narr sein Leben lang!” (Quem não ama mulher, vinho e canto, será um tolo toda sua vida) (Kolonie Zeitung, 24.09.1864).

Em 16 de julho de 1884 a Sociedade de Canto Germânia realizou uma reunião com os associados para decidir as condições para continuarem os ensaios do grupo. Conforme a ata da reunião, um dos entraves para a continuação dos ensaios seria o fato de uma grande parcela de associados pertencer à localidade da Velha, longe da região central

(Stadtplatz) onde se formou o primeiro povoado da Colônia e do local de ensaios (AT.GG.02, 1884, f. 1). Consta na ata da reunião seguinte, do dia 30 de julho de 1884, que os ensaios da Germânia foram interrompidos entre os anos de 1882 e 1883, sem menção do motivo da paralisação, mas foi decidido pelos presentes que a sociedade continuaria seus ensaios a partir dessa data (AT.GG.03, 1884, f. 1).

Conforme a ata da assembléia geral de 18 de janeiro de 1888, foram discutidas questões referentes aos festejos de 25 anos de fundação da Sociedade Germânia. Nesta assembléia foi formada uma comissão extra para organizar os festejos, que foram agendados para o dia 03 de agosto de 1888. (AT.GG.06, 1888, f. 1). Conforme Kormann (1995), estes festejos foram a programação mais importante do ano, tendo sido realizado um torneio de canto com sociedades convidadas, dentre elas Sociedade de Canto Frohsinn, Sociedade de Canto Harmonia, Sociedade de Canto Teutônia, Liga de Cantores Masculinos Guirlanda de Canções e Sociedade de Canto Concórdia.

A Sociedade de Canto Germânia atuou em Blumenau desde sua fundação em 1863 até no início do século XX, entretanto, não temos a informação da data de encerramento de suas atividades. A última informação sobre a atuação deste grupo encontra-se em um recibo de pagamento de salário pelos serviços de regência, assinado por Carl Härtel, datado de 15 de julho de 1908 (RCB.02, 1908, f. 1). É provável que os integrantes remanescentes desta sociedade tenham se incorporado a alguma outra sociedade de canto, após a dissolução do grupo.

GESANGVEREIN FREUNDSCHAFTS-VEREIN

Em 02 de abril de 1864, o Pastor Hesse noticiou no artigo do *Kolonie Zeitung* que:

A vida em sociedade se fortifica progressivamente. Além da sociedade da região central, uma outra sociedade de canto foi constituída no alto Itajaí que, como o nome já diz – Sociedade Alegria, possui tendências mais amplas e, como se sabe, sob direção do Senhor Scheidemantel, já conseguiu bons resultados. (Kolonie Zeitung, 02.04.1864)

A Sociedade Alegria (Geselliger Verein) havia sido fundada no alto Itajaí, localidade onde, atualmente, está a região das Itoupavas. Na documentação pesquisada não foram encontradas outras referências à Sociedade Alegria. Existem referências a uma sociedade de canto atuando em conjunto com a Sociedade de Canto Germânia (Gesangverein Germania) no mesmo local do alto Itajaí e também sob a regência do Senhor Scheidemantel, denominada de Sociedade de Canto Amizade (Gesangverein Freundschafts-Verein). Pela coincidência, poder-se-ia presumir que se trata provavelmente da mesma Sociedade com o nome modificado.

Inúmeras correspondências vindas de outras sociedades, convites para programações, como as festas de fundação e outros eventos da Colônia e as diversas atas de assembléias gerais realizadas, nos mostram que a Sociedade de Canto Amizade atuou intensamente na Colônia Blumenau. A última referência ao grupo encontra-se em uma ata de assembléia com data de 24 de setembro de 1881.

SOCIEDADE MASCULINA DE CANTORES GUIRLANDA DE CANÇÕES *MÄNNER GESANGVEREIN LIEDERKRANZ*

Já no século XX, destaca-se outra sociedade de canto com intensa atuação na vida musical de Blumenau, a Sociedade Masculina de Canto Guirlanda de Canções (Männer Gesangverein Liederkrantz), mostrada na fig. 01. Anteriormente chamada de Clube entre Nós (Klub unter uns), foi fundada em 26 de maio de 1909 e anexou-se, em 16 de agosto de 1936, à

Sociedade Teatral e Musical Frohsinn (Theater und Musikvereins Frohsinn) fundada em 15 de março de 1932³, já anteriormente composta pela fusão da Sociedade Teatral Frohsinn, (Theaterverein Frohsinn), fundada em 07 de março de 1885 com o Clube Musical, fundado em 1914. No parágrafo primeiro dos estatutos da Sociedade Teatral e Musical Frohsinn, após a fusão com a Sociedade Masculina de Canto Guirlanda de Canções, observa-se que a finalidade desta Sociedade era “proporcionar aos seus associados convívio e divertimento social por meio da arte teatral, musical e do canto” (EST.TVF, p. 1).

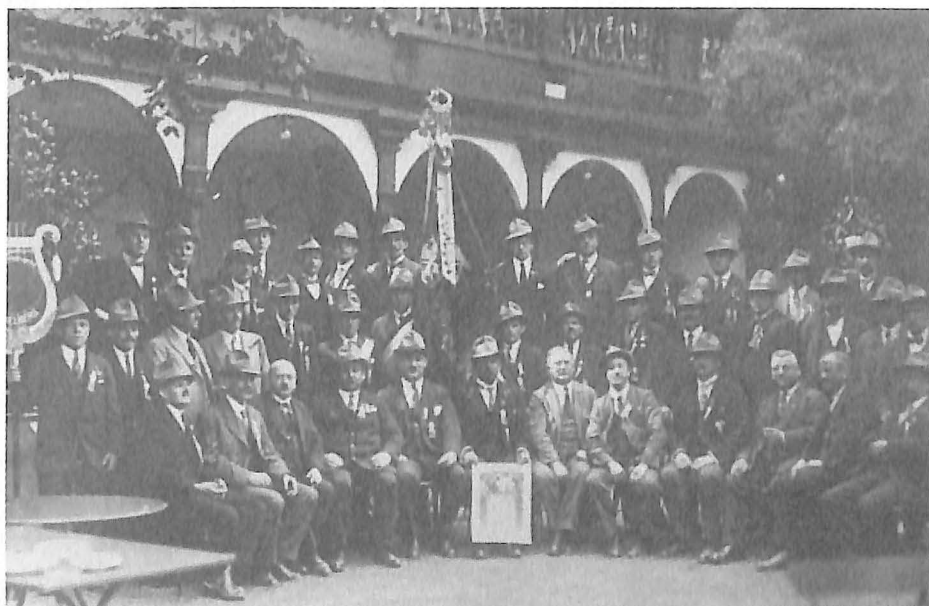


Figura 01 – Sociedade de Canto Liederkranz

Fonte – Arquivo Histórico José Ferreira da Silva – Sociedades Culturais – Diversas – 8.4.1.1a

Em 08 de outubro de 1932 a Sociedade Masculina de Canto

3 A Sociedade Teatral e Musical Frohsinn, constituída pela fusão da Sociedade Teatral Frohsinn, do Club Musical e da Sociedade Masculina de Canto Liederkranz é atualmente a Sociedade Dramático-Musical Carlos Gomes, que adota este nome desde a sua reestruturação em 12 de fevereiro de 1939.

Guirlanda de Canções, sob regência do maestro Heinz Geyer, apresentou um concerto na Sociedade Teatral e Musical Frohsinn, juntamente com a orquestra da sociedade e dois solistas convidados, os cantores Hermann Gönneke e Franz Brack (PRG.01). Um ano e meio mais tarde, em 09 de maio de 1934, foi realizado outro concerto em conjunto com a orquestra, onde foram executadas obras do repertório operístico de Richard Wagner (PRG.02).

OUTRAS SOCIEDADES DE CANTO DE BLUMENAU

Várias sociedades formaram-se ao longo do século XIX e início do século XX em Blumenau, nas diversas localidades da Colônia. No ano de 1871 foi fundada a Sociedade de Canto Harmonia (Gesangverein Harmonie), conforme a nota do *Kolonie Zeitung*, referente ao primeiro aniversário de fundação do grupo em 21 de agosto de 1872 (Kolonie Zeitung, 16.11.1872). Por volta do ano de 1873 surgiu outra Sociedade de Canto na Colônia Blumenau, chamada Sociedade de Canto Concórdia (Gesangverein Concórdia), que realizava seus ensaios na região norte, na localidade de Badenfurt⁴ (Kolonie Zeitung, 11.10.1873).

Em 1873 foi realizada a festa de aniversário de dez anos de fundação da Sociedade de Canto Germânia, conforme a nota do *Kolonie Zeitung* de 11 de outubro deste ano, que relata a participação de três sociedades convidadas para os festejos, dentre elas, a Sociedade de Canto Amizade, a Sociedade Liga dos Cantores Garcia e a Sociedade de Canto Concórdia. A Sociedade de Canto Harmonia também foi convidada para participar da festa, mas não pôde comparecer às festividades. As sociedades presentes participaram ativamente das apresentações individuais e em

4 Atual bairro Badenfurt.

conjunto. A nota do jornal destaca que a Sociedade de Canto Concórdia, que contava com menos de um ano de fundação, realizou sua apresentação individual, o que agradou a todos os presentes (Kolonie Zeitung, 11.10.1873).

Na localidade de Itoupava Norte, atualmente o bairro de mesmo nome, ensaiava a Sociedade Frohsinn (Gesangverein Frohsinn). Na ata da assembléia geral da Sociedade de Canto Germânia (Gesangverein Germânia) de 24 de outubro de 1900, os integrantes desta sociedade discutiram a participação na festa dos vinte e cinco anos de fundação da Sociedade de Canto Frohsinn, cuja decisão foi pela não participação no evento (AT.GG.07, 1900, f. 1). Assim, pode-se concluir que a Sociedade de Canto Frohsinn (Gesangverein Frohsinn), da Itoupava Norte, foi fundada em 1875.

Outra sociedade de canto com o mesmo nome (Frohsinn) atuava na Colônia Blumenau. Na edição de 10 de março de 1900 do jornal Der Urwaldsbote (O Mensageiro da Selva) encontram-se informações referentes à inauguração da torre e dos sinos da Paróquia Evangélica de Rio do Teste⁵, cuja construção da igreja iniciou em 1884. Na ocasião foi realizada uma celebração com a participação do recém-fundado coral masculino, Sociedade de Canto Frohsinn (Gesangverein Frohsinn) de Alto Rio do Teste (Der Urwaldsbote, 10.03.1900).

Conforme os estatutos publicados no Der Urwaldsbote, em 04 de agosto de 1939, verifica-se a existência da Sociedade dos Cantores Garcia I, fundada em 1º. de junho de 1911, sob a denominação de (Männer-

5 Conforme a crônica da Paróquia Evangélica, o Vale do Teste foi colonizado a partir de Blumenau e deu-se por volta de 1862. A colônia chamava-se inicialmente Pomeroda e no decorrer do tempo passou para Pommerode, adotando este nome até a criação do distrito, quando passou a denominar-se Rio do Teste. Em 21 de janeiro de 1949 o distrito de Rio do Teste tornou-se município, recebendo o nome de Pomerode (LIESENBERG, 1983).

Chor Garcia I) (Der Urwaldsbote, 04.08.1939). Apesar de não haver prova documental, Kormann (1995) supõe que este grupo seja a continuidade da Sociedade de Canto Garcia (Gesangverein Sängerbund Garcia), fundado em 10 de agosto de 1865, que participou de diversos eventos ainda no século XIX.

Na localidade de Altona, atualmente o Bairro Itoupava Seca de Blumenau, foi fundada em 1914 a Sociedade Masculina de Canto Concórdia (Männer Gesangverein Eintracht), mostrada na fig. 02. Na foto podemos observar uma placa contendo as datas de 1914 e 1934, tratando-se, possivelmente, de um registro da comemoração de vinte anos de fundação dessa sociedade.



Figura 02 – Männer Gesangverein Eintracht (Sociedade Masculina de Canto Concórdia), de Altona.

Fonte – Arquivo Histórico José Ferreira da Silva – Acervo Fotográfico – Lazer – Música – Cantores (Coral) – 9.1.2.9.

LIGA DE CANTORES VALE DO ITAJAÍ (*SÄNGERBUND ITAJAHYTAL*)

O espírito associativo entre as sociedades de canto de Blumenau já estava presente nas diversas ocasiões das festas de fundação, onde ocorriam pequenos encontros de cantores. Em 03 de agosto de 1888, a Sociedade de Canto Germânia festejou seu 25º aniversário de fundação, com a presença de 6 Sociedades de Canto convidadas. Essa festa foi considerada a primeira grande festa de cantores de Blumenau. No relatório sobre este evento, consta a participação das Sociedades de Canto Frohsinn, Harmonia (Encano)⁶, Teutonia (Timbó), Liederkranz (Weissbach)⁷ e Concordia (Badenfurt) saudadas pela Sociedade de Canto Germânia com uma canção de acolhida. Após a recepção ocorreu uma marcha até o salão da Sociedade de Atiradores, onde ocorreram as apresentações individuais das sociedades de canto e foram executadas canções em conjunto, terminando as festividades com um grandioso baile (REL.01, 1888).

Os diversos encontros de cantores ocorreram constantemente até que em 1915 houve a iniciativa de realizar uma grande festa de cantores para fundar uma federação, a Liga dos Cantores do Vale do Itajaí, porém a participação do Brasil na Primeira Guerra Mundial impediu o festival. No entanto, em 07 de março de 1920, foi criada a Liga de Cantores, sob a direção de Otto Abry, que promovia concursos de canto com disputas de vários prêmios e taças e que viria a influenciar no desenvolvimento cultural de toda a região do Vale do Itajaí (KILIAN, 1950).

A primeira festa de cantores foi promovida pela Sociedade Masculina de Canto Concórdia (Männer Gesangverein Eintracht) da localidade de Altona. No relatório de Emil Wörner (REL.02, 1920) consta

⁶ Atual bairro de Indaial.

⁷ Atual bairro de Blumenau.

que na manhã de 07 de março de 1920 muitos cantores aglomeraram-se defronte ao salão da Sociedade Teutonia com a chegada dos participantes do encontro. Após a saudação do Senhor Abry, em nome da sociedade de canto anfitriã, foi lido um telegrama do Governador do Estado com votos de sucesso para o evento, e o regente geral da liga Max Humpl forneceu diversas orientações referente ao programa da festa. Era comum na manhã das festas de cantores a realização de um desfile das sociedades de canto participantes do encontro, cada uma com sua bandeira, em direção ao local das apresentações (fig. 03).



Figura 03 – Desfile de cantores da Sängerbund Itajahytl, 1920.

Fonte – Arquivo Histórico José Ferreira da Silva – Acervo Fotográfico – Lazer – Música – Cantores (Coral) – Desfiles – 9.1.2.1.5a

Na primeira festa em 20 de março de 1920 ocorreram as competições de canto entre as sociedades participantes, seguidas da premiação, na qual a Sociedade Masculina de Canto Guirlanda de Canções de Blumenau recebeu uma taça de honra da Sociedade Masculina de Canto

Guirlanda de Canções. A sociedade que recebeu o primeiro diploma de honra foi a Liga de Cantores de Brusque (Sängerbund Brusque), e os segundo, terceiro e quarto diplomas foram concedidos às Sociedades Neuberlin, Lyra Indayal e Sociedade de Canto Garcia, respectivamente. Outros prêmios foram distribuídos para as Sociedades de Canto Encano (Liedertafel Encano), Lyra Mulde, Cruzeiro do Sul e Rio do Sul (Südarm). (REL.02, 1820).

As premiações eram distribuídas com base no desempenho das sociedades e o estabelecimento de categorias, e os grupos eram divididos em sociedades coloniais e sociedades municipais. A partir da festa de 29 de março de 1923, surgiu uma outra categoria, a de coros mistos, conforme o relatório da 4ª festa realizada em Brusque (REL.05, 1923).

De acordo com os relatórios das festas de cantores da Liga de Cantores do Vale do Itajaí, após a primeira festa de cantores, em 1920, foram realizadas outras promoções em diversas localidades do Vale do Itajaí.

As festas de cantores tornaram-se eventos importantes na vida musical de Blumenau, movimentando intensamente a sociedade. A participação de grupos filiados à liga era intensa, apesar das dificuldades a serem enfrentadas para chegarem ao local da festa, como o tempo ruim e as viagens longas. Anualmente, diversas sociedades da região participavam do evento, como na 3ª festa, quando se reuniram cerca de 300 cantores, no dia 19 de março de 1922, em Blumenau (REL.04, 1922).

Baseado nos relatórios consultados das 11 festas de cantores pode-se verificar uma grande quantidade de Sociedades de Canto em atividade na região de Blumenau. O 10º encontro das Sociedades de Canto filiadas à Liga de Cantores do Vale do Itajaí, realizado em 14 de maio de 1933, esteve sob a batuta do maestro Heiz Geyer, como regente geral da Liga e contou com a participação de 24 sociedades (fig. 04).

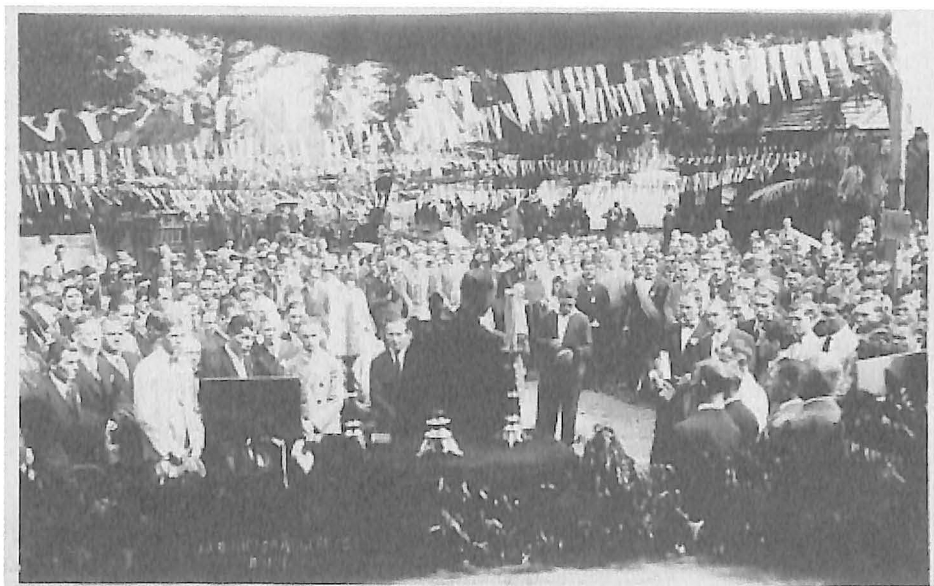


Figura 04 – Décima Festa de Cantores da Sängerbund Itajahytl, 1933.

Fonte – Arquivo Histórico José Ferreira da Silva – Acervo Fotográfico – Lazer – Música – Cantores (Coral) – Desfiles – 9.1.2.2.1b

Não foi encontrado o relatório da 11^a. festa de cantores da Sociedade de Cantores do Vale do Itajaí, entretanto, em 1934 a Sociedade Masculina de Cantores Guirlanda de Canções realizou sua festa de vinte e cinco anos de fundação e inauguração de sua nova bandeira. Como mostra a figura 05, foi realizada uma grande festa com a participação de diversas sociedades e um desfile pelas ruas da cidade. Possivelmente este evento comemorativo foi o encontro da liga de cantores deste ano.



Figura 05 – Desfile Comemorativo aos 25 anos de fundação e inauguração da bandeira da Männer Gesangverein Liederkranz, em 1934.

Fonte – Arquivo Histórico José Ferreira da Silva – Acervo Fotográfico – Lazer – Música – Cantores (Coral) – Desfiles – 9.1.2.1.3b.

A última festa de cantores da Liga de Cantores do Vle do Itajaí foi realizada em 06 de junho de 1937. Com a Segunda Guerra Mundial os encontros foram novamente interrompidos devido à Campanha de Nacionalização, que impediu a utilização do idioma alemão no Brasil. Sobre a paralisação das atividades culturais dos imigrantes alemães, Kormann salienta que:

Foi muito penoso para os alemães o canto emudecido, já que através do mesmo extravasavam suas alegrias e tristezas, enfim tudo o que o coração sentia. Na época, uma rede de sociedades de canto estendia-se sobre toda a Colônia, e era gratificante depois de cada dia de árduo trabalho encontrarem-se os velhos e os novos para juntos elevarem o espírito através do canto. Quando as barreiras do estado de guerra caíram, em toda parte os ensaios começaram com grande vitalidade... (KORMANN, 1995, p. 216)

Mesmo com a paralisação das atividades das sociedades de canto devido à Segunda Guerra Mundial, o maestro Heinz Geyer continuou a reunir músicos e cantores, apresentando programas que não feriam os ideais nacionalizadores. Após o término da guerra, Geyer reuniu os remanescentes dos antigos corais, para formarem o grande coral da Sociedade Dramático-Musical Carlos Gomes, anteriormente chamada de Sociedade Teatral e Musical Frohsinn (KORMANN, 1995).

CULTURA E PRESERVAÇÃO DE TRADIÇÕES

Segundo Middleton (2003), a concepção de cultura está ligada a um sentimento nacional em que uma pessoa tem uma cultura e seu valor é incomensurável com qualquer outra, um atributo universal da humanidade, sendo o que é aprendido e cultivado. Na idéia de Willems (1980) a cultura abraça todas as atividades criativas, educacionais e artísticas da sociedade, integradas ao contexto e sendo assim, uma prática coletiva.

Na perspectiva de Williams (apud BEARD; GLOAG, 2005), cultura é um processo fluido que inclui fases e variações onde coexistem os elementos do passado inclusos em qualquer cultura e a prática cultural emergente. Na contemporaneidade, o lugar dos elementos do passado é profundamente variável, pois está reconstruído no presente e aberto para a mudança. Na prática cultural emergente, novos significados e valores, novos relacionamentos são continuamente criados. Na música também se aplica a mesma perspectiva de que cultura é um processo fluido, pois é uma arte que envolve um reflexo do passado (tradição), existe em todos os contextos culturais e os diferentes tipos de música refletem diferentes culturas.

Conforme a idéia de cultura verificada na literatura estudada,

sendo esta um atributo universal e uma prática coletiva construída a partir do cultivo das atividades da sociedade integradas com o contexto, o imigrante alemão trouxe para a nova pátria uma bagagem de costumes resultantes do meio em que foi socializado. Dentre vários costumes preservados estava o associativismo, representado pelas diversas associações formadas desde os primeiros anos da chegada de imigrantes em terras a serem colonizadas.

Atualmente os coros em atividade em Blumenau e região, ligados às inúmeras sociedades de caça e tiro, recreativo-culturais ou comunidades religiosas, possuem uma parte de seu repertório na língua alemã, com o intuito de preservar as tradições de seus antepassados, e outra parte do repertório composto por canções em português ou outras línguas. Como existe em Blumenau uma preocupação por parte dos descendentes dos colonizadores com a preservação da cultura de seus antepassados, temos até hoje a preservação da língua alemã, do associativismo e das manifestações artísticas, refletidas nos inúmeros eventos ligados à cultura alemã promovidos na região. Alguns elementos das antigas sociedades de canto são observados na atualidade, como a finalidade do entretenimento entre os participantes, o caráter amador e a relação entre os grupos refletida nas atividades da Liga Recreativa e Cultural Vale do Itajaí, composta por dezenas de coros, que promove até hoje dois encontros anuais de coros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme os documentos analisados, a finalidade principal destas associações era promover o entretenimento social, colocando a prática musical coral de certa forma em segundo plano. Assim, o canto tornou-se um pretexto para alcançar objetivo de reunir grupos de imigrantes e desenvolver uma tendência natural do imigrante em conviver em

sociedade. Em conformidade com a abordagem de Babow (1954) sobre sua pesquisa nos Estados Unidos, as sociedades de canto de Blumenau também satisfaziam uma necessidade de pequenos grupos de pessoas, distantes de suas origens, em preservar seus costumes e sua língua materna, criando uma identidade e uma consciência nacional e mantendo uma ligação com a velha pátria.

A criação das sociedades de canto na região de Blumenau no início da colonização permitiu não somente o desenvolvimento e a preservação da cultura dos imigrantes, mas também tornou a atividade de canto um pretexto para o relacionamento social em um contexto desfavorável. Seu papel ainda foi manter viva a ligação com a antiga pátria de origem, representada nas temáticas das canções e pela manutenção do idioma alemão. A manutenção desta tradição, que se mantém viva até hoje, reflete a necessidade que existe na região de manter o patrimônio cultural dos seus antepassados.

Devido aos esforços em preservar os valores culturais, hoje muitas das características observadas nos grupos pesquisados são encontradas nos coros em atividade na região. O exemplo de Blumenau, em sua preocupação em manter as tradições, foi disseminado em várias outras regiões do Estado de Santa Catarina, o que se observa nas diversas promoções realizadas com relação à cultura dos imigrantes alemães.

REFERÊNCIAS

BABOW, Irving. **The Singing Societies of European Immigrants**. Phylon, Atlanta (USA), v. 15, n. 03, p. 289-295, 1954. Clark Atlanta University. Disponível em: <http://links.jstor.org/sici?sici=0885-6818%28195433%2915%3A3%3C289%3ATSSOEI%3E2.0.CO%3B2-5&size=LARGE&origin=JSTOR-enlargePage>. Acesso em: 24 nov, 2007.

BEARD, David; GLOAG, Kenneth. **Musicology: The Key Concepts**. London. New York: Routledge. 2005.

FERREIRA, Cristina; PETRY, Sueli Maria Vanzuita. (Org.). **Um alemão nos trópicos: Dr. Blumenau e a política colonizadora no sul do Brasil**. Blumenau: Cultura em Movimento: 1999.

FLORES, Hilda Agnes Hübner. **Canção dos imigrantes**. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 1983.

FLOS, Max-Heinrich, Pastor. **Nossos pais: um livrinho que conta da nossa história centenária**. São Leopoldo (RS): Rotermond, 1961.

FOUQUET, Carlos. **O imigrante alemão e seus descendentes no Brasil: 1808-1824-1974**. São Paulo, Instituto Hans Staden e Federação dos Centros Culturais 25 de Julho, 1974.

Kolonie Zeitung, Joinville, 1863-1942.

KILIAN, Frederico. Sociedades e Associações em Blumenau. In: Livro do **Centenário de Blumenau**: 1850 – 02 de setembro – 1950. Blumenau: Comissão de Festejos, 1950, p. 338-345.

KORMANN, Edith. **Blumenau: arte, cultura e as histórias de sua gente (1850-1985)**. Florianópolis: Paralelo 27, 1995, 4v.

MIDDLETON, Richard. Music Studies and the Idea of Culture In: CLAYTON, Martin; HERBERT, Trevor; MIDDLETON, Richard. **The Cultural Study of Music: a critical introduction**. New York. London: Routledge, 2003.

PEDRINI, Dalila Maria; MARTINS, Ana Paula. As relações entre mulheres e homens no associativismo civil em Blumenau. In: In: SHERER-WARREN, Ilse; CHAVES, Iara Maria (orgs.) **Associativismo civil em Santa Catarina: trajetórias e tendências**. Florianópolis: Insular, 2004. p. 87-101.

PETRY, Sueli Maria Vanzuita. **Os Clubes de Caça e Tiro em Blumenau**. Dissertação de mestrado. UFSC, 1979.

SEYFERTH, Giralda. **A colonização no Vale do Itajaí-Mirim**. Porto Alegre: Editora Movimento, 1974.

SILVA, José Ferreira da. Sociedades de Canto. **Revista Blumenau em Cadernos**, Blumenau, v. 12, n. 05, p. 97-98, mai. 1971.

WILLEMS, Emílio. **A aculturação dos alemães no Brasil: estudo antropológico dos imigrantes alemães e seus descendentes no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1980.

Jornais

Der Urwaldsbote, Blumenau, 1893-1941.

Kolonie Zeitung, Joinville, 1863-1942.

Documentos manuscritos

AT.GG.02. **Ata de reunião da *Gesangverein Germania***. Fred. Raabe, s/l [Blumenau], 16 de julho de 1884. Em alemão. Original no Arquivo Histórico José Ferreira da Silva (AHJFS). Fundo Memória da Cidade, Coleção Dossiê: 9 – Cultura, Protokollbuch des Gesangvereins Germania.

AT.GG.03. **Ata de reunião da *Gesangverein Germania***. Fred. Raabe, s/l [Blumenau], 30 de julho de 1884. Em alemão. Original no AHJFS. Fundo Memória da Cidade, Coleção Dossiê: 9 – Cultura, Protokollbuch des Gesangvereins Germania.

AT.GG.06. **Ata de reunião da *Gesangverein Germania***. [Fr. Raabe], Bl. [Blumenau], 18 de janeiro de 1888. Em alemão. Original no AHJFS. Fundo Memória da Cidade, Coleção Dossiê: 9 – Cultura, Protokollbuch des Gesangvereins Germania.

AT.GG.07. **Ata de reunião da *Gesangverein Germania***. Paul Hering, Blumenau, 24 de outubro de 1900. Em alemão. Original no AHJFS. Fundo Memória da Cidade, Coleção Dossiê: 9 – Cultura, Protokollbuch des Gesangvereins Germania.

REL.01. **Relatório da primeira grande festa de cantores em Blumenau (*Das erste grosse Sängerfest in Blumenau*)**. S/a, s/l [Blumenau], 1888. Em alemão. Versão datilografada disponível no AHJFS. Fundo Memória da Cidade, Coleção Dossiê: 9 – Cultura – Série Sociedade, classificação 9.12.7, doc. 03.

REL.02. **Relatório da 1ª. festa de cantores (*Bundessängerfest*) da Liga de Cantores Vale do Itajaí (*Sängerbund Itajahytl*)**. Emil Wörner, Altona (Blumenau), 07 de março de 1920. Em alemão. Versão datilografada disponível no AHJFS. Fundo Memória da Cidade, Coleção Dossiê: 9 – Cultura, Documentos da Liga de Cantores Vale do Itajaí.

REL.04. **Relatório da 3ª. festa de cantores da *Sängerbund Itajahytl***. Emil Wörner, Blumenau, 19 de março de 1922. Em alemão. Versão datilografada disponível no AHJFS. Fundo Memória da Cidade, Coleção Dossiê: 9 – Cultura, Documentos da Liga de Cantores Vale do Itajaí.

REL.05. **Relatório da 4ª. festa de cantores da *Sängerbund Itajahytl***. Emil Wörner, Brusque, 29 de março de 1923. Em alemão. Versão datilografada disponível no AHJFS. Fundo Memória da Cidade, Coleção Dossiê: 9 – Cultura, Documentos da Liga de Cantores Vale do Itajaí.

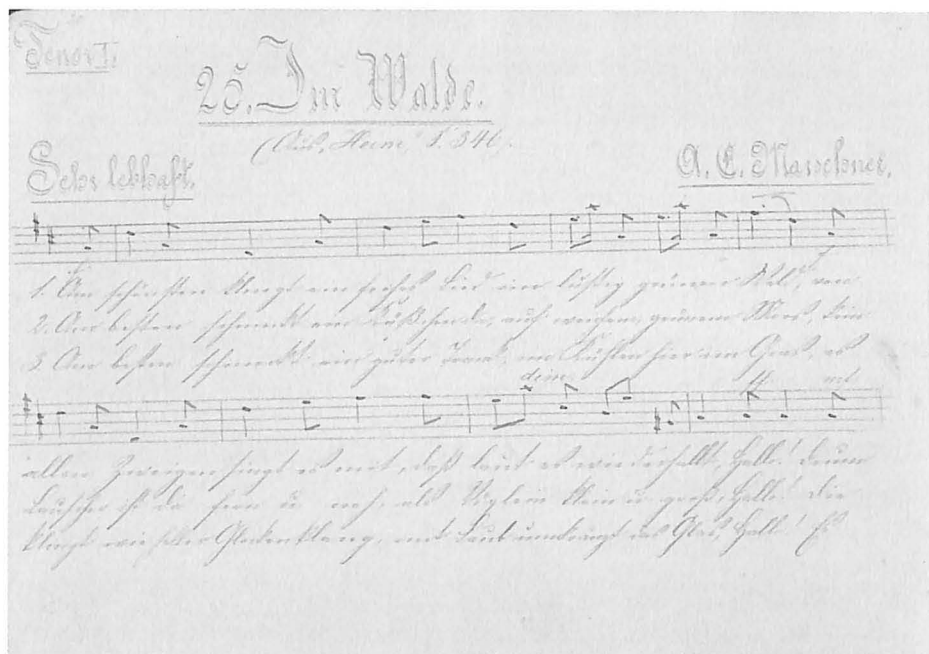
RCB.02. **Recibo de pagamento do regente da *Gesangverein Germania***, Carl Härtel, Blumenau, 15 julho de 1908. Em alemão. Original no AHJFS. Fundo Memória da Cidade, Coleção Dossiê: 9 – Cultura, Protokollbuch des Gesangvereins Germania.

Documentos impressos

EST.TVE. Estatutos da Sociedade Dramático-Musical “Frohsinn”. S/a, Blumenau, 13 de Junho de 1932. Em alemão e português, não paginado, no AHJFS. Fundo Memória da Cidade, Coleção Dossiê: 9 – Cultura, sub-grupo 9.11.1 – Teatro, classificação 9.11.1.2.1, cx. 01, doc. 02.

PRG.01. Vokal- und Instrumental-Konzert S/a, [Blumenau], 08 de outubro de 1932. Em alemão, no AHJFS, Fundo Memória da Cidade, Coleção Dossiê: 9 – Cultura, sub-grupo 9.11.1 – Teatro, classificação 9.11.1.2.5, cx. 01, doc. 09.

PRG.02. Vereinskonzert. S/a, Blumenau, 09 de maio de 1934. Em alemão, no AHJFS, Fundo Memória da Cidade, Coleção Dossiê: 9 – Cultura, sub-grupo 9.11.1 – Teatro, classificação 9.11.1.2.5, cx. 01, doc. 12.



De fiéis alemães no exterior:
CANÇÕES EM LÍNGUA ALEMÃ
 e o fomento da germanidade no
 Rio Grande do Sul

DE FIÉIS ALEMÃES NO EXTERIOR: CANÇÕES EM LÍNGUA ALEMÃ E O FOMENTO DA GERMANIDADE NO RIO GRANDE DO SUL¹

Imgart Grützmann²

Entre o final do século XIX e a primeira metade do século XX intensificou-se no Rio Grande do Sul a difusão do germanismo, “uma ideologia e uma prática de defesa da germanidade das populações de origem alemã” (Gertz, 1991, p.32), “de caráter etnocêntrico” (Seyferth, 1989, p.126), tributária da *völkische Ideologie* (Ideologia étnica), em vigor, neste período, na Alemanha³. No germanismo, *Deutschtum* ou “*Volkstum* é tudo o que concerne à filiação de um determinado povo. Assim, raça, língua, costume, hábito e índole”⁴ (Raunneger, 1937, p.7). Este processo de construção e preservação da identidade e da diferença dos imigrantes e de seus descendentes aqui residentes, baseado na máxima “recorda-te que és um alemão”⁵ (Fischer, 1924, p.39), encontra-se explícito em *Schwur* (Juramento), de Karl Heinrich Oberacker (1924, p.1):

1 Esta comunicação retoma aspectos da minha tese de doutorado “A mágica flor azul: a canção em língua alemã e o germanismo no Rio Grande do Sul”, defendida na PUCRS, em 1999.

2 Doutora em Letras pela PUCRS com estágio de doutoramento-sandwich no Institut für Kulturanthropologie und europäische Ethnologie da Johann Wolfgang Goethe-Universität Frankfurt am Main. Professora-adjunta da Faculdade de Letras da UFPel.

3 A este respeito cf. MOSSE, Georg L. *Ein Volk, ein Reich, ein Führer*. Die völkischen Ursprünge des Nationalsozialismus. Frankfurt am Main: Athenäum, 1979; PAIVA, César. *Die deutschsprachige Schulen in Rio Grande do Sul und die Nationalisierungspolitik*. (Doutorado em Filosofia), Hamburg, Universität-Hamburg, 1984.

4 “*Volkstum* ist all das, was zur Zugehörigkeit zu einem bestimmten Volk gehört. Also Rasse, Sprache, Brauch, Sitte und Art”.

A tradução desta fonte em língua alemã, bem como das demais utilizadas ao longo do trabalho, foi efetuada pela autora desta comunicação.

5 „Gedenke, dass du ein Deutscher bist!”

O olhar retrospectivo
E o sagrado juramento
Aos antepassados no túmulo:
“Alemães queremos permanecer
Como eles
Na felicidade e no infortúnio”.

Den Blick zurück
Und heil’gen Schwur
Den Vätern in der Erde:
“Deutsch woll’n wir bleiben,
So wie sie.
In Glück und Beschwerde”.

O olhar para frente
Com a determinação:
“Nós conservaremos todos os bens
Que herdamos da grei dos antepassados
Como vigorosos guardiões”.

Den Blick voraus
In dem Entschluss:
“Wir werden alle Güter,
Die uns die Väter Schar vererbt
Bewahren als starke Hüter”.

Os articuladores deste processo de preservação da germanidade, no qual os termos permanecer, conservar e herdar, tiveram importância capital, posicionavam-se contra todo e qualquer tipo de transformação da identidade e do modo de ser dos imigrantes e de seus descendentes. O chamado abasileiramento (*Verbrasilianerung*) era desprezado, pois trazia consigo “todas as conseqüências horríveis de uma cultura corrompedora do caráter” ⁶ (Funcke, 1932, p.125).

Este processo e suas práticas foram colocados em ação por uma intelectualidade de origem alemã, da qual faziam parte, entre outros, pastores evangélicos, jornalistas, professores e lideranças étnicas. Estes articuladores do germanismo se valeram de diferentes suportes da palavra escrita, entre eles jornais, almanaques (*Kalender*), revistas, livros didáticos e brochuras comemorativas (*Festschriften*), para difundirem suas concepções acerca da identidade dos imigrantes e de seus descendentes e do posicionamento deste grupo em relação à Alemanha e ao Brasil. Com intuito de fomentar a germanidade e os laços de pertencimento à Alemanha, foram mobilizados, nestes suportes, diversas modalidades de textos, entre

⁶ “Allen hässlichen Folgen einer Charakter verderbenden Kultur”.

eles a canção alemã (deutsches Lied) e/ou canção popular alemã (deutsches Volkslied), termos usados nas fontes analisadas, na maioria das vezes, como sinônimos, inclusive para as produções feitas no Brasil. O empenho em torno da canção foi visível na imprensa em língua alemã, como ilustra a seguinte citação, na qual se coloca em destaque essa forma literária no âmbito de outros gêneros, outras formas e literaturas, inclusive a brasileira:

Desaparece assim lentamente a língua alemã no uso cotidiano em casa, mas, mesmo assim, permanece algo vivo porque a nova Heimat [terra natal ou querência] não está em condições de oferecer algo semelhante – e este algo é a canção alemã. Caso se queira nos dias de hoje manter o nosso Deutschtum no Rio Grande do Sul, assim o melhor meio para isso é: cultivo do canto alemão⁷. (Lücken, 1925, p.1)

Sua presença nas publicações decorreu, em parte, da idéia, defendida no germanismo, de que “a canção alemã [era] o mais inerente Volkstum alemão”⁸ (Black, 1929, p.98). Um outro argumento aventado por articuladores deste ideário para o emprego da canção concernia ao poder de atuação desta forma literária sobre o ser humano, razão pela qual, em sua ótica,

torna-se imprescindível que a nossa canção popular alemã, como auxiliadora e estimuladora do nosso sentimento alemão e da nossa consciência étnica alemã, seja praticada diligentemente por meio do canto a uma só voz [...] O cultivo da canção popular é necessário, ela vivifica o sentimento alemão, eleva a vida alemã em conjunto, fortifica a consciência de que sou de sangue alemão. Ela sacudirá a assustadora tibieza do sentimento de clã daqueles que descendem de pais alemães [...] todos nós os descendentes de pais alemães, nascidos lá ou aqui, nos

7 „Verschwindet so langsam die deutsche Sprache aus dem täglichen Hausgebrauch, so bleibt aber etwas leben, weil die neue Heimat nicht in der Lage ist, etwas ähnliches zu bieten, - und dieses Etwas ist das deutsche Lied. Will man unser Deutschtum in der heutigen Zeit in Rio Grande do Sul erhalten, so ist das beste Mittel dazu: Pflege des deutschen Gesanges!“

8 “Das deutsche Lied, ureigenstes deutsches Volkstum”.

sintamos irmanados e cientes de que “nós temos uma
essência alemã.”⁹ (Aspas do autor) (Wustrow, 1916, p.2)

Esta discussão sobre a importância e o papel da canção alemã e/ou canção popular alemã, embasada em categorias romântico-nacionalistas alemãs¹⁰, na preservação da germanidade dos imigrantes e de seus descendentes no Rio Grande do Sul e dos seus laços de pertencimento à Alemanha, não se restringiu aos textos teóricos¹¹, que estabeleciam as particularidades desta forma literária. Englobava também uma atividade de produção, seleção e de difusão de canções alemãs e em língua alemã, a qual ganhou visibilidade em almanaques, brochuras comemorativas, livros didáticos e, principalmente, em cancionários (Liederbücher). O conjunto das canções publicado nestes suportes procedia principalmente da literatura alemã do século XIX e de autores integrantes da literatura de expressão alemã produzida no Brasil, notadamente a partir do início do século XX.

Neste artigo pretende-se analisar algumas canções alemãs e em língua alemã divulgadas em publicações afinadas com o germanismo. Diante dessa perspectiva, ficaram de fora da análise as canções e publicações, que circularam no Rio Grande do Sul até 1941, mas não foram diretamente acionadas neste processo de construção e afirmação da germanidade, promovido pelos articuladores do germanismo.

9 “Es ist notwendig, dass unsere deutsches Volkslied, als Miterhalter, als Mithochhalter unseres deutschen Gefühls, unseres deutschen Volksbewusstsein fleissig im einstimmigen Gesang geübt wird [...] Die Pflege des deutschen Volksliedes ist notwendig, es belebt das deutsche Gefühl, es hebt das deutsche Verkehrsleben, es stärkt das Bewusstsein, ich bin deutschen Blutes. Es wird die erschreckliche Lähmung bei manchen, die von deutschen Eltern stammen, in ihrem Stammesgefühl aufrütteln [...] Alle, die wir von deutschen Eltern stammen, drüben oder hüten geboren, werden uns eins fühlen in dem Bewusstsein: wir sind deutscher Art”.

10 A este respeito cf.: BRUGGE, Ilse de (org.) *Johann Gottfried Herder: poesia y lenguaje*. Buenos Aires: Facultad de Filosofía y Letras, 1950.

11 Cf. GRÜTZMANN, Ingrid. *A mágica flor azul: a canção em língua alemã e o germanismo no Rio Grande do Sul*. (Doutorado em Letras), Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 1999.

No âmbito do germanismo, uma das modalidades utilizadas para a preservação da germanidade dos imigrantes e de seus descendentes e os seus laços de pertencimento à Alemanha foi a publicação de canções centradas na valorização e no cultivo de atributos do ser humano de origem alemã, considerados, neste ideário, identificadoras e diferenciadoras dos alemães, como explicita o seguinte apelo:

Permaneça fiéis às virtudes alemãs! Deixai que a pureza do coração e a devoção, a castidade, a fidelidade, a franqueza e a veracidade, a seriedade, a lealdade, a diligência e a perseverança, a valentia e a simplicidade continuem a ser a vossa glória; as marcas através das quais, os outros vos reconhecerão como alemães. (Dietlieb, 1909, p.35-36)

Este conjunto de virtudes alemãs encontra-se exemplificado na canção *Deutscher Trost*¹² (Consolo alemão), composta em 1813, da autoria de Ernst Moritz Arndt, um dos mais representativos e atuantes escritores do movimento nacionalista na Alemanha da primeira metade do século XIX. Nela, se aponta um catálogo de virtudes alemãs no modo imperativo, à semelhança dos mandamentos religiosos. Os leitores são aconselhados a se afastarem de certas atitudes como a mentira, a inconsistência, a astúcia e a sutileza, condenáveis do ponto de vista moral e social, porque conduzem seus praticantes ao ridículo pela apropriação de atributos estrangeiros:

Coração alemão, não fraquejes!
Faze, o que diz a tua consciência,
Esse raio da luz celeste:
“Age corretamente e nada temas”.

Deutsche Herz, versage nicht!
Tu was dein Gewissen spricht,
Dieser Strahl des Himmelslicht:
“Tue recht und fürchte nichts”.

Não construas sobre garridas aparências,
A mentira e o engano te são por
demais sutis

Baue nicht auf bunten Schein,
Lug und Trug is dir zu fein,

¹² A canção foi publicada na íntegra no *Lesebuch für Schule und Haus*, organizado por Wilhelm Rotermund. No *Liederbuch*, organizado por J. A. Friedrichs, constam apenas quatro estrofes da canção.

Não te caem bem a astúcia e
a dissimulação,
A fineza torna-se para ti fútil jactância.

Schlecht gerät dir List und Kunst,
Feinheit wird dir eitel Dunst (Aspas do
autor) (Arndt, 1927, p.55)

A este conjunto de atitudes a canção contrapõe um outro rol
de atributos que seriam próprios dos alemães, que remetem à origem do
povo alemão por meio da denominação teuto (tütsche-teuto) (Poliakov,
1974, p.68):

Mas a digníssima fidelidade
E o amor que não se acaba,
Simplicidade, humildade e honradez
Ajustam-se a ti, ó filho de Teuto!

Doch die Treue ehrenfest
Und die Liebe die nicht lässt,
Einfalt, Demut, Redlichkeit
Stehn dir wohl, du Sohn vom Teut!
(Arndt, 1927, p.55)

Predomina, no entanto, nas canções publicadas no Rio Grande
do Sul a representação de um ser humano que se destaca pela sua fidelidade
considerada, no germanismo, “a virtude mais distintiva dos alemães”¹³
(Schliemann, 1932, p.110).

A celebração das origens

Uma destas modalidades de canções, centradas na
fidelidade, difundidas em publicações vinculadas ao germanismo, tem
como característica a presença de um eu-lírico que enaltece e celebra a
Alemanha e é devotado a categorias de identificação e de diferenciação dos
alemães. Em Gruss an Deutschland (Saudação à Alemanha), por exemplo,
a terra de origem dos imigrantes e de seus descendentes é representada
como a terra dos orgulhos carvalhos e dos antepassados:

13 „[...] die hervorragendste Eigenschaft der Deutschen [...]“

Ó terra dos orgulhosos carvalhos,
Ó terra das potentes armas,
Tu, abrigo robusto da fidelidade,
Dos costumes e da honra,
Tu, única terra no mundo,
À qual estamos irmanados pelo sangue
Salve, terra dos antepassados,
Salve, terra alemã.

O Land der stolzen Eichen,
O Land der starken Wehr,
Du Felsenhort der Treue,
Der Sitte und der Ehr,
Du einzig Land auf Erden,
Dem wir durch Blut verwandt
Gut Heil dir, Land der Väter
Gut Heil dir, deutsches Land.
(Immergrün, 1886, p.61)

Em sua representação de berço e matriz, a Alemanha é um espaço marcado pela permanência e continuidade, que guarda, à semelhança de um santuário, a fidelidade, a honra e os costumes, considerados, no germanismo, como categorias de identificação e de diferenciação dos alemães.

A canção também ressalta que, mediante o vínculo sanguíneo e cultural, existe uma ligação umbilical com a terra de origem e entre os alemães e os imigrantes e seus descendentes, idéia essa reforçada ainda pelo tom familiar empregado pelo eu-lírico em sua saudação, que conota proximidade e afeto. Esta continuidade concretiza-se também na menção do poderio militar, ao qual se atribui a capacidade de impedir qualquer tipo de invasão, garantindo pela força das armas a integridade e a identidade; e ao carvalho, qualificado de orgulhoso, que simboliza a constância, a durabilidade e a fidelidade, pois se trata de uma espécie vegetal enraizada no solo que não se verga às intempéries (Bächthold-Stäubli, 1929/30, p.646).

Em sua condição de terra dos antepassados, a Alemanha também forneceu aos imigrantes e seus descendentes uma das categorias de identificação mais valorizadas e acionadas no germanismo - a língua alemã:

Se muito ou pouco
De tua força espiritual
Uma parcela cada um

Ob viel auch oder wenig
Von deiner Geisteskraft,
Ein Erbteil nahm wohl Jeder

Levou para a peregrinação.
Ao mais miserável confiaste
O teu bem mais precioso:
O dourado tesouro da língua,
Os fiéis são maternos.

Mit auf die Wanderschaft.
Du hast dem Allerärmsten
Dein Bestes anvertraut.
Den gold'nen Schatz der Sprache,
Den treuen Mutterlaut.
(Immergrün, 1886, p.61)

No que concerne ao idioma alemão, notadamente em sua norma culta, os articuladores do germanismo partiam da idéia de que “a língua materna é o elo mais forte que nos liga ao nosso Volkstum¹⁴” (Kalendermannsstandrede, 1932, p.32). O abandono da língua, por sua vez, representava um prejuízo para a manutenção da germanidade, “pois com a perda da língua materna também se perdem a maioria das outras boas características, que distinguem os alemães”¹⁵ (Breitenbach, 1925, p.41).

Em sua caracterização como fonte geradora e formadora da identidade alemã, a terra alemã originou ainda o atributo da verdade e a índole, que os imigrantes e seus descendentes levaram consigo para o Novo Mundo, responsáveis pelo correto direcionamento do seu modo de comportamento, razão pela qual merece ser celebrada:

O fogo sagrado da verdade,
Que perpassa o nosso peito
Procede de teu penate;
Tu nos deste a índole
Que em todas as regiões
A vereda certa encontrou.
Salve, terra dos antepassados,
Salve, terra alemã!

Der Wahrheit heilig Feuer,
Das uns're Brust durchglüht,
Es stammt von deinem Herde;
Du gabst uns das Gemüt,
Das noch in allen Zonen
Die rechten Pfade fand.
Gut Heil dir, Land der Väter,
Gut Heil dir, deutsches Land!
(Immergrün, 1886, p.61)

14 “Dass die Muttersprache das stärkste Band ist, das uns mit unserm Volkstum verbindet”.

15 “Denn mit dem Verlust der Muttersprache gehen auch die meisten anderen guten Eigenschaften verloren, die die Deutschen auszeichnen”.

Nesta canção, a terra de origem é ainda caracterizada como um elemento de orientação da vida que se concretiza na imagem do penate (Herd) (Bächthold-Stäubli, 1930/31, p.1760), simbolizador do lugar do fogo sagrado e, por extensão, do centro da vida de uma tribo ou comunidade, atuando como um ponto de encontro e de união de seus membros e como direcionador das normas de conduta.

Numa linha similar enquadra-se *Deutsches Weihelied* (Canção da sagração alemã), do poeta alemão Mathias Claudius, escrita em 1772, na qual a devoção à Alemanha e aos valores dos antepassados externa-se em uma espécie de credo religioso, uma confissão em canto, sugerida pela alusão ao Cântico dos Cânticos:

Entoem sons vibrantes e altaneiros,
Entoem a canção das canções
O cântico dos cânticos da pátria
Ressoe novamente no vale da floresta.

Stimmt an mit hellem, hohen Klang
Stimmt an das Lied der Lieder,
Des Vaterlandes Hochgesang,
Das Waldtal hall' es wieder.
(Claudius, 1922, p.57)

Este ato de devoção traz em si a constância e a fidelidade, atitudes já implícitas no título da canção, e sinalizadas pelo advérbio outra vez (*aufs neue*), indicativo de repetição e continuidade, que, por meio do pronome nós, adquire uma dimensão coletiva:

À antiga pátria dos bardos,
À antiga pátria da fidelidade,
A ti, terra jamais decantada,
A ti nos consagramos outra vez!

Der alten Barden Vaterland,
Dem Vaterland der Treue,
Dir niemals ausgesung'nes Land,
Dir weih'n wir uns aufs neue!
(Idem., Ibid.)

A dedicação e a constância, inerentes ao rito de consagração, têm como destino o passado nacional e categorias de identificação e diferenciação dos alemães, cuja devoção, em função do pronome nós, também traz consigo um âmbito coletivo e homogenizador:

À virtudes dos antepassados nos consagramos,	Zur Ahnentugend wir uns weih'n,
À proteção de tuas cabanas.	Zum Schutze deiner Hütten,
Nós amamos a alegria alemã	Wir lieben deutsches Fröhlichsein
E antigos costumes alemães.	Und alte deutsche Sitten.
	(Idem., Ibid.)

Nessa linha de fomento da unidade, da homogeneidade e das categorias de identificação dos alemães também se inserem as canções dedicadas ao rio Reno, como ilustra *Das Lied vom Rhein*¹⁶ (A canção do Reno), do poeta alemão Max von Schenkendorf. Nela, ocorre a antropomorfização do rio que, além de sagrado, passa a ser um herói e um monarca a quem todos confessam sua fidelidade e o seu desejo de vê-lo liberto:

Ressoa um som límpido,	Es klingt ein heller Klang,
Uma bela palavra alemã	Ein schönes deutsches Wort
Em cada canto de louvor	In jedem Hochgesang
Dos homens alemães:	Der deutschen Männerfort:
Um antigo rei bem nascido,	Ein alter König hochgeboren,
Jurado por todos os corações alemães.	Dem jedes deutsche Herz geschworen.
Mesmo que o seu nome retorne constantemente,	Wie oft sein Name wiederkehrt,
Nunca é demais escutá-lo.	Man hat ihn nie genug gehört.
	(Schenkendorf, 1927, p.76)

À canção também se atribui o poder de despertar o sentimento nacional e de promover a união de todos os alemães, inclusive dos imigrantes e seus descendentes no sul do Brasil que, por meio do ato de cantar ou ler, também tomariam parte desta ligação afetiva e patriótica:

¹⁶ A canção foi publicada em FRIEDRICHS, Jacob A. *Liederbuch*. Porto Alegre: Tipografia Mercantil, 1922. p. 60-61. Esta obra foi reedita em 1927, constando a canção nas páginas 76-77.

Este é o sagrado Reno, um soberano,
Ricamente dotado, cujo nome,
Como vinho, a fiel alma deleita.
Em todos os corações agita-se
Muita vontade e dor patrióticas,
Quando se inicia a canção alemã
Do Reno, do nobre filho dos rochedos.

Das ist der heil'ge Rhein, ein Herrscher,
Reich begabt, dess Name schon,
Wie Wein, die treue Seele labt.
Es regen sich in allen Herzen
Viel väterländ'sche Lust und Schmerzen,
Wenn man das deutsche Lied beginnt
Vom Rhein, dem hohen
Felsenkind. (Idem., Ibid.)

O rio Reno também traz em si os valores dos antepassados e elementos fundadores da nação alemã:

Cumprida está cada palavra:
O rei está agora livre,
O refúgio dos Nibelungen ressurgue
E novamente resplandece!
São as antigas honrarias alemãs
Que novamente seu brilho conservam:
A disciplina, a coragem e a glória dos
antepassados,
O sacro império alemão!

Erfüllt ist jenes Wort:
Der König ist nun frei,
Der Nibelungen Hort ersteht
Und glänzet neu!
Es sind die alten deutschen Ehren,
Die wieder ihren schein bewähren:
Der Väter Zucht und Mut und Ruhm,
Das heil'ge deutsche Kaisertum!
(Idem., p.77)

Nesta canção, composta em 1814, durante o período das Guerras Napoleônicas, o Reno passa a ser um símbolo nacional. A canção integra um conjunto maior de produções literárias que, desde a ocupação napoleônica, celebraram o rio Reno, nas quais ele “torna-se pura e simplesmente o ‘pai’ dos rios alemães e, ao mesmo tempo, a imago-paterna, onde confluem as virtudes patrióticas e as virtudes dos antepassados”¹⁷ (Aspas da autora) (Greverus, 1972, p.292). Uma destas virtudes consiste no ato de beber vinho, pois “à imagem virtuosa do autêntico e probo alemão pertence também a sua alegria de beber”¹⁸ (Idem., p.293):

17 “Er wird als ‘Vater’ Rhein der deutschen Strome schlechthin und wird gleichzeitig zur Vater Imago, in der die Vaterlands und die Vätertugenden zusammenfließen”.

18 “In das Tugendbild des geraden und biederer Deutschen gehört auch seine Trinkfreudigkeit”.

Nós prestamos culto ao nosso senhor,	Wir huld'gen unsern Herrn,
Nós bebemos o seu vinho.	Wir trinken seinen Wein.
A liberdade seja o guia!	Die Freiheit sei der Stern!
A senha seja o Reno!	Die Losung sei der Rhein!
Queremos novamente prestar-lhe juramento;	Wir wollen ihm auf's Neue schwören
Precisamos pertencer-lhe, e ele a nós	Wir müssen ihm, er uns gehören
Do rochedo ele vem livre e altaneiro:	Vom Felsen kommt er frei und hehr:
Que corra livre para o mar de Deus!	Er fliesse frei in Gottes Meer!
	(Schenkendorf, 1927, p.77)

Assim, pelo fato de o Reno armazenar em si categorias da identidade étnico-nacional, as águas do rio e os elementos associados ao seu trajeto, entre eles os vinhedos, passaram a ser também considerados marcadores identitários, de modo que, nesta concepção étnico-nacionalista veiculada na canção, o degustador dos vinhos oriundos das terras renanas torna-se representativo do “autêntico homem alemão”¹⁹ (Greverus, 1972, p.293). A incorporação do rio Reno ao movimento romântico-nacionalista alemão foi uma decorrência da sua libertação do jugo napoleônico, a qual “deu asas aos alemães de sentimentos patrióticos. De um [romantismo do Reno] literário formou-se um romantismo do Reno político, um movimento popular²⁰” (Tümmers, 1994, p.212).

Nas publicações afinadas com o germanismo, a fidelidade ao rio Reno também é destacada por meio de um outro modelo de conduta apresentado aos leitores: o do imigrante que, no estrangeiro, permaneceu devotado à sua terra natal alemã. Ilustra esta temática Ich grüsse dich, du deutscher Rhein! (Eu te saúdo, tu, Reno alemão!), de Maria Kahle, canção divulgada em vários impressos, especialmente sob o título de Lied

19 “Der echte deutscher Mann”.

20 „[...] beflügelte die patriotisch fühlenden Deutschen. Aus der literarischen wurde eine politische Rheinromantik, eine Volksbewegung“.

der Auslandsdeutschen²¹ (Canção dos Alemães no Exterior). Este modelo de fidelidade, instituído na canção, inicialmente uma forma singular de manifestação de lealdade, passou, com a mudança de seu título, a ser representativo de um grupo - Auslandsdeutschen (Alemães no exterior) -, visando, assim, caracterizar o sentimento de todos os alemães residentes no exterior.

Nesta canção, o ser humano de origem alemã, ao deixar a Alemanha, levou consigo uma canção na qual afirma sua fidelidade ao rio Reno:

Para o vasto mundo, no além-mar	Weit in die Welt, wohl übers Meer
Outrora eu parti	Bin einst ich fortgezogen,
E acompanhou-me tão saudosista	Und mit mir ging so heimwehschwer
Uma canção pela tormenta e pelas ondas.	Ein Lied durch Sturm und Wogen.
Soa em melodias queridas	Es klang in trauten Melodein
Qual aflita lamentação de saudade:	Wie banger Sehnsucht Klage:
Eu te saúdo, tu, Reno alemão,	Ich grüsse dich, du deutscher Rhein,
Em cada batida do coração.	Mit jedem Herzenschlage!
	(Kahle, 1917, p. 37)

Mesmo em meio à profusão dos trópicos e à luta na construção de uma nova vida, a lealdade à terra de origem permaneceu no eu-lírico como um sentimento intacto e uma presença quotidiana, atualizados continuamente, cuja continuidade se evidencia na imagem do coração e no olhar retrospectivo:

Agora me alumia aqui o esplendor do sol	Nun strahlt mir hier der Sonne Glanz
Vindo do eterno céu celeste,	Aus ew'ger Himmelsbläue,
A coloração variegada das flores	Der Blumen bunter Farbenkranz
Saúda-me sempre de novo	Grüsst immerdar aufs neue.

21 Sob este título a canção foi publicada em FRIEDRICHS, Jacob A. *Liederbuch*. Porto Alegre: Tipografia Mercantil, 1922. p. 59-60. Esta obra foi reedita em 1927, constando a canção na página 75.

Mas no brilho mais límpido do Sul
Penso em dias passados
E te saúdo, tu, Reno alemão
Em cada batida do coração!

Doch bei des Südens hellstem Schein
Denk ich vergang'ner Tage,
Und grüsse Dich, du deutscher Rhein,
Mit jedem Herzensschlage!
(Idem., Ibid.)

A fidelidade, nesta canção, tem como objeto de devoção, até a morte, um espaço alemão específico: o rio Reno e suas paisagens, as quais o eu-lírico pretende rever antes de morrer:

Apenas mais uma vez gostaria de te rever
Com o cintilar de tuas ondas
E ficar nas colinas com os vinhedos
E acenar para os barcos!
Se, então, a morte um dia chegar,
Partirei sem queixas
E te saudarei, tu, Reno alemão,
Com a última batida do meu coração!

Nur noch einmal möcht ich dich seh'n
Mit deiner Wellen Blinken
Und auf den Rebenhügel steh'n
Und nach den Booten winken!
Wenn dann der Tod einst kehrte ein,
Schied' ich wohl ohne Klage
Und grüsste dich, du deutscher Rhein,
Beim letzten Herzensschlage!
(Idem., Ibidem)

Mencionar o Reno e manifestar a vontade de novamente pisar em suas terras assume nesta canção não apenas uma perspectiva individual, mas também coletiva e nacional. Deste modo, manter-se fiel ao Reno significa tomar parte, mesmo fora da Alemanha, da identidade nacional coletiva e da atualização das virtudes nacionais, bem como da formação de uma unidade e do reconhecimento de uma fronteira política.

A fidelidade às origens

A ligação com a Alemanha e o fomento da germanidade também são afirmados por meio de um outro tipo de canções que tem como tema central a fidelidade. Nelas, a fidelidade geralmente é imposta, por meio de uma linguagem diretiva e imperativa, como uma norma de

conduta a ser adotada pelos imigrantes e seus descendentes. Este tipo de produção literária contou com a participação efetiva dos autores da literatura de expressão alemã no Brasil, entre eles Otto Meyer, escritor e professor, e Ernest Niemeyer, escritor e funcionário dos Correios e Telégrafos, natural de Joinville/SC, que se engajaram na defesa da germanidade.

Na canção *In deutscher Not*²² (Na necessidade alemã), de Otto Meyer, predominam orações imperativas, que impõem a fidelidade de modo categórico, assumindo este atributo o primeiro plano pela repetição exaustiva do verbo permanecer (*bleiben*) e pelo adjetivo alemão (*deutsch*):

Nós sempre ainda permanecemos	Wir bleiben immer noch
Os alemães no mundo.	Die Deutschen in der Welt.
Permaneçam orgulhosos,	Bleibet stolz,
Permaneçam fortes!	Bleibet stark!
Permaneçam dignos do passado alemão.	Bleibet der deutschen Vorzeit wert!
Permaneçam fiéis até a medula,	Bleibet treu bis ins Mark,
Permaneçam alemães no lar alemão!	Bleibet deutsch am deutschen Herd!
Para que ainda sejamos alemães em todos os dias	Dass wir Deutsche sind an jenem Tag,
Que o sagrado Deus ainda nos conceder.	Den der heil'ge Gott uns geben mag.
Permaneçam firmes na necessidade alemã!	Stehet fest in deutscher Not!
Permaneçam firmes na necessidade alemã!	Stehet fest in deutscher Not!

(Meyer, 1922, p.65)

Nas canções, a fidelidade a ser cultivada pelos imigrantes e seus descendentes também deveria se estender a esta forma literária, pois, na ótica do germanismo, “a fonte do modo de ser alemão corre de modo mais puro e imediato na canção alemã”²³ (Huhn, 1930, p.13). Em *Du deutsches Lied* (Tu, canção alemã), de Josefina Wiersch, o eu-lírico, em nome da

22 A canção foi publicada em FRIEDRICH, Jacob A. *Liederbuch*. Porto Alegre: Tipografia Mercantil, 1922. p.65. Esta obra foi reedita em 1927, constando a canção nas páginas 79-81.

23 “Am reinsten und unmittelbarsten strömt aber der Quell deutscher Art im deutschen Lied”.

coletividade, sinalizada pelo pronome nós, reitera seu protesto de fidelidade a essa forma literária em toda e qualquer circunstância, conclamando a todos, no modo imperativo, reforçado pelas exclamações, para que selem a promessa de lealdade:

Ó canção das canções, herança alemã,	O Lied der Lieder, deutsches Erbe,
Somos fiéis a ti na alegria e na dor!	Wir sind dir treu in Freud und Not!
Que jamais morra essa lembrança,	Dass niemals dies Gedenken sterbe,
Que a honremos até a morte,	Dass hoch wir's halten bis zum Tod,
A ti juramos isso, canção alemã!	Dir schwören wir's – du deutsches Lied!
	(Wiersch, 1935, p.49)

O cultivo da fidelidade em algumas canções se concretiza na figura dos antepassados que emigraram para o Brasil, geralmente denominados de pioneiros, que são apresentados aos leitores como exemplos a serem seguidos. Esta ênfase nos antepassados relaciona-se com a sua importância no germanismo, porquanto se partia da idéia de que o modelo ancestral se perpetuava de forma idêntica entre as gerações: “reconhece-te a ti mesmo! Queres te reconhecer, então principia pelos teus antepassados; neles reconhecerás a tua própria imagem, pois deles cada pessoa recebe a sua herança física e espiritual, com a qual ele é colocado no mundo”²⁴ (Götz-Böhringen, 1935, p.50). Nesta perspectiva, o culto aos antepassados visa fomentar as características, consideradas neste ideário inatas, dos imigrantes e de seus descendentes, possibilitando, deste modo, a sua continuidade no presente e no futuro.

Representativa deste culto aos antepassados é a canção *Die Pioniere*²⁵ (Os pioneiros), de Rudolf Damm, na qual, como o próprio título

²⁴ “Erkenne dich selbst! Willst du dich erkennen, so fange bei deinen Ahnen an; in ihnen erkennst du dein Ebenbild, denn von ihnen erhält jeder Mensch sein geistiges und körperliches Erbgut, mit dem er auf die Erde gesetzt wird”.

²⁵ A canção foi inicialmente publicada no *Kalender für die Deutschen in Brasilien*, destina-

indica, a fidelidade está associada ao trabalho desbravador dos primeiros imigrantes - os pioneiros -, os quais são caracterizados como “homens alemães fiéis” (Damm, 1915, p.46), que vieram ao Brasil em busca de uma nova vida, instaurando, por meio de sua atuação, a passagem do caos ao cosmos:

Eles aclaram com impetuosos golpes
A noite escura das selvas;
Os gigantes da floresta cedem
E caem com retumbante poder.
E onde outrora animais de rapina
Caçavam o porco e a anta
Os pioneiros erigem
intrepidamente uma cidadela.

Eles constroem estradas e veredas
E colheram os frutos do campo,
Eles arqueiam ousadamente pontes e pontilhões
Sobre abismos de rios pedregosos;
Eles movem as mãos rudes
Dia e noite infatigavelmente
E até onde o olhar se estende,
Despertou nova vida.

Sie lichten mit wuchtigen Streichen
Der Wildnis dunkle Nacht;
Die Riesen des Waldes weichen
Und stürzern mit schmettender Macht.
Und wo einst reissende Tiere
Das Schwein um den Tapir gejagt,
Errichten die Pioniere
ein Städtlein unverzagt.

Sie bauen Strasse und Wege
Und ernten des Feldes Frucht;
Sie wölben Brücken und Stege
Keck über des Giessbachs Schlucht;
Sie regen die rauhen Hände
Rastlos bei Tag und bei Nacht
Wohin das Auge sich wende,
Ist neues Leben erwacht.
(Idem., Ibid.)

Nesta canção, os imigrantes são representados como fundadores e heróis culturais, assumindo contornos míticos porque, graças à sua atuação nos primórdios do processo imigratório, implantaram um novo modo de vida, principalmente a pequena propriedade rural e vilas. Conforme salienta Milietinski (1987, p.206), o herói primevo “modela propriamente a comunidade primitiva no seu conjunto, que é identificada com ‘homens verdadeiros’” (Aspas do autor). Na canção, esta função modelar dos pioneiros somente foi possível graças ao código de valores que

do ao ano de 1915. Posteriormente a canção circulou em outras publicações entre elas: *Allgemeine Lehrerzeitung*, editada em Porto Alegre.

preservaram, o qual permitiu sua atividade criadora e paradigmática no Novo Mundo, destacando-se deste rol a fidelidade:

Eles honram as leis	Sie ehren Gesetz
E os costumes alemães de todo o coração;	Und Sitte gut deutsch mit Herz und Mund;
Reverdece radiante em seu meio	Frisch grünt in ihrer Mitte
A fidelidade em qualquer hora.	Die Treue zu jeglicher Stund'.
Eles lutam como valentes guerreiros	Sie kämpfen als mutige Krieger
Em prol da defesa da pátria;	Zum Schutze des Vaterlandes;
Retornam ao lar	Heim kehren
Os orgulhosos vencedores	Die stolzen Sieger.
Ornados com a coroa da honra.	Geschmückt mit dem Ehrenkranz.
	(Damm, 1915, p.46)

Assim, o imigrante, devido ao caráter exemplar e modelador de sua atividade, é visto como um paradigma a ser seguido, ao qual os leitores do presente e as gerações vindouras deverão devotar fidelidade. Este dever fica evidente na última estrofe da canção, na qual se adverte os leitores para que eles não interrompam o elo de coesão e a continuidade com os antepassados, honrando, por meio de suas atitudes, a obrigação filial. Este culto aos antepassados, de caráter ritualístico, encontra-se também explicitado no verbo permanecer (bleiben), conjugado no pretérito e no futuro, e no advérbio de tempo sempre (immer), sinalizadores da idéia de que o presente e o porvir são simples repetições do passado:

Eles partiram daqui	Sie sind von hinnen geschieden
Para a celestial casa paterna,	Ins himmlische Vaterhaus;
Descansam na paz do túmulo	Sie ruhen in Grabes Frieden
De todas as tribulações	Von allen Mühsalen aus.
Mas nosso coração	Uns aber ins Herz
Esteja gravado,	Geschrieben sei,
O que foi o seu lema:	Was ihr Wahlspruch war:
Nós permanecemos bons alemães	Wir sind gut deutsch geblieben
E assim permaneceremos para sempre!	Und bleiben's auch immerdar!
(Idem., Ibid.)	

Nesta canção, a caracterização dos pioneiros assume uma função duplamente paradigmática. A fidelidade dos primeiros imigrantes atualiza no Brasil um código de atributos, do qual faz parte a diligência, fidelidade, honradez e valentia, considerado, no germanismo, próprio dos alemães. O dever imputado aos leitores, espelhado neste modelo primevo, assume novamente um caráter modelar no presente. Nesta perspectiva do germanismo, na qual a canção foi acionada, “os eventos do tempo mítico, as aventuras dos ancestrais totêmicos, heróis culturais, etc., são um original código metafórico através do qual se modela a estrutura do mundo natural e social” (Milietinski, 1987, p.199-200).

Um outro elemento, mobilizado nas canções, ao qual os imigrantes e seus descendentes deveriam se manter fiéis, é o sangue. A manutenção da pureza racial foi um dos tópicos defendidos no germanismo desde o último quartel do século XIX como ilustra a seguinte citação: “deverá sempre ser uma das mais sublimes tarefas dos alemães daqui conservar puros e autênticos o seu sangue germânico, o seu espírito germânico”²⁶ (Breitenbach, 1883, p.201).

A necessidade de preservar o sangue alemão encontra-se tematizada em *Den Deutschbrasilianern!* (Aos alemães-brasileiros), de Margret Sprute-Wäldin. Nesta canção, manter o sangue puro significa conservar os vínculos entre o passado e o presente, imbuídos da tarefa de garantirem a continuidade da germanidade e do modelo dos antepassados:

Lembraí-vos da horda heróica
De bom sangue alemão,
Que foi a vossa precursora
Repleta de valentia e coragem.

Erinnert euch der Heldenschar
Aus gutem deutschen Blut,
Die Wegbereiter für euch war
Voll Tapferkeit und Mut;

Guardai, vós filhos desta horda,

Bewahrt –ihr Kinder jener Schar -

²⁶ ‘Es muss immer eine der erhabensten Aufgaben der hiesigen Deutschen sein, ihr germanisches Blut, ihren germanischen Geist rein und unverfälscht zu erhalten’.

Bem o modo de ser alemão!
Nada vincula deveras
Do que sangue do mesmo sangue.

Die deutscher Art euch gut!
Nicht ist so bindend doch führwahr
Als Blut vom selben Blut
(Sprute-Wäldin, 1935, p.53)

A canção, ao delegar ao sangue o poder de fornecer as virtudes dos antepassados, de deixar fluir o modo de ser alemão e de promover a união dos alemães e dos imigrantes e de seus descendentes, recupera aspectos do mito ariano, que “era o modelo exemplar a ser imitado para a recuperação da ‘pureza’ racial, da força física, da nobreza, da moral heróica, do princípio glorioso e criador” (Aspas do autor) (Eliade, 1986, p.158). O atributo da fidelidade, nesta canção, ainda encontra-se reforçado pelo seu intertexto melódico – a canção alemã Ueb’ immer Treu’ und Redlichkeit! (Pratique sempre a fidelidade e a honradez!) -, a qual, já em seu título, traz explícita uma norma de comportamento que tem por alvo a prática da fidelidade e da honradez.

Nesta sua campanha em prol da preservação dos atributos morais dos alemães e do sangue, os articuladores do germanismo direcionaram sua atenção para uma figura integrante do mundo rural: o camponês/colono, que, desde o final do século XIX, é enaltecido em produções literárias em língua alemã produzida no Brasil. Representativa desta linha é Kolonistenlied (Canção do colono), de Ernst Niemeyer, na qual se tematiza o colono como um sujeito privilegiado, que está enraizado em seu mundo rural:

Eu tenho uma casa, tenho um campo
E amigos por toda a parte.
E um pequeno rico mundo
Protege nossa alegria e nosso sofrimento.
(Niemeyer, 1908, p.104)

Ich hab ein Haus, ich hab ein Feld
Und Freunde weit und breit.
Und eine kleine reiche Welt
Birgt unsre Lust und Leid

A caracterização de seu lugar de moradia, qualificado como um vale abençoado, similar à terra de Canaã, no qual impera a paz divina, estimula a continuidade e o enraizamento, já que o mundo rural está marcado por um modo de vida voltado sobre si mesmo, conotado pela sua localização - em um vale-, onde as fronteiras naturais limitam os horizontes e as transformações:

Aqui encontrei um vale abençoado,	Hier fand ich ein gesegnet Tal,
Onde mora a paz de Deus.	Wo Gottes Friede wohnt.
A pá enterrei muitas vezes;	Den Spaten senkt ich manchesmal;
O trabalho foi abençoado.	Die Arbeit ward belohnt. (Idem., Ibid.)

Neste espaço, os filhos seguem os passos dos antepassados, preservando o sangue. Esta afirmação, no entanto, vem acompanhada de um apelo para que virtudes alemãs, positivadas e valorizadas, também sejam preservadas:

E nossa juventude honra o sangue	Und unsre Jugend ehrt das Blut,
Que circula em suas veias;	Das in den Adern rollt;
Guardai a virilidade e a nobreza,	Wahrt Mannesehr und Edelmut,
É nosso bem e ouro.	Ist unser Gut und Gold.
(Idem., Ibid.)	

A representação do colono como alguém que é soberano e livre em sua propriedade e mantenedor da germanidade encontra seu ponto alto na última estrofe da canção, momento em que essa valorização e exaltação adquirem conotações sagradas e se tornam uma norma:

Louvai o colono, quem puder louvar,	Den Bauer lobt, wer loben kann,
Cantai cânticos alemães.	Und singet deutschen Sang,
Um homem alemão, um homem livre	Ein deutscher Mann, ein freier Mann
Toda nossa vida.	All unser Lebenlang.
	(Idem., Ibid.)

A glorificação do colono e do mundo rural foi um elemento caro ao germanismo desde o final do século XIX, mas acentuou-se na década de 1930, período em que articuladores do germanismo consideravam o colono como um forte aliado na manutenção da germanidade, pois, devido ao seu enraizamento, “ele é o guardião do Volkstum. No campesinato conservam-se a língua, os costumes, o modo de ser e os usos em conformidade com os antepassados, enquanto que as cidades aniquilam o Volkstum”²⁷ (Raunneger, 1937, p.16). Neste período, também se acentua a representação do colono como mantenedor da pureza racial: “o campesinato possui um saudável sentido de raça, casamentos mistos com integrantes de outras raças ele não contrai”²⁸ (Idem, p.17).

Nas canções, neste período, estas idéias também se fizeram sentir com maior frequência, como ilustra *Das Lied des deutschen Kolonisten* (A canção do colono alemão), de Leopold Germer, a qual celebra a força e o sangue de colonos, qualificados como alemães, qualificativo étnico já explícito no título, fiéis e heróicos, portanto, portadores das marcas de identificação e de diferenciação exaltadas no germanismo.

Tu, canção, ergue-te e arremessa-te para cima	Du Lied steig auf und steig empor
Entoadada por peitos alemães!	Aus deutscher Brust gesungen!
Envolve o alto coro das estrelas,	Umhall der hohen Sterne Chor,
Como nenhuma canção já ressoou	Wie nie ein Lied geklungen
Da força e do sangue de homens fiéis,	Von treuer Männer Kraft und Blut,
Da coragem heróica de homens fiéis.	Von treuer Männer Heldenmut.
Tu deves nidificar na mais alta montanha	Du sollst am höchsten Berge nisten,
Tu, canção do colono alemão!	Du Lied des deutschen Kolonisten!
	(Germer, 1937, p.21)

27 «Er ist der Hüter des Volkstums. Im Bauerstand erhalten sich Sprache, Sitte, Art und Brauchtum nach Väterart, während die Städte das Volkstum vernichten».

28 «Der Bauerstand hat ein gesundes Rasseempfinden, Mischehen mit Angehörigen anderer Rassen geht er nicht ein».

A canção deve reduplicar o som dos instrumentos de trabalho do colono e armar (rüsten) os leitores para a persistência na luta em prol dos atributos morais dos alemães e do seu sangue, agindo de modo similar a um canto de guerra, que incita os guerreiros para a luta e a vitória:

Que ela carregue retumbante o som dos machados	Es trage laut der Axte Schall,
Quando eles derrubam a mata,	Wenn sie die Wälder rollen,
Em direção aos campos e do vale	Hinab in's Land, hinab ins Tal
A canção da vontade alemã,	Das Lied vom deutschen Wollen,
Da força e sangue de homens fiéis,	Von treuer Männer Kraft und Blut,
Da coragem heróica de homens fiéis.	Von treuer Männer Heldenmut.
Tu deverás novamente nos armar para a batalha	Du sollst zum Kampfe neu
uns rüsten,	
Tu, canção do colono alemão!	Du Lied des deutschen Kolonisten!
	(Idem., Ibid.)

As canções analisadas representam o colono arraigado ao seu torrão, inserido nos limites do espaço rural, que lhe fornece o sustento e no qual predominam a germanidade e a pureza do sangue. Com o intuito de conquistar a lealdade dos leitores, em relação à preservação da germanidade, articuladores do germanismo, por meio desta forma literária, exaltam a beleza campestre, o amor à terra na qual se vive e trabalha, e a importância de os colonos manterem as suas raízes culturais, étnicas e raciais intactas. Por meio desta posituação e direcionamento, o colono e o seu mundo rural são acionados como modelo de conduta a ser seguido.

Os heróis da resistência

No germanismo, o fomento da germanidade e dos laços de pertencimento à Alemanha deu-se também por meio da publicação de canções que tematizam figuras históricas alemãs, marcadas pela fidelidade ao povo alemão, as quais lutaram pela libertação da pátria, tomaram parte em

momentos decisivos da história nacional e promoveram a unidade política. Para articuladores do germanismo, o conhecimento da história alemã foi visto como uma modalidade de manutenção dos elos de continuidade que se daria por meio do sangue, considerado o elo comum entre os vultos do passado e os leitores das publicações:

nós mostramos às crianças os homens da história da Alemanha, suas lutas e dificuldades. Não como distantes e grandes modelos, mas como figuras com as quais vos une uma gota de sangue comum, a qual também em vós se remexe e corre, exigindo de vós serdes merecedoras dos antepassados.²⁹ (Schliemann, 1932, p.110)

Na canção Friedrich Ludwig Jahn, de Hans Ferdinand Massmann³⁰, Jahn é descrito como modelo de amor à pátria:

Na aldeia de Lanz junto a Lenzen,
No campo de Priegnitz,
Nasceu um homem
Chamado Friedrich Ludwig Jahn.
Deus concedeu-lhe em lacerada época
Um coração tão imenso, tão forte,
Tão extenso para a sagrada pátria.

Im Dorf Lanz bei Lenzen,
Dort auf der Priegnitz Plan,
Da ward ein Mann geboren,
Hiess Friedrich Ludwig Jahn.
Dem gab Gott in zerriss'ner Zeit
Ein Herz so gross, so stark,
So weit für's heil'ge Vaterland.
(Massmann, 1922, p.78)

Nesta canção, também se celebra Jahn como o autor do livro *Volkstum*, obra considerada exemplar no que tange à caracterização do povo alemão e à exaltação da fidelidade:

Restou-nos um livro
Que ardeu como brasa,

Ein Buch ist uns geglieben,
Wie Glut hat es gebrannt,

29 “Wir zeigen den Kindern die Männer der Geschichte Deutschlands, ihre Kämpfe und Nöte. Nicht als grosse ferner Vorbilder, sondern als solche, mit denen sie ein Tropfen gemeinsames Blutes verbindet, der auch in ihnen sich rührt und rinnt und der von ihnen fordert, der Väter wert zu sein”.

30 A canção foi publicada em FRIEDRICHS, Jacob A. *Liederbuch*. Porto Alegre: Tipografia Mercantil, 1922. p.78. Esta obra foi reedita em 1927, constando a canção nas páginas 112-113.

Que ele escreveu quando jovem
E intitulou-o Volkstum.
Anuncia a glória de nosso povo
Simultaneamente bem sagrado da humanidade,
Um monumento à fidelidade alemã!

Das hat er jung geschrieben
Und Volkstum es gennant.
Das kündet uns'res Volkes Ruhm,
Zugleich der Menschheit Heiligtum,
Ein Denkmal deutscher Treu!
(Idem., Ibid.)

Jahn também é representado como o fundador da ginástica alemã, cuja ação assume contornos sacros, estando associada à figura do semeador que, à semelhança da parábola do Novo Testamento, lança as sementes à terra, a fim de que produzam frutos, no caso, em prol da pátria alemã, marcada pelo desânimo e pelo luto, na época da ocupação napoleônica:

Quando, após os dias sangrentos,
Ocorridos em Jena,
Apenas lamentos fúnebres
Em torno de Schill e Hofer se trazia
Jahn fielmente peregrinou sem descanso,
A fim de novamente conclamar para a hora;
Pois Deus chamara para a redenção;

Als nach den blut'gen Tagen,
Die man bei Jena schlug,
Man fast nur Trauerklagen
Um Schill und Hofer trug
Ist Jahn gewandert rastlos treu
Zu werben auf die Stunde neu,
Da, Gott Erlösung rief;

Na planície de Hasen,
Ele semeou uma semente,
Que apenas para a vestimenta de linho
E não para a de seda desabrocha,

Drauf in der Hasenheide,
Hat er 'ne Saat gesät,
Die nur zum Linnenkleide,
Zu Seiden nicht aufgeht,

Mas que para a coroa de carvalhos da vitória
E para a sangrenta dança da vitória
Floresce em torno do outeiro de Friesen.
(Idem., Ibid.)

Doch die zum Siegeszeichenkranz
Und zu der Freiheit blut'gen Tanz
Um Friesen Hügel blüht.

Numa linha similar insere-se também Bismarck-Lied³¹ (Canção de Bismarck), na qual ocorre a celebração de Bismarck como unificador

31 A canção foi publicada em FRIEDRICHS, Jacob A. *Liederbuch*. Porto Alegre: Tipografia Mercantil, 1922. p.81. Esta obra foi reedita em 1927, constando a canção nas páginas 116-117.

da Alemanha, que, como salvador da pátria, trouxe a cura para as feridas sociais e políticas, forjando e amalgamando, por intermédio de sua vontade e atuação enérgica, a nação alemã:

Vai vigorosa, minha canção,	Frisch auf mein Lied,
Celebrar o valente homem	Den kühnen Mann zu preisen,
O qual amigo e inimigo	Den Freund und Feind
Nomeia com tímida veneração,	Mit scheuer Ehrfurcht nennt,
Que com a medicina do sangue e ferro	Der mit der Medizin von Blut und Eisen
Curou o povo alemão,	Das deutsche Volk geheilt,
Que estava há muito separado,	Das lang getrennt,
Que na luta nunca vacilou,	Der nie im Kampf gezittert,
Mesmo em momentos tormentosos;	Wie schwer es auch gewitter.
Entoai a canção em jubilosa associação:	Stimmt an das Lied in jubeldem Verein:
Este foi o Bismarck,	Das war der Bismarck,
Só podia ser o Bismarck.	Könn't nur Bismarck sein;
	(Bismarcklied, 1922, p.81)

Nestas canções, a exaltação dos feitos heróicos de personagens históricas também instaura um padrão de conduta para os leitores, visando mobiliza-los em torno dos ideais de lealdade e de unificação do povo alemão. A rememoração deste passado histórico objetiva criar um vínculo com a Alemanha, pois, ao manter vivos os momentos significativos de sua história, as canções atuam como um rito de renovação, ou seja, “a evocação construída, organizada e coletiva de grandes momentos de outrora é uma autêntica ‘renovação coletiva’ por meio da qual a totalidade da nação [...] retorna às origens de sua existência como comunidade”³² (Aspas dos autores) (François; Schulze, 1998, p.19).

À guisa de conclusão

³² “Die konstruierte, organisierte und kollektive Beschwörung grosser Augenblicke der Vergangenheit ist eine regelrechte ‘kollektive Erneuerung’, durch die die gesamte Nation [...] zu den Ursprüngen ihrer Existenz als Gemeinde zurückkehrt”.

Nestas canções analisadas, a presença de categorias de identificação e de diferenciação dos alemães - sangue, idioma, costumes, virtudes e índole -, bem como a história e a idéia de que a terra de origem orienta a vida dos imigrantes e seus descendentes, sinaliza que estes elementos deveriam funcionar como elos de ligação entre os alemães da Alemanha e os emigrados no sul do Brasil, já que, no germanismo predominou a idéia de que “ser alemão significa pertencer a uma comunidade cultural que abarca o mundo³³” (A., 1935, p.32). Assim, as canções, ao afirmarem e reforçarem estas categorias e os vínculos com a terra de origem, atuariam na constituição do povo alemão, um dos pilares do germanismo. Nesta ótica,

povo é a totalidade daqueles que estão ligados entre si por uma língua comum, a mesma raça e a mesma cultura. Essa ligação estende-se para além das fronteiras nacionais ou confessionais. Ela é um vínculo como o liame de uma família. Não é possível desvencilhar-se dela, como é impossível deitar fora a ligação familiar³⁴. (Raunneger, 1937, p.5)

Deste modo, a fim de assegurar a unidade do povo alemão, a continuidade dos elos de ligação com a Alemanha e a germanidade, os editores e/ou organizadores das publicações selecionaram canções que tematizam um ser humano de origem alemã, às vezes denominado de alemão, alemão-brasileiro, alemão no exterior, pioneiro e colono, predominantemente masculino, cuja ação está calcada em um código de atributos, considerados, no germanismo, identificadores e diferenciadores dos alemães no contexto de outros grupos. As canções, ao colocarem em cena um herói virtuoso, visam difundir um modelo de conduta para os

33 “Deutsch sein heisst, einer Kulturgemeinschaft angehören, die die Welt umspannt”.

34 “Volk ist die Gesamtheit derjenigen, die durch gemeinsame Sprache, gleiche Rasse und gleiche Kultur miteinander verbunden sind. Diese Verbundenheit erstreckt sich über Staats-und Konfessionsgrenzen hinaus. Sie ist eine Bindung wie die Bindung einer Familie. Sie lässt sich nicht abschütteln, genau so wenig, wie sich eine Familienzugehörigkeit abschütteln lässt”.

leitores, fornecendo-lhes o paradigma de comportamento a ser adotado, e angariar a sua simpatia por meio de um vínculo emocional a partir de uma base moral positiva. Para Boris Tomachveski (1978) a caracterização da personagem, por meio de um sistema de motivos definidores de seu caráter, é um recurso utilizado para fixar a atenção dos leitores, despertando, assim, o seu interesse pelo destino do herói. No estabelecimento de um vínculo afetivo entre as partes envolvidas, “o meio fundamental consiste em provocar a simpatia para a ação descrita” (Idem., p.194). Por meio de uma relação de antipatia ou simpatia pelos procedimentos da personagem, o leitor participa emocionalmente no desenrolar dos fatos, pois, conforme Tomachveski, “é preciso simpatizar, indignar-se, rejubilar-se, revoltar-se. Dessa maneira, a obra torna-se atual no preciso sentido do termo, porque age sobre o leitor. Acordando nele emoções que dirigem sua vontade” (Idem., p.172)

Assim, a identificação dos leitores com o paradigma proposto, bem como a imitação das atitudes propostas nestas canções, seria, na ótica de articuladores do germanismo, uma das possibilidades de garantir a continuidade da germanidade e do povo alemão no Brasil.

Referências Bibliográficas

- A., W. Kalendermannsstandrede. Kalender für die Deutschen in Brasilien, São Leopoldo, p. 31-36, 1935.
- ARNDT, Ernst Moritz. Deutscher Trost. In: FRIEDRICHS, Jacob A. Liederbuch. Porto Alegre: Tipografia Mercantil, 1927. p.55.
- BÄCHTHOLD-STÄUBLE, Hans (Hrgs.) Handwörterbuch des deutschen Aberglaubens. Berlin: Walter de Gruyer, 1929/1930. Band II.
- BÄCHTHOLD-STÄUBLE, Hans (Hrgs.). Handwörterbuch des deutschen Aberglaubens. Berlin: Walter de Gruyer, 1930/1931. Band III.
- „Bismarcklied“. In: FRIEDRICHS, Jacob A. Liederbuch. Porto Alegre: Tipografia Mercantil, 1922. p.81.

BLACK, Georg. Die Turnvereine als Pflegestätten deutschen Volkstums. In: TURNERSCHAFT VON RIO GRANDE DO SUL. Festschrift zum VII Turnfest der Turnerschaft von Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Typographia do Centro, 1929.

BREITENBACH, W. Aus den Urwald-Kolonien Rio Grande do Suls. Neu-Württemberger Illustrierter Familien-Kalender Siedlungshort, Neu-Württemberg [Panambi], p.34-41, 1925.

BREITENBACH, W. Statistisches über einige hiesige deutsche Schule. Koseritz' deutscher Volkskalender für die Provinz Rio Grande do Sul, Porto Alegre, p.179-206, 1883.

CLAUDIUS, Mathias. Deutsches Weihelied. In: FRIEDRICHS, Jacob A. Liederbuch. Porto Alegre: Tipografia Mercantil, 1922. p.57.

DAMM, Rudolf. Die Pioniere. Kalender für die Deutschen in Brasilien, São Leopoldo, p.46, 1915.

DIETLIEB, Fürchtegott Leberecht. Eine Neujahrslaienpredigt. An die lieben riograndenser Deutschen. Koseritz' deutscher Volkskalender für Brasilien, Porto Alegre, p.33-36, 1909.

ELIADE, Mircea. Mito e realidade. São Paulo: Perspectiva, 1986.

FISCHER, Martin. Gedenke, dass du ein Deutscher bist! Mahnwort an die Deutschen Brasiliens. Kalender für die Deutschen in Brasilien, São Leopoldo, p. 39-46, 1924.

FRANÇOIS, Etienne; SCHULZE, Hagen. Das emotionale Fundament der Nationen. In: FLACKE, Monika (Hrg.). Mythen der Nationen. Ein europäisches Panorama. Berlin: DHM, 1998. p.17-32.

FUNCKE. Kirche und Volkstum. Deutsche Evangelische Blätter für Brasilien, São Leopoldo, Heft 11/12, p.117-132, 1932.

GERMER, Leopold. Das Lied des deutschen Kolonisten. In: KOMMISSION PRO 25. JULI. Unser Tag. Ein Festspielbuch zur Feier des 25. Juli. São Leopoldo: Rotermond & Co., 1937. p.21.

GERTZ, René E. O perigo alemão. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1991.

GÖTZ-BÖHRINGEN. Deine Ahnen leben in dir! Du lebst in deinen Nachkommen! Kalender für die Deutschen in Brasilien, São Leopoldo, p.47-52, 1935.

GREVERUS, Ina-Maria. Der territoriale Mensch. Ein literaturanthropologischer Versuch zum Heimatphänomen. Frankfurt am Main: Athenäum, 1972.

HUHN, Konrad. Bericht der Sänger-Riege. Deutscher Turnblätter, Porto Alegre, Heft 5, Mai, p.13-14, 1930.

IMMERGRÜN, Paul J. Gruss an Deutschland. Musterreiter's neuer historischer Kalender, Porto Alegre, p.61, 1886.

"Kalendermannsstandrede". Kalender für die Deutschen in Brasilien, São Leopoldo, p.29-36, 1932.

KAHLE, Maria. Ich grüsse dich, du deutscher Rhein! Kalender für die Deutschen in Brasilien, São Leopoldo, p.37, 1917.

LÜCKEN, K. Vom deutschen Lied in Rio Grande do Sul. Neue Deutsche Zeitung, Porto Alegre, p.1-2, 17.02.1925.

MASSMANN, Hans F. Friedrich Ludwig Jahn. In: FRIEDRICHS, Jacob A. Liederbuch. Porto Alegre: Tipografia Mercantil, 1922. p.78.

MEYER, Otto. In deutscher Not. In: FRIEDRICHS, Jacob A. Liederbuch. Porto Alegre: Tipografia Mercantil, 1922. p. 65.

MILIETINSKI, E. M. A poética do mito. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

NIEMEYER, Ernst. Kolonistenlied. Musterreiter's neuer historischer Kalender, Porto Alegre, p.104, 1908.

OBERACKER, Karl H. Schwur. Deutsche Post, São Leopoldo, p.1, 20/09/1924.

POLIAKOV, Léon. O mito ariano. São Paulo: Perspectiva, 1974.

RAUNNEGER, Hans. Volk und Staat. Ein Beitrag zur Klarstellung deutschbrasilianischer Probleme. Ijuí: Verlag der Serra-Post, 1937.

SCHLIEMANN, Ulrich. Das Evangelische Stift in Hamburgo Velho und seine deutsche Sendung. Kalender für die deutschen evangelischen Gemeinden in Brasilien, Porto Alegre, p.108-110, 1932.

SCHENKENDORF, Max von. Das Lied vom Rhein. In: FRIEDRICHS, Jacob A. Liederbuch. Porto Alegre: Tipografia Mercantil, 1927. p.76-77.

SEYFERTH, Giralda. A Liga Pangermânica e o Perigo Alemão no Brasil: análise sobre dois discursos irredutíveis. História: questões e debates, Curitiba, ano 10, nr. 19/19, p.113-155, 1989.

SPRÜTE-WÄLDIN, Margret. Den Deutschbrasilianern! In: KOMMISSION PRO 25. JULI. Unser Tag. Ein Festspielbuch zur Feier des 25. Juli. São Leopoldo: Rotermund & Co., 1935. p.53.

TOMACHEVSKI, Boris. Temática. In: TOLEDO, Dionísio de Oliveira (org.) Teoria da Literatura. Formalistas Russos. Porto Alegre: Editora Globo, 1978. p.167-204.

TÜMMERS, Horst J. Der Rhein. Ein europäisches Fluss und seine Geschichte. Frankfurt am Main: Büchergilde Gutenberg, 1994.

WIERSCH, Josefine. Du deutsches Lied. In: KOMMISSION PRO 25. JULI. Unser Tag. Ein Festspielbuch zur Feier des 25. Juli. São Leopoldo: Rotermund & Co., 1935. p.49.

WUSTROW, Wilhelm. Das deutsche Volkslied. Eine Weihnachtsbitte. Deutsche Post, São Leopoldo, p.2, 07. 12. 1916.



Natal e Ano Novo

NATAL E ANO NOVO

Helmar Reinhard Rölke¹

Em torno da época de Natal e Ano Novo foram criados muitos costumes e crenças, principalmente na Pomerânia Oriental. Era época de inverno e toda região era atingida por ventos fortes e frio, que sopram do leste. Estes ventos estariam tocando ou trazendo poderes demoníacos e fantasmas, dos quais valia tomar cuidado. Especial atenção merecia a época que se estende dos dias 24 de dezembro a 06 de janeiro. Era época das “Doze Noites”.

Poderes demoníacos aqui se confundiam com aparições de entes queridos, pois os wendes acreditavam que os mortos tinham a capacidade de voltar, por vezes, para o reino dos vivos. Não estender roupa no varal, era um costume para não espantar familiares falecidos que quisessem fazer uma visita na época de Natal.

Natal era a época propícia dos entes queridos surgirem do reino dos mortos para visitas. Em algumas regiões se reservava, para uma eventual visita destas, uma cadeira na sala, sobre a qual ninguém da família podia sentar-se na época de Natal.

Aparentemente, para espantar fantasmas, grupos saíam fantasiados à noite, cantando e fazendo música com trombones e instrumentos que faziam barulho. Quem fosse encontrado na rua, recebia varadas ou era incomodado de outras maneiras, como ser pintado de preto com carvão.

1 Este texto foi extraído do livro do livro de sua autoria. Descobrindo Raízes: Aspectos Geográficos, Históricos e Culturais da Pomerânia. Vitória: UFE, Secretaria de Produção e Difusão Cultural, 1996. p.57 a 60

Os grupos paravam de casa em casa, pedindo dinheiro, mas sobretudo comida. Alguém era escolhido por um dos integrantes do grupo, vestido de mulher e chamado de “Stutenfruch”, a mulher dos pães doces. Para a época de Natal, toda dona de casa pomerana confeitava pães, doces e bolos. Depois, o grupo se recolhia e comia o que tinha mendigado e juntado durante a noite.

Sema “Wihnachtschaul” Natal não era Natal. “Wihnachtschaul” era um ato de Natal apreciado por pessoas de zero a oitenta anos. Crianças menores decoravam versos ou versículos bíblicos e os maiores apresentavam a história de Natal com Maria e José, anjos e pastores, para a comunidade, que neste dia se reunia na igreja.

O papai Noel visitava as casas, presenteando ou castigando as crianças. Quando eram crianças obedientes, recebiam presentes; quando eram desobedientes, recebiam castigo. Nestas andanças, Papai Noel muitas vezes era acompanhado por figuras do folclore pomerano, como o “Schnabbuk”, o “Schimmelreiter” e outros.

O “Schnabbuk” era uma ave com um enorme bico de madeira. Ela era toda desajeitada, mas sempre querendo beijar as moças com seu grande bico. O “Schimmerreiter” era o cavaleiro do cavalo branco, que trazia felicidades por onde passava.

Outra tradição na época do Natal era o “Julklapp”, costume assumido dos suecos, quando estes mantinham possessões na Pomerânia. No solstício do inverno, os suecos tinham costumes de jogar anonimamente presentes para dentro das casas, gritando em alta voz “Julklapp”.

Dentro desta tradição, os pomeranos jogavam, na noite de Natal, ou entre Natal e ano Novo, presentes para dentro da casa de alguém, com grito: “Huch Julklapp”. Geralmente era um presente, que continha algum artigo de gozação e muito bem empacotado e amarrado, para que o presenteado tivesse dificuldades em desenrolá-lo e abri-lo.

Para o Natal eram também confeitados, de forma carinhosa, biscoitos e bolos. Destaca-se a “Christstute”, um pão/bolo comprido, recheado com doces e frutas. “Christstute” poderia ser traduzido como pão/bolo de Cristo.

O último dia do ano tinha particularidades bem especiais. Era costume soltar fogos, que produziam muito barulho. A passagem do ano caía dentro da época de maior inverno, quando também sopravam ventos muito fortes e frios do leste para dentro da Pomerânia e Mar Báltico.

Como na religiosidade wenda/pomerana os espíritos maus podem também ser trazidos pelos ventos, soltava-se muitos fogos na

passagem do ano. Com o barulho produzido pelos fogos, espantava-se os maus espíritos para o ano inteiro. Assim iniciava-se um ano novo, pelo menos mais protegido dos espíritos que prejudicavam a vida e que poderiam trazer doenças.

A natureza como um todo, mas principalmente o ser humano e os animais, tinham muito em comum, para o pomerano. Um dependia do outro: o animal do homem para sobreviver e o homem



Pinheirinho de Natal - 1920.

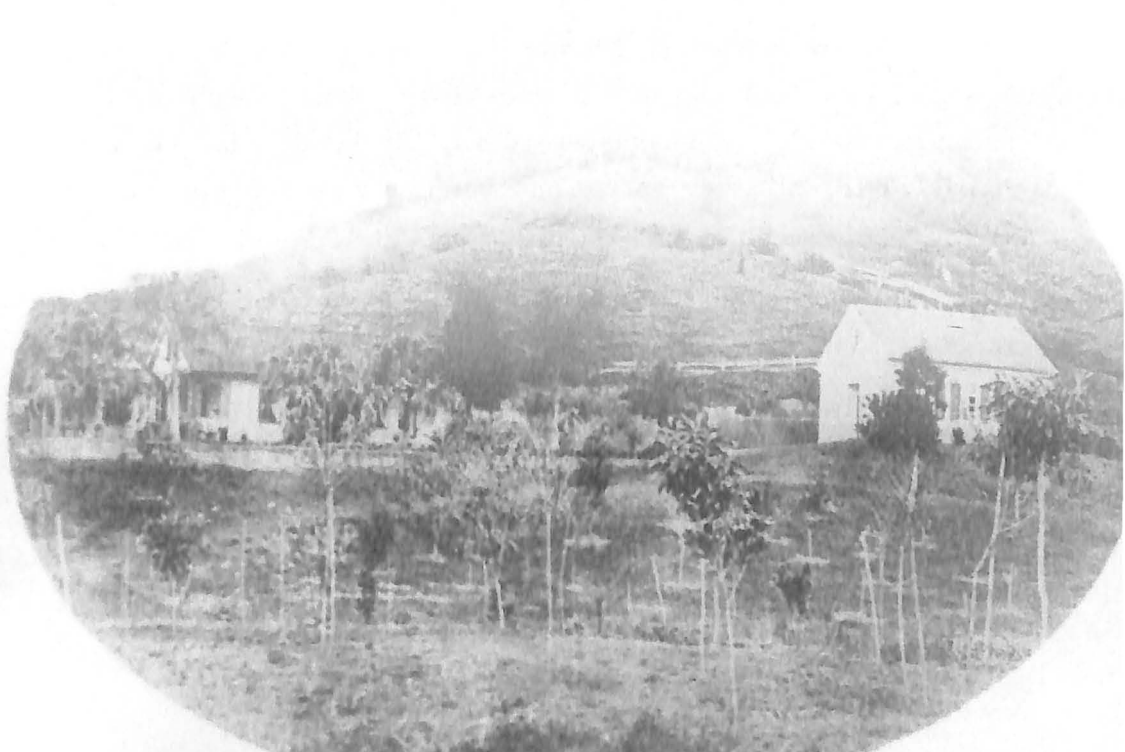
do animal, também para sobreviver. Assim, quando o colono morria, os animais pertencentes à sua propriedade eram avisados de sua morte. Ou, em festas no ano, quando as pessoas estavam se fartando com a boa comida e bebida, também o gado recebia ração melhor.

Na passagem do ano, dava-se aguardente para os galos, pois assim como o ser humano, também tinham o direito de se alegrar com um bom trago*. Na Pomerânia Oriental se dizia que nesta noite os animais tinham a capacidade de falar e prever o futuro. Após o pôr do sol do primeiro dia do ano, buscava-se terra da divisa da propriedade, para espalhá-la sobre pintinhos e gansos. Acreditava-se assim, protegê-los contra animais de rapina. Frango e ganso eram muito importantes no banquete de casamento**, e as penas de ganso tinham enorme importância na confecção de cobertores grossos, para serem usados no inverno.

Na noite do ano novo, a dona de casa pomerana dormia com o hinário, do qual sempre se cantava na igreja, debaixo do travesseiro. No dia primeiro de janeiro ela o abria aleatoriamente. O hino encontrado, dava-lhe indicações de como seria o novo ano para toda família.

Também para as moças havia como obter indicações sobre seu futuro. Na noite de ano novo, abriam a porta de entrada da casa, e ficando de costas, jogavam um chinelo por cima da cabeça, para trás. Se o chinelo caísse indicando para fora da casa, era sinal que iriam casar no novo ano. Se o chinelo indicasse para dentro da casa, permaneceriam solteiras mais um ano.

CORRESPONDÊNCIA DE IMIGRANTES



CORRESPONDÊNCIAS DE IMIGRANTES

Carta nº 17

Blumenau, 23 de janeiro de 1883.

Querida Mãe, querida Anna.

Emil já lhes transmitiu nossos mais ardentes votos de feliz Ano Novo. Querida Anna, recebi teu presente de Natal no dia 23 de Dezembro, portanto um dia antes, meus sinceros agradecimentos por ele, usei-o no batizado da primeira filhinha de minha sobrinha. Emil foi padrinho juntamente com o meu pai e o avô, portanto o bisavô, o avô e o tio-avô. A pequena tem ainda ambos os bisavós, um caso raro. Não sei se te escrevi que minha sobrinha Elise Stutzer se casou aqui, faz um ano e meio, com um comerciante, Theodor Lueders. - Eh! Eh! estamos ficando velhos. Os carreguei para a pia batismal, agora estão batizando seus filhos.

Os cabelos de Emil estão ficando bem brancos e mais ralos. Relembro essa impenetrável floresta de cabelos que outrora coroava sua cabeça. Agora quem a tem é Edmund. Antes Emil fumava compridos cachimbos, agora quem o faz é seu filho, naturalmente quando papai não está vendo e em cuja ausência ele já se apropriou de todos os utensílios de fumante e das caixas de tabaco, objetos que já foram do falecido avô. Emil briga um pouco mas não pode deixar de esconder um sorriso. Os cavalos impetuosos que nós cavalgávamos antigamente, agora os cavalgam nossos meninos.

No dia 14 de janeiro Emil viajou de novo, por quanto tempo, só Deus sabe. Se ele tiver que terminar este trabalho todo, poderá ficar fora por mais de um ano. Esperamos, porém, que após acabá-lo, como já lhe prometeram, seja contratado para trabalhar aqui. Esta longa separação é terrível. Nos últimos três anos Emil ficou em casa nem bem 4 meses. Quando ele chega é maravilhoso e sempre de novo conseguimos ser felizes

de verdade, mas a despedida para tão longe traz consigo certamente muitas vezes o pensamento: ver-nos-emos de novo? - Enfim, é bom que não me sobre tempo para remoer os pensamentos. Edmund foi com Emil, mas foi com vários trabalhadores em lombo de burro - per Maultier - por terra, enquanto Emil tomou o caminho pelo rio. A navegação fluvial ainda é de péssima qualidade, como leram nas últimas linhas que Emil mandou de Itajaí, cuja foz.....(ilegível).....

Mathilde ainda está em Joinville, Emil viu-a em sua viagem, de passagem, só por meia hora. Ele chegou lá pelas 11 horas da noite, com as vestes totalmente encharcadas. Emil chegou a Joinville por terra. O navio (Dampfer) ou vapor, como o chamam aqui, já tinha zarpado, mas ainda estava ao largo em São Francisco, para onde ele teve que ir de canoa em noite escura, tanto que a canoa bateu num rochedo. O navio já tinha levantado âncora. Se a viagem não tivesse acontecido tão repentina, ele bem que teria trazido Mathilde. Bem, tudo foi bom assim, pois dificilmente eu a teria deixado ir embora de novo. Emil acha que devo deixá-la ficar lá por mais um ano, estarei feliz quando este tiver passado, já faz 1/2 ano que ela está fora, não tenho ninguém com quem possa trocar idéias. Meus pais são os mais próximos, moram há uma hora de distância. Um dia inteiro se vai nessas visitas, nesse pra cá e pra lá; com tantas crianças, faço falta em casa, não gosto de ficar um dia inteiro fora.

A despedida mais difícil para Emil foi a despedida do pequenininho. É que ele é tão bonzinho e alegre como nenhum outro bebê. Ele ainda não tem nome.

Temos muito gado bonito de se olhar, idem crianças.

Um dia antes da viagem de Emil recebemos tua carta com o bilhete de Rudolph e de sua mulher, também um jornal do Rio onde um telegrama de 29 de Dezembro diz que o Reno subiu muito outra vez. Teriam Rudolph e sua esposa tido prejuízos? Muitos de lá devem ter sofrido alguma

perda. Mas o que é isto frente à terrível miséria(ilegível)que leva pessoas a se tornarem mendigos. E quando perdemos tudo, certamente a vida se nos torna indiferente.

Se Adelheid for tão econômica na administração da casa como o é com o papel de carta, aproveitando todos os cantinhos da folha, por certo eles progredirão.

(A carta não tem finalização, supõe-se que falte uma folha).

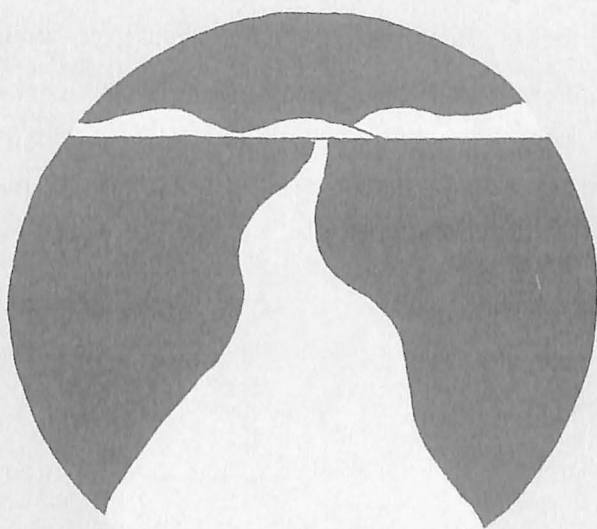
(Bertha)

Tradução e Comentários: Rolf e Renate Odebrecht

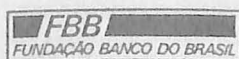
Mãe - Na verdade é uma carta de Bertha Odebrecht, esposa de Emil, a sua sogra (Bertha Odebrecht, nata L'Oeillot de Mars). Ela chama a sogra de Mãe, é um tratamento carinhoso. Rudolph e Adelheid - irmão e cunhada de Emil. Edmund - o filho mais velho. Elise Stutzer - filha de Otto Stutzer, de Blumenau, casado com Therese, irmã de Bertha. Otto era tido em alta conta na família de Emil. (Onkel Stutzer - tio Stutzer) fazia parte da roda intelectual de sua época e se salientou sobremodo na vida da Colônia Blumenau. Elise foi casada com Theodor Lueders, comerciante que faliu em 1885 (deu prejuízo a Odebrecht) e foi tentar a sorte na Argentina; depois em Campinas-SP e em 1899 voltou para Blumenau (veja-se o rodapé do Capítulo 13, subtítulo "Saudade"). Mais sobre os Stutzer em cartas de Bertha que seguem (a esposa de Gustav Stutzer, pastor, irmão de Otto, também se chamava Therese). Mathilde - filha mais velha de Emil. Casou em 1888 com Gustav Baumgart. Rudolph e Adelheid - irmão e cunhada de Emil. Comprido cachimbo - trata-se de um cachimbo luxuoso e finamente trabalhado com cerca de 1,50m de comprimento. O caneco do cachimbo (no qual se coloca o tabaco) é de porcelana com tampa de prata. A peça é uma herança de Karl Jacob Friederich Odebrecht, avô do imigrante Emil. Emil passou-o a seu filho Oswaldo; depois do falecimento de Oswaldo, seu neto mais velho, Armin, pediu-o à sua avó Else e o recebeu. Armin Odebrecht, portanto, é tetravô do primeiro dono do cachimbo. Caçulinha - em várias cartas aparece o episódio do garotinho "que ainda não tem nome" e que nascera em outubro de 1882. É a teima entre Emil e esposa - ela queria que o menino se chamasse Emil e o pai não queria. Assim o garoto ficou mais de dois anos só com o apelido de Mätzel (significa pequenininho no dialeto do norte da Alemanha). Finalmente recebeu o nome de Adolf. O mesmo acontecera com o filho que nasceu em 1876 e faleceu cedo, sem ser batizado.

OTHON D'EÇA

...AOS ESPANHÓIS CONFINANTES



Edição Comemorativa do Centenário



VENCER E VOLTAR

Enéas Athanázio

OTHON D'EÇA E A "BANDEIRA" PARA O OESTE

Em 1992, fui convidado pela Fundação Catarinense de Cultura (FCC) a escrever o prefácio ao livro "...Aos espanhóis confinantes!", de autoria de Othon D'Eça, que integrou a coleção de suas Obras Completas, publicadas em comemoração ao centenário de nascimento do escritor, em cinco volumes. Foi um trabalho que executei com intenso prazer, acompanhando a leitura do livro com o exame de mapas e conversas com pessoas antigas, conhecedoras de nosso Estado. O prefácio – como observou alguém – acabou se transformando num ensaio independente e sua publicação, com novas informações e atualizações, creio que despertará algum interesse. É um episódio dos mais curiosos de nossa história, geral e literária, pouco conhecido e divulgado.

O ESCRITOR

Othon da Gama Lobo D'Eça, que adotou o nome profissional e literário de Othon D'Eça (1892/1965), nasceu em Florianópolis, onde fez os primeiros estudos. Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade do Rio de Janeiro, foi Juiz de Direito em Campos Novos, minha terra natal, período em que se tornou grande amigo de meu pai, médico naquela cidade. Em 1912 lançou a idéia de fundar uma academia de letras em nosso Estado, o que acabou acontecendo, mais tarde, com o nome de Sociedade Catarinense de Letras, depois alterado para a atual denominação. Com Altino Flores e Ivo D'Aquino, lançou a revista mensal "Terra." Foi livre

docente de Direito Internacional Pública da Faculdade de Direito de Santa Catarina e, depois, catedrático de Direito Romano, disciplina de que fui seu aluno. Foi secretário de Segurança Pública do Estado. Em homenagem post mortem a Faculdade de Direito lhe concedeu o título de professor emérito. Foi romancista, contista, poeta, autor de diários e crônicas de viagens, além de articulista. Apaixonado por Eça de Queiroz, foi grande cultor de sua obra. Suas viagens ao Paraguai e ao Oeste do Estado provocaram o surgimento de interessantes obras. “Nuestra Señora de L’Asunción”, “Homens e Algas”, “Vindita Braba”, “Cinza e Bruma e Poemas Dispersos” e “...Aos espanhóis onfinantes!” compõem a coleção publicada, sendo este último o objeto de nossa atenção nestas notas.

O DIÁRIO

O diário é uma espécie de autobiografia em que o relato é mais ou menos contemporâneo dos fatos. Exige constância, persistência, mas sensibilidade, acima de tudo, para que o autor saiba captar coisas aparentemente triviais e convertê-las em páginas interessantes, curiosas, vivas. Ao contrário das memórias, os acontecimentos não contam com a filtragem do tempo, o que os faz mais autênticos, e também não passam por uma longa elaboração mental antes de chegarem ao papel. Por isso mesmo, o diário exige maiores qualidades do escritor, sob pena de se tornar árido, monótono. Talvez essas sejam razões para a existência de tão poucos autores que se dediquem ao gênero nas letras nacionais.

A FIGURA DO AUTOR

Nos diários conhecidos, inclusive naqueles cujo valor literário foi proclamado, é natural que a figura do autor prevaleça. Ao lado dele

aparecem a família, os amigos, as viagens, os livros, as preocupações com a própria obra, as atividades profissionais, os problemas cotidianos, maiores ou menores, os questionamentos diante da vida e as experiências vividas. Mas, no caso de Othon D'Eça e seu "...Aos espanhóis confinantes!", as coisas não são bem assim.

SABOR DE ROMANCE

De fato, deste diário de uma viagem que hoje seria corriqueira pela extensão, percorrendo um trecho do Estado, soube o autor realizar um relato com o sabor do romance, revelando todos seus recursos de escritor primoroso e culto. Escrito com base em notas feitas ao longo da caminhada lenta e penosa, em boa parte vencida a cavalo, nos velhos caminhões e carros ou a bordo de precárias lanchas, o livro me parece um documento único e pioneiro no registro da realidade do Oeste catarinense às vésperas da Revolução de 1930. Ele retrata um panorama bem recuado no tempo, tanto pelos anos decorridos (foi composto em 1929), como pela evolução da vida no Estado e no País, tão profundamente modificada no período. Era um tempo sem energia elétrica, quase sem estradas, escolas e segurança pública, com o telégrafo incipiente se constituindo no único meio de comunicação. As pequenas comunidades estancos viviam no seu isolamento, voltadas para si próprias e procurando superar os problemas, não raro atemorizadas pela passagem das "colunas", legalistas ou revolucionárias, pela presença de bandoleiros e outras coisas do gênero. Apesar do tempo decorrido, sabe-se que alguns desses problemas persistem, crônicos, e ao que tudo indica insolúveis.

AS PREOCUPAÇÕES DO PRESIDENTE

Preocupado com o abandono daquelas regiões remotas, e que a rigor nem se integravam com perfeição ao nosso território, organizou o presidente(*) Adolfo Konder uma excursão pelas suas vilas e cidades, à qual não faltou certo sentido aventureiro. Uma espécie de “bandeira” de reconhecimento, procurando visitar aquele povo, inteirando-se de suas necessidades, trazendo-o em definitivo e de fato à comunidade catarinense. E também demonstrando aos vizinhos do Rio Grande, do Paraná e da Argentina nossa intenção de exercer a soberania sobre aquelas terras. Pretendia ainda, como anotou o diarista, apagar “os últimos vestígios dos velhos rancores, que fronteiras imprecisas e políticos inábeis haviam criado e mantido durante quase um século.” Para essa marcha arrojada e corajosa, de que participou passo a passo e sem qualquer regalia, convidou o presidente diversas figuras de variados setores do Estado, cerca de trinta, e teve a feliz inspiração de integrá-la com a presença do escritor Othon D’Eça, também professor e homem público, a quem se deve sua preservação em forma vívida e cativante, como não poderiam fazer jamais os vetustos relatórios oficiais. Mais uma vez a política se valendo da pena do artista das letras para perenizar seus atos, e agora com manifesta vantagem.

A DURAÇÃO

O diário começa em 24 de abril e termina em 16 de maio de 1929, período que durou a viagem desde Passo Bormann, hoje Marechal Bormann, até São João, atual Matos Costa, com o retorno da caravana a Florianópolis, presumindo-se via Porto União e Joinville. O embarque num modesto trem da antiga São Paulo-Rio Grande tem o sabor indescritível do retorno à civilização e ao conforto, depois de tantas peripécias. Enquanto

“o trem rola, rangindo, enchendo o silêncio de fogos e de rumores ásperos dentro da noite fria e côncava, tauxeada de lumes”, o diarista suspira de saudade da terra como bom ilhéu que é, - analisando o sucesso da empreitada que terminava e concluindo que sua legenda devia ser “Vencer e Voltar!”

OS RESULTADOS

Realmente, como atestou ele, os resultados da expedição não poderiam ter sido melhores. Acolhido com festas e discursos em todos os rincões por onde passou, sentiu o presidente Konder a alegria e o entusiasmo provocados por sua presença. Ela reforçava nos corações a esperança de melhores dias e a afeição pela terra catarinense naquele povo solitário e isolado na distância. Sua visita era um acontecimento raro, talvez inédito em muitos lugares, ainda mais quando levava na caravana homens do Governo, autoridades e auxiliares, tomando providências e iniciativas, numa espécie precursora de administração itinerante que só muito mais tarde se tornaria comum. E por tudo isso estava destinada a ficar na memória da região como um acontecimento decisivo nos rumos de seu futuro desenvolvimento.

OBSERVADOR ATENTO

Mas ao lado do chefe da “bandeira”, atento a observador, o cronista faz anotações e inicia este livro modelar. Nada lhe escapa. Nem os atos concretos, nem as reações íntimas que lê nas faces, nem o trágico ou o humorístico. Sua sensibilidade está sempre captando, estabelecendo comparações, enxergando para além dos demais, sofrendo e se divertindo.

Empolgado pela paisagem agreste, concentra-se nas impressões que lhe causa a mata virgem, só há pouco tempo violada pelos picadões rudes por onde desfila a caravana. Árvores, flores, cheiros, cores, folhagens,

insetos, pássaros, sons, animais, tudo desperta sua atenção e tudo procura fixar, escrevendo sempre, nos lugares, horários e circunstâncias mais incríveis. Penetra-se da doce tranqüilidade que sente, desejando ficar por ali mesmo, “descansando, embebendo-se de luz e de esplendor, nalgum rancho à beira de um arroio claro e sussurrante.” Mas o presidente, com o bom humor costumeiro, acorda os dorminhocos que ainda esquentam os pelegos e conclama-os para a partida. Mal escondendo a passageira contrariedade, guarda o cronista o bloco e a caneta, retomando resignado a lida dos arreios, o lombo do burro ou o caminhão desmantelado que chia e bufa nas subidas. Sente-se habituado aos vilarejos que visitam em seqüência, “esse vilarejos de barro, tranqüilos e românticos, aninhados em torno de uma velha capela, e cujas casas entre folhagens e sobre um chão batido, onde por vezes há café secando ao sol. Cheiram a fumaça de manguê e a peixe salgado.” E assim, em pinceladas rápidas, em ligeiros *flashes*, fixou para sempre o clima e o aspecto daquelas vilas que brotavam em pleno mato, muitas delas cidades florescentes de hoje.

A TRAVESSIA

A viagem prossegue beirando as divisas gaúchas, margeando o Uruguai; depois inflete para o norte através de picadões pouco trilhados, abertos no mato inceiro em paralelo com a fronteira argentina no rumo de Barracão (Dionísio Cerqueira é ainda apenas um nome oficial). Dali, ora em chão catarinense, ora paranaense, visitam Pato Branco, Clevelândia, Palmas e São João, cobrindo em parte o trajeto da “estratégica”, estrada assim conhecida até hoje e naqueles dias em construção.

Nessa travessia de centenas de quilômetros ninguém reclama. Com decisão e bom humor, curiosos em conhecer uma parte do Estado que só existia nos mapas, tudo enfrentavam com surpreendente espírito

de aventura em pessoas sisudas e formais como costumam ser os altos funcionários de todos os tempos. Assim, descem em lanchas precárias as corredeiras do grande rio, cruzam léguas de mato fechado nos lombos de burros de trote seco e olhos filosóficos, sequeiam à margem dos caminhos e dormem em barracas de lona, ouvindo a mistura misteriosa dos ruídos noturnos, iluminados e aquecidos pelo fogo de chão. Debaixo de sol inclemente, com as faces ardidadas do vento ou encharcados pela chuva, alimentam-se pela dieta da terra e devoram pratadas de feijão com arroz e charque. E nessas paradas conversam com quem encontram, ouvem queixumes e causos, sentem a alma do povo. O presidente, sempre junto, de tudo participa como um igual, sem deferências de cargo. Um exemplo para os homens públicos de ontem e de hoje.

Foi pena que o cronista, tão atento, não retratasse Adolfo Konder, como fez com outros companheiros. Embora sua presença seja forte na narrativa, a figura do presidente é fugidia e esfumaçada. Já o deputado Cid Gonzaga, “com seus cem quilos de unto”, aparece sempre com o traje azul e a gabardine clara impecáveis, mesmo nos piores lodaçais, acordando os demais com o vozeirão tonitroante. O desembargador Boiteux, em tom calmo e didático, discorre sobre fatos históricos ou ensina a um garoto a boa técnica de escovar os dentes. Às vezes as cenas descritas são cinematográficas, como esta: “O presidente deu já a ordem de partida. Todos estão montados. E no silêncio que, de repente, se abriu como uma caixa vazia, o desembargador Boiteux despede-se, em nosso nome, de Mondai e, por alguns dias, da civilização. Vivas e aclamações. Chapéus que se erguem e um grande tropel, a que se misturam os ruídos metálicos de estribos que se chocam, de arreios que rechinam, avança pela estrada.”

Imagine-se a figura circumspecta do magistrado e professor, montado num velho burro preto, com os canos das botas subindo aos joelhos e o chapéu na mão. Depois, numa linguagem castiça e emocionada,

desfia o discurso de despedida, com as palavras reboando no silêncio e ecoando pelas coxilhas de Mondai. Em seguida, a caravana arranca para as brenhas desconhecidas, enquanto alguns piás de cabelos de milho, passando para a escola, ficam uns momentos a admirar a cavallhada que parte. Recaiu outra vez o silêncio e “por sobre a areia revolta ficou apenas a luz perene e eterna do sol.”

CONTATOS DIRETOS

Nesses contatos diretos com o povo, o autor vai absorvendo os ditos, as expressões, os causos que correm de boca em boca e com eles semeia todo o texto. São causos de assombrações, como aquele da família de negros que aparece nas cachoeiras do Uruguai, em noites de neblina, ou ditados que resumem a sabedoria popular. E afloram também as histórias relacionadas com as “caminhadas cívicas” das “colunas” que furaram o sertão, envolvidas sempre no inevitável rol de violências. Elas ressurgem no trânsito por lugares de nomes estampados na crônica política nacional e seus respectivos movimentos insurrecionais. Passo Bormann, Vorá, Separação, Fazenda do Sargento, Fazenda Velha de Sant’Ana, São João, eis algumas dessas paragens carregadas de lembranças. Nem sempre, porém, se pode concordar com suas opiniões sobre essas “colunas” e a “Coluna Prestes”, em particular, cujos integrantes a seus olhos não se distinguiam de meros bandidos. Como nem sempre são aceitas suas comparações entre o ilhéu e o serrano, de onde emerge às vezes um certo bairrismo mal disfarçado. São senões que, no entanto, não comprometem o livro e não chegam a macular sua beleza.

OUTROS MOMENTOS

Momento admirável é a página onde descreve o encontro do

presidente com uma delegação d índios coroados. O episódio retrata a realidade trágica em que viviam, e por certo ainda vivem, os antigos donos da terra. Figuras grotescas, de atitudes e hábitos estranhos, vítimas de todos os vícios e carências adquiridos do homem branco. “Duzentos índios, medraçando e morrendo de miséria em mais de cem milhões de metros quadrados de terras opulentas e ferazes” – escreve o cronista, compungido com a aparência dos pobres bugres molambentos e sujos. E tal como Monteiro Lobato, alguns anos antes, analisando o fantasioso indianismo alencariano, conclui com tristeza: “Pobre Alencar! Como são esses bugres diferentes dos teus Peris e das tuas Iracemas!”

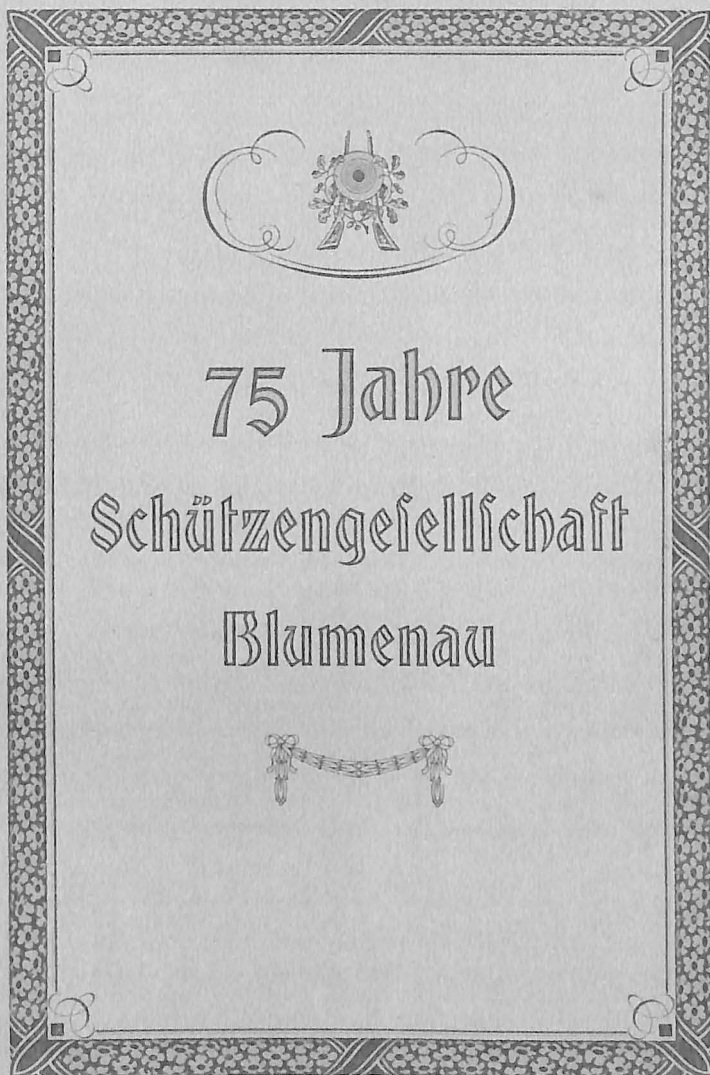
LINGUAGEM E SENTIMENTO

Embora trabalhada, a linguagem de Othon D’Eça é límpida e clara, mais moderna e livre que a predominante no seu tempo. O estilo é pessoal e suave. Não carrega nas tintas, foge das expressões pesadas e dos tons violentos. Mostra-se um aquarelista das palavras.

Todo seu livro é repassado de um sentimento de autêntico nacionalismo, de amor pelo País e pelo Estado, valorizando sempre sua gente e suas coisas, por humildes ou pequenas que sejam. Mostra como foi penosa a conquista de nosso pequeno território e a exploração econômica de suas riquezas até chegarmos à situação atual. Mostra, acima de tudo, que todos somos iguais na afeição pelo Estado Catarinense, nem sempre tratado com justiça, como já acontecia naqueles dias, mas pelo qual nos cabe lutar sempre.

(*) Designação que se dava na época aos governadores.

GALERIA DE IMAGENS



UMA FESTA NO SCHÜTZENGESELLSCHAFT BLUMENAU ATUAL TABAJARA TÊNIS CLUBE¹

Entre as sociabilidades herdadas dos descendentes de imigrantes destacam-se os Clubes de Caça e Tiro, também reconhecidos como Sociedade de Atiradores, esta manifestação da tradição alemã praticamente concentrava todas as atividades da cidade. Elo entre a comunidade e associados, transformou-se num espaço de conagração, aglutinando, promovendo a união e cooperação da comunidade.

Para marcar a passagem do sesquicentenário de fundação da primeira Sociedade de Atiradores de Blumenau, o atual Tabajaras Tênis Clube, a revista Blumenau em Cadernos traz, em Galeria de Imagens, uma série de fotografias que marcaram momentos desta história. O texto que segue registra uma festa dos Atiradores ocorrida no Schützengesellschaft Blumenau do anos de 1900.

O domingo do Espírito Santo era festa do ano de Blumenau. E a Sociedade dos Atiradores comandava. O domingo era mais destinado às comemorações religiosas, mas, já à noite, começavam os festejos populares, com a passeata de parte dos atiradores pela cidade, marchando em frente à banda de música, simbolizando o “toque de reunir” para a manhã seguinte, os exercícios e provas de tiro, que se prolongavam pela segunda-feira e até terça-feira seguintes.

Às sete e meia de segunda-feira reuniam-se os atiradores, fardados com a sua bela jaqueta verde, na Rua das Palmeiras, em frente do Hotel Lungershausen e, mais tarde, na Rua XV, em frente ao Hotel Gross. Em ordem unida, garbosos, lá se iam eles, depois, em formatura, marchando

¹ Fonte : AHJFS. Fundo: Memória da Cidade – Coleção Esporte – Associações – Clubes de Caça e Tiro . Pasta 7.1.1.2.29.doc-19

para a Casa dos Atiradores, sob o comando do respectivo comandante. Todo compenetrado do seu honroso encargo, ia adiante como baliza, o velho Roedel, usando uma fraldilha de couro sobre o terno, e conduzindo um machado, encostado aos ombros. Tinha ele a cara enrugada e marcada de varíolas e um curioso cacoete que lhe abria um vinco do canto do olho direito até o canto esquerdo da boca. Quando o olhava por muito tempo, a gente começava também a imitar-lhe o cacoete. Imediatamente atrás do desfile, formava a rapaziada blumenauense, em marcha mal cadenciada. Os rapazes iam de espingarda de bastão às costas e, como as armas de seus pais e tios, iam todas enfeitadas com ramalhetes de flores. Isso, naturalmente, fora tarefa das esposas, mães e tias que se esmeravam em fazer com que os ramos de flores ficassem bem firmes, presos aos canos das espingardas. De vez em quando, acontecia também que um dos pequenos que marchava ao lado do pai, topava o dedo grande do pé descalço, nalguma pedra do caminho e obrigava o “velho” a socorrê-lo, deixando a fileira.

Diante da marcha, as bandas Ruediger e Werner, com suas cornetas tocavam em estilo de fanfarras. Bem no começo, havia apenas a banda do Ruediger, pois o barbeiro Werner só mais tarde fundou seu conjunto.

Naturalmente que a sede dos atiradores era bem diferente de hoje. Com escovações e remoção de terras seguidas, o pátio foi paulatinamente melhorado e alargado. Naquele tempo ainda havia as cercas de arame, fortes acidentes do terreno, e muito pântano, após as chuvas. E isso quase sempre acontecia antes da festa do Espírito Santo.

Papai Lungershausen providenciara abundante munição de boca. Para os amigos de gulodices, havia as celebradas “Mohnkuchen” (que a mim sempre causavam enjôo) e amêndoas torradas com açúcar mascavo, roscas, doces etc.

Mas para os atiradores mesmo sobravam galinhas recheadas

e patos assados e, nas pequenas barracas, não havia mãos bastantes para arrancar as rolhas das garrafas com etiquetas, das cervejarias do Hosang, do Rischbieter e do Brandes. Anos mais tarde, o número de rótulos se enriqueceu com a Cervejaria do Otto Jennrich

Naquele tempo ainda não se fabricava gelo em Blumenau. E eu não posso imaginar que prazer se tinha em ingerir toda aquela cerveja quente. Mas certamente ela era bem gostosa, pois, pouco a pouco às vezes iam se elevando, a alegria ia crescendo e o louro líquido ia exercendo os seus naturais efeitos nas mentes carregadas de euforismo.

E á tarde, quando as esposas dos atiradores metidas em vestidos novos (vestes novas eram lei nas festas do Espírito Santo) apareciam com as suas crianças no local da festança, o clima da alegria chegava ao seu ponto culminante. O rei do tiro já acontecera antes do meio dia e fora fartamente regado, pois era costume que, quem conquistasse esse título, pagaria a festa para os seus dois cavalheiros (aqueles que alcançaram a 2ª e a 3ª colocação), e também aos demais companheiros, e havia poucos que rejeitavam a oferta.

Já terminara então o almoço com os discursos alusivos, os brindes e “vivas”, que transcorreram animado, tendo-se contado muitas anedotas. Podia-se contar que as bebidas alcoólicas, com que foram molhadas as goelas, não deixaram de fazer efeito. Havia quem perdesse a noção das funções das pernas, preferindo, desta maneira, permanecer sentado à mesa; outros viviam abraçando os companheiros, deitando falação sem nexos, enquanto outros ainda discutiam sobre a casualidade, ou não, do bom tiro com que o companheiro se consagrara “rei”. O zum-zum no salão de festa e na cancha do tiro era como de um abelheiro.

E lógico que, com este estado de coisas, as senhoras também regalavam-se na companhia de seus maridos. Costumaram reunir-se, assim na barraca do café, em um “puxado” em estilo de caramanchão, de onde podiam vigiar a filharada nos seus folgedos no pátio da casa dos atiradores.

Embaixo de duas enormes palmeiras, costumava o “Schirmonkel” estabelecer-se com um posto de vendas de miudezas, e a gurizada estava ansiosa em adquirir algo das bugigangas expostas, para gastar, o mais depressa possível, os vinténs recebidos do pai para este dia de festa. Aproveitando-se do bom humor de seus genitores, conseguiam geralmente aumentar esta verba, pois mesmo os mais seguros não resistiam então, às implorações dos filhos, concedendo mais do que, em estado sóbrio, estariam dispostos a gastar.

Atrás do balcão improvisado de tábuas brutas, manjava o Schirmonkel a mercadoria, favoravelmente exposta. Quanta coisa tentadora havia aí – lápis, com os quais dava, de fato, para escrever, contanto que gente lambesse antes a ponta dos mesmos; - pomada para o cabelo, não importando que, mesmo já por fora, não fosse muito bem cheirosa; abotoaduras, impressionando mais pelo tamanho do que pela beleza; broches que, infelizmente, guardava-se depois nas gavetas, porque raras vezes conseguia-se enfiar os alfinetes enferrujados nos vestidos, havendo ainda lenços bem coloridos, e outras coisas mais.

Não faltavam, entretanto, também as diversões infantis, como “bater o Lucas”, “corrida de rosquilhas” (quando o vencedor colhia uma penca das mesmas, penduras em vara de bambu, no ponto final); havendo ainda o “escorregador” e Kletterstange (mastro com brindes).

No segundo dia das competições, o regulamento não era observado com muito rigor. Muitos que, no dia anterior, abusaram nos comes e bebes, chegaram tarde à cancha, em animação de ressaca. O certame deste dia consistia mesmo apenas no “tiro ao pássaro”. Ao vencedor desta competição não eram também atribuídas as mesmas honrarias como ao “rei do tiro ao alvo”, que necessitava atingir 3 vezes o número 12, para conquistar este título. Já o pássaro era abatido mais por sorte, - por vezes um único tiro certo, acertado casualmente, fazia a ave tombar.

O maior entusiasmo havia passado, estavam cansados do programa do dia anterior. Provavelmente muitos atiradores haviam prometido, ainda à esposa, de se controlarem na bebida, para que não fosse estragado o prazer do baile, que realizar-se-ia à noite.

Numa sala, ao lado do salão de festas, encontravam-se reunidos os apaixonados jogadores de “skat”. Eram eles, na sua maior parte, cavalheiros já entrados nos anos, que de antemão, sabiam que na competição de tiro, não marcariam sucesso. Também no segundo dia de festa, ocuparam eles os seus lugares nas mesas de jogos, importando-se pouco com o decorrer da mesma. Mas as vozes que se escutava destas rodas de jogos, fazendo as respectivas propostas de “Grand cour 2”, “Grand a Tour” ou “Null Ouvert” etc., faziam parte das festividades, como o amém da igreja.

Muitos dos atiradores teriam preferido, à noite, mergulhar na maciez do leito acolhedor, em vez de mover, na dança, as pernas que, por vezes nem tinham recuperado ainda de todo a firmeza, após o “pileque” do dia anterior. Não poderiam, entretanto, decepcionar às esposas, que deveriam ter alguma coisa desta festa, pois pretendiam impressionar com os seus vestidos novos. Assim, não havia remédio, e muito campeador extenuado chegou ao salão de baile, como vítima ao altar de oferendas.

Este salão que, duas horas antes estava ainda sujo e com ar viciado de fósforos e pontas queimadas de cigarros, exalava agora o cheiro de limpeza. Mesmo estando ainda um pouco úmido da avalanche de água com que o inundaram por ocasião da faxina, tornara-se escorregadio, à custa do raspo de duas velas. “Papai” Lungershausen as usara, para melhorar e acondicionar para as danças, o assoalho de taboas desiguais.

A incansável banda dos Ruediger estava a posto, e às sete horas e trinta minutos em ponto, convidava, com fortíssimo toque de trombetas, os presentes, para formarem para a “Polonaise”. O “rei”, com a faixa sobre o peito, ao lado a “rainha”, e seguido do rei pássaro e dos dois cavalheiros

com seus pares, precedia ao desfile figurado. Podia-se observar que os atiradores cansados foram-se revitalizando, funcionando maravilhosamente a polonaise em todas as fases de agrupamentos, sendo finalizada com breves rondas de um marcante “galope”. Os mais velhos no exercício físico das danças, superavam os mais jovens pois, eram incansáveis e a animação era geral, ninguém se abstinha das bebidas.



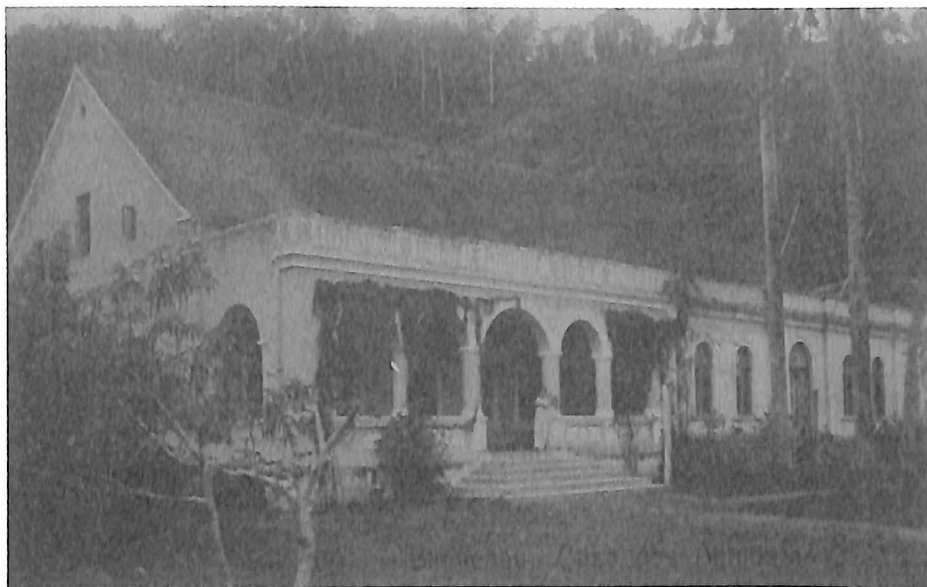
Festa dos Atiradores em 1861. Gravura de autoria de Antonie Venhorst. Acervo AHJFS - Fundo Memória da Cidade – Coleção Sociedades de Atiradores – Tabajara Tênis Clube – 7.1.1.3.4 Fot.19



Festa dos atiradores em 1870. Acervo AHJFS - Fundo Memória da Cidade – Coleção Sociedades de Atiradores – Tabajara Tênis Clube - 7.1.1.3.4 Fot.20



Festa dos atiradores nos antigos salões da Sociedade dos Atiradores. Acervo AHJFS - Fundo Memória da Cidade – Coleção Sociedades de Atiradores – Tabajara Tênis Clube - 7.1.1.3.2 Fot.15



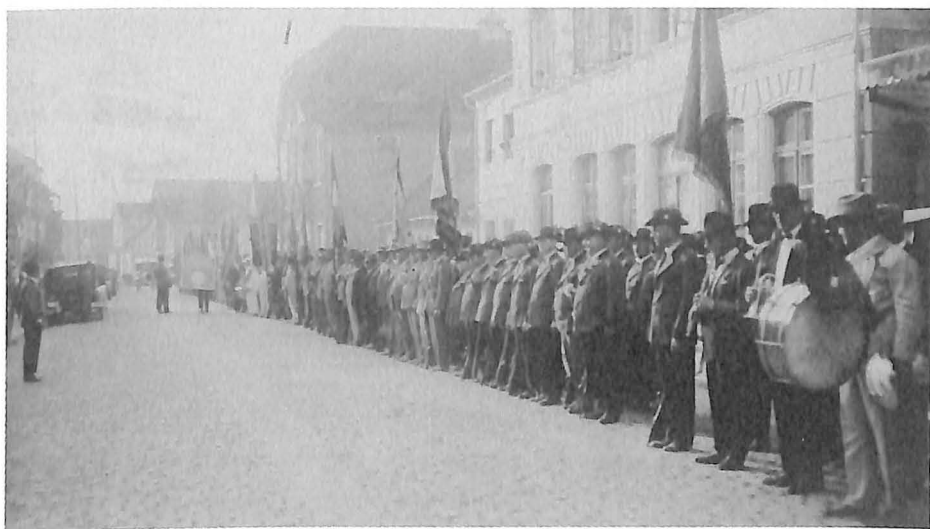
Casa dos Atiradores de Blumenau – Schützenhaus. Acervo AHJFS - Fundo Memória da Cidade – Coleção Sociedades de Atiradores – Tabajara Tênis Clube - 7.1.1.1.1 Fot.01ba



Desfile da Sociedade dos Atiradores de Blumenau. Acervo AHJFS - Fundo Memória da Cidade – Coleção Sociedades de Atiradores – Tabajara Tênis Clube - 7.3.1.4 Fot.237



Da esquerda para a direita, na primeira fila em pé: 1-Cônsul Otto Rohkohl; 2-Otto Hennings; 3-Dr. Edgar Roquete Pinto; 4- Dr. Amadeu da Luz; 5-Coronel Marcos Konder; 6-Irineu Bornhausen. Os demais são membros da Sociedade de Atiradores. O oficial no canto esquerdo é o Capitão Euclides de Castro. Foto tirada na frente da sede da Sociedade em 1929. - Acervo AHJFS - Fundo Memória da Cidade – Coleção Sociedades de Atiradores – Tabajara Tênis Clube - 7.1.1.3.4 Fot.13



Desfile de Atiradores na Rua XV de Novembro em Blumenau – 1934. Acervo AHJFS - Fundo Memória da Cidade – Coleção Sociedades de Atiradores – Tabajara Tênis Clube - 7-1-1-3-11Fot08



Sala do Kneipecke da Sociedade de Atiradores Blumenau – 1934 Acervo AHJFS - Fundo Memória da Cidade – Coleção Sociedades de Atiradores – Tabajara Tênis Clube



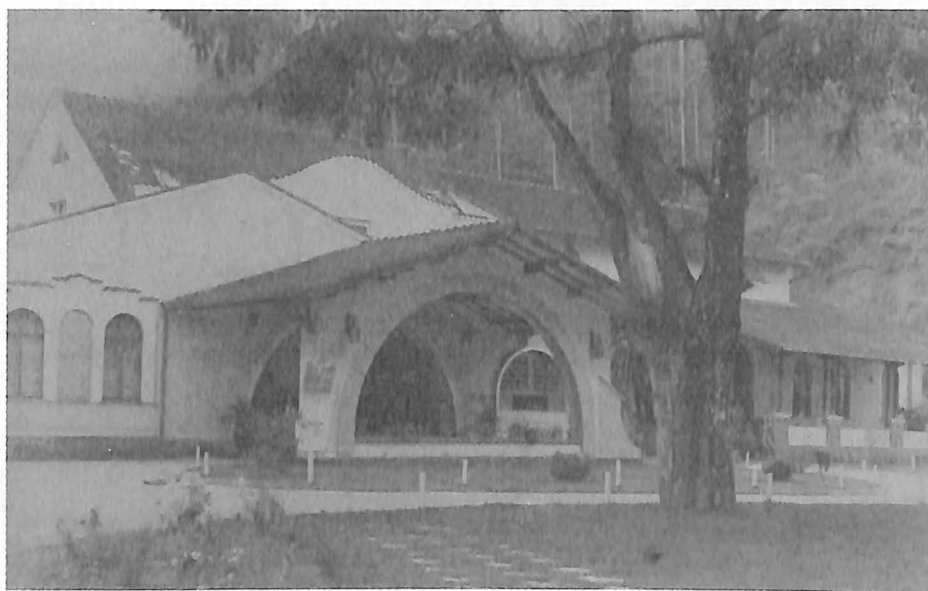
Desfile da Sociedade dos Atiradores de Blumenau. Acervo AHJFS - Fundo Memória da Cidade – Coleção Sociedades de Atiradores – Tabajara Tênis Clube 7-3-1-4For237



Grupo de tenistas do Tabajara Tênis Clube - 27 de abril de 1969. Acervo AHJFS - Fundo Memória da Cidade – Coleção Sociedades de Atiradores – Tabajara Tênis Clube.



Alvo em forma de animal utilizado na Sociedade dos Atiradores Blumenau na disputa do melhor tiro . Acervo AHJFS - Fundo Memória da Cidade – Coleção Sociedades de Atiradores – Tabajara Tênis Clube 7-6-1Fot330 –.



Vista da fachada atual do Tabajara Tênis Clube. Acervo AHJFS - Fundo Memória da Cidade – Coleção Sociedades de Atiradores – Tabajara Tênis Clube - 7-1-1-3-11Fot08

Mensalidades de 1859. 1860.		Lob. Jan. Febr. Marc. April. May June												Total			
1.	Friedemann	7.	320	320	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1
2.	Dr. Silva	7.	320	320	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1
3.	V. Lantier	2.	320	320	320	320	320	320	320	320	320	320	320	320	320	320	320
4.	Dittmar	2.	320	320	320	320	320	320	320	320	320	320	320	320	320	320	320
5.	Barbosa	2.	320	320	320	320	320	320	320	320	320	320	320	320	320	320	320
6.	Barbosa	2.	320	320	320	320	320	320	320	320	320	320	320	320	320	320	320
7.	Heise	2.	320	320	320	320	320	320	320	320	320	320	320	320	320	320	320
8.	Wienberger	2.	320	320	320	320	320	320	320	320	320	320	320	320	320	320	320
9.	Wienberger	2.	320	320	320	320	320	320	320	320	320	320	320	320	320	320	320
10.	Wienberger	2.	320	320	320	320	320	320	320	320	320	320	320	320	320	320	320
11.	Wienberger	2.	320	320	320	320	320	320	320	320	320	320	320	320	320	320	320
12.	Wienberger	2.	320	320	320	320	320	320	320	320	320	320	320	320	320	320	320
13.	Wienberger	2.	320	320	320	320	320	320	320	320	320	320	320	320	320	320	320
14.	Wienberger	2.	320	320	320	320	320	320	320	320	320	320	320	320	320	320	320
15.	Wienberger	2.	320	320	320	320	320	320	320	320	320	320	320	320	320	320	320
16.	Wienberger	2.	320	320	320	320	320	320	320	320	320	320	320	320	320	320	320
17.	Wienberger	2.	320	320	320	320	320	320	320	320	320	320	320	320	320	320	320
18.	Wienberger	2.	320	320	320	320	320	320	320	320	320	320	320	320	320	320	320
19.	Wienberger	2.	320	320	320	320	320	320	320	320	320	320	320	320	320	320	320
20.	Wienberger	2.	320	320	320	320	320	320	320	320	320	320	320	320	320	320	320
21.	Wienberger	2.	320	320	320	320	320	320	320	320	320	320	320	320	320	320	320
22.	Wienberger	2.	320	320	320	320	320	320	320	320	320	320	320	320	320	320	320
23.	Wienberger	2.	320	320	320	320	320	320	320	320	320	320	320	320	320	320	320
24.	Wienberger	2.	320	320	320	320	320	320	320	320	320	320	320	320	320	320	320
25.	Wienberger	2.	320	320	320	320	320	320	320	320	320	320	320	320	320	320	320
26.	Wienberger	2.	320	320	320	320	320	320	320	320	320	320	320	320	320	320	320

7.1.1.2.29
dec-01

Lista de associados registrados no livro de controle de mensalidades da Sociedade de Atiradores Blumenau.

ÍNDICE DA REVISTA “BLUMENAU EM CADERNOS”

TOMO L – 2009

Título	Autor	Nº.	Página
“La Francine” – 40 anos de embelezamento	Sueli Petry	03	91
A Guerra dos equívocos	Enéas Athanázio	05	120
A representação fotográfica do progresso a revista Blumenau em Cadernos	Carla Fernanda da Silva	04	21
A trajetória artístico/jornalística de Geysa de Bôscoli	Carlos Braga Mueller	05	73
Apenas um pouco fraco do pulmão – como Lages hospedou Paulo Setúbal	Enéas Athanázio	01	122
As colônias italianas no Brasil Meridional – Estados do Rio Grande do Sul – Santa Catarina – Paraná	Ranieri Venerosi Pesciolini Tradução: Lino João Dell Antonio	01	07
As colônias italianas no Brasil Meridional – Estados do Rio Grande do Sul – Santa Catarina – Paraná	Ranieri Venerosi Pesciolini Tradução: Lino João Dell Antonio	02	07
As colônias italianas no Brasil Meridional – Estados do Rio Grande do Sul – Santa Catarina – Paraná	Ranieri Venerosi Pesciolini Tradução: Lino João Dell Antonio	03	07
As colônias italianas no Brasil Meridional – Estados do Rio Grande do Sul – Santa Catarina – Paraná	Ranieri Venerosi Pesciolini Tradução: Lino João Dell Antonio	04	07
A música em Blumenau no início da colonização alemã (1863-1937)	Roberto Fabiano Rossbach	06	35
Carlos Freitas	Johanna Heuer	04	86
Clero Italiano e estrangeiro nas nossas colônias	Ranieri Venerosi Pesciolini Tradução: Lino João Dell Antonio	05	07
Clero italiano e straniero nelle nostre colonie	Ranieri Venerosi Pesciolini Tradução: Lino João Dell Antonio	05	08
Colônia Blumenau – Lista dos óbitos ocorridos desde sua fundação até 1º de setembro de 1862.	-	01	116
Contribuições botânicas de Fritz Müller às instituições de Pesquisa Científica do Rio de Janeiro	Maria Lúcia França Teixeira/Marcus Nascimento Santos/Stefano Hagen/Luiz Roberto Fontes	03	48
Correspondência de imigrantes – Emil Odebrecht	Tradução: Rolf e Renate Odebrecht	01	92

Correspondências de imigrantes – Emil Odebrecht	Tradução: Rolf e Renate Odebrecht	04	94
Correspondências de imigrantes – Emil Odebrecht	Tradução: Rolf e Renate Odebrecht	05	108
Correspondências de imigrantes – Emil Odebrecht	Tradução: Rolf e Renate Odebrecht	06	96
Crônicas memorialistas	Enéas Athanázio	02	115
De fiéis alemães no exterior: canções em língua alemã e o fenômeno da germanidade no Rio Grande do Sul	Imgart Grützmann	06	60
Do imigrante para o imigrante: a literatura dos imigrantes alemães do Vale do Itajaí	Prof. Dra Valburga Huber	01	73
Enchentes de 1880 e 1911 – Inundações e temporais em Itajaí: passado/presente	José Bento Rosa da Silva	05	47
Livro pioneiro resgata documentos	Enéas Athanázio	04	112
Entrevista com Silvio Coelho dos Santos	Rafael Hoerhann	05	79
Espaços públicos: palco das potencialidades juvenis	Queli Flach Anschau	02	61
Expresso, a choperia que deixou saudades em Blumenau!	Carlos Braga Mueller	01	89
Galeria de Imagens	Galeria de Imagens	03	122
Galeria de Imagens	Galeria de Imagens	04	117
Galeria de Imagens	Galeria de Imagens	06	110
Geração do deserto – 45 anos		03	117
Hotel Holetz: “A propaganda é a alma do negocio”	Wieland Lickfeld	03	36
Inventário do material botânico coletado por Fritz Müller em Instituições Nacionais.	Maria Lucia França Teixeira/Marcus Nascimento Santos/Stefano Hagen/Luiz Roberto Fontes	04	68
Le Colonie Italiane Negli Stati Meridionali del Brasile (Rio Grande do Sul – Santa Catarina – Paraná) - Parte I	Ranieri Venerosi Pesciolini Tradução: Lino João Dell Antonio	01	08
Le Colonie Italiane Negli Stati Meridionali del Brasile (Rio Grande do Sul – Santa Catarina – Paraná) – Parte II	Ranieri Venerosi Pesciolini Tradução: Lino João Dell Antonio	02	08
Le Colonie Italiane Negli Stati Meridionali del Brasile (Rio Grande do Sul – Santa Catarina – Paraná) – Parte III	Ranieri Venerosi Pesciolini Tradução: Lino João Dell Antonio	03	08

Le Colonie Italiane Negli Stati Meridionali del Brasile (Rio Grande do Sul – Santa Catarina – Paraná) – Parte IV	Ranieri Venerosi Pesciolini Tradução: Lino João Dell Antonio	04	08
Metamorfose urbana, fotografia e história.	Wieland Lickfeld	05	58
Mulheres, docência e artes visuais: que trama de escolas são estas?	Rosina S. de Franceschi Fiamoncini	05	31
Na Alemanha e no Brasil, retratos da Colônia Blumenau	Gustav Stutzer	06	09
Narrativa visual da cidade: representação e esquecimento na revista Blumenau em Cadernos	Carla Fernanda da Silva	01	28
Natal e Ano Novo	Helmar Reinhard Rölke	06	91
O carnaval na cidade de Brusque	Luciana Paza Tomasi/ Sueli Maria Vanzuita Petry	04	44
O livro de Fritz Muller no Brasil	Luiz Roberto Fontes/ Stefano Hagen	01	53
O meu trem inesquecível	Mariana Klueger	04	80
Os “Clochards” de Blumenau	Dr. Walmor Erwin Belz	02	83
Os loucos na cadeia local	-	02	110
Raízes comuns e imigrantes indesejáveis	Roberto Marcelo Caresia	02	34
Ramiro Ruediger	Luiz Antônio Soares/ Danilo Gomes	02	85
Registro de Imigrantes	-	03	81
Vencer e voltar	Enéas Athanázio	06	100

REVISTA BLUMENAU EM CADERNOS

Política editorial

Blumenau em Cadernos é uma Revista editada desde 1957, idealizada pelo pesquisador José Ferreira da Silva. Contempla a publicação de materiais da historiografia de Santa Catarina, em especial da região do Vale do Itajaí. Aborda temas relacionados a questões históricas, sociais, econômicas e culturais.

O periódico, registrado com o ISSN 0006-5218, é um periódico científico-cultural publicado bimestralmente pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva e pela Editora Cultura em Movimento, unidades da Fundação Cultural de Blumenau.

É formada por um Conselho Editorial constituído de historiadores, jornalistas, tradutores, escritores e pesquisadores.

Artigos

Os textos devem obedecer aos seguintes critérios: notas, citações, referências e bibliografias devem estar preferencialmente de acordo com as normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT); As notas de conteúdo devem constar no rodapé e as referências e bibliografias no final do texto; Os artigos devem ter até 18 páginas (incluindo citações, referências, imagens e tabelas), apresentando preferencialmente resumo de até 10 linhas em português e 3 palavras-chave em português.

Autores Catarinenses

Comentários e críticas de obras e resenhas de lançamentos de autores catarinenses.

Biografias

Dedicada ao registro de biografia de pessoas que fizeram e fazem parte da construção da História local e regional.

Burocracia & Governo

Publicação de documentos oficiais que sejam de interesse à História regional.

Crônicas do cotidiano

Contempla autores que narram sob a forma de crônicas e aspectos das vivências regionais.

Documentos Originais

Seção bilíngüe, contendo textos em língua estrangeira e a respectiva tradução para português.

Entrevistas

Trata-se de depoimentos de história de vida e/ou temáticos.

Fragmentos da nossa história local

Artigos de antigos jornais de Blumenau revelando aspectos do passado sob a ótica jornalística.

Memórias

Contempla aspectos do cotidiano descritos por memorialistas, oportunizando a participação comunitária.

Transcrição de documentos

Transcrição de cartas e relatórios relacionados à história regional.

Para todas as seções recomendamos/solicitamos/comunicamos aos autores:

- a) Vínculo institucional do autor e da sua titulação, se houver;
- b) Endereço eletrônico para correspondência e telefone/fax para contato;
- c) Os textos devem ser encaminhados para o endereço eletrônico: arquivohistorico@fcbu.com.br digitados no programa Microsoft Word for Windows, fonte Garamond, tamanho 12, com espaço 1,5cm;
- d) As imagens e tabelas além de vir no corpo do texto, devem também ser enviadas em arquivo anexo com suas respectivas legendas e fontes;
- e) Os textos encaminhados à revista serão apreciados pelo Conselho Editorial. O Conselho Editorial se reserva ao direito de publicar ou não os textos encaminhados a sua apreciação, bem como de sugerir mudanças aos respectivos autores;
- f) Cada autor receberá cinco exemplares da Revista, referente ao número que contiver seu texto;
- g) Os textos publicados e a exatidão das referências citadas são de responsabilidade exclusiva do(s) autor(es).
- h) O Conselho Editorial não se responsabiliza pela redação, nem pelos conceitos emitidos pelos autores;

Para proceder a assinatura da Revista ou sua renovação, assim como receber números antigos ou tomos completos encadernados, procure-nos.

Abaixo informamos nossos preços:

- Assinatura nova: R\$ 80,00 (anual = 6 números)
- Renovação da assinatura: R\$ 60,00 (anual = 6 números)
- Tomos anteriores (encadernados com capa dura): R\$ 100,00
- Exemplares avulsos: R\$ 12,00 (edições anos 50 a 2003)
- Encadernação R\$ 100,00 o volume (até 1998, um volume para cada tomo). De 1998 em diante, dois volumes por tomo.
- Tomo completo encadernado: R\$ 180,00 (para tomos de 1998 em diante). Para tomos de anos anteriores, solicitar orçamento.

() Sim, desejo assinar a revista Blumenau em Cadernos para o ano de 2009 (Tomo 50).

Anexo a este cupom, a quantia de R\$ _____ (_____ reais)
conforme opções de pagamento abaixo.

Formas de pagamento:

- () Vale Postal - Fundação Cultural de Blumenau - Blumenau em Cadernos
- () Depósito no Banco do Brasil - 0779.952-7 - Agência 5203-5. Após o pagamento, passar Fax do recibo de depósito com o nome do depositante, para nosso controle.
- () Cheque - Banco: _____ Número do Cheque: _____

Dados do Assinante:

Nome: _____

Endereço: _____

Bairro: _____ Cx. Postal: _____

CEP: _____ - Fone para contato: _____

Cidade: _____ Estado: _____

Assinatura

Arquivo Histórico José Ferreira da Silva

Caixa Postal 425 - Cep 89015-010 - Fone: (47) 3326-6990 - Fax (47) 3326-6874

Blumenau (SC) - E-mail: arquivohistorico@fcbu.com.br



Arquivo Histórico
José Ferreira da Silva
arquivohistorico@fcblu.com.br

Mausoléu
Dr. Blumenau

Museu
da Família Colonial
museudafamiliacolonia@fcblu.com.br

Centro Cultural
da Vila Itoupava

Escola Nº 1

Biblioteca Pública
Dr. Fritz Müller
biblioteca@fcblu.com.br

Museu de Arte
de Blumenau
mab@fcblu.com.br

Galeria
Municipal de Arte

Centro de Publicação
Documentação e
Referência em Leitura
editora@fcblu.com.br

www.fcblu.com.br



"Entre as sociabilidades herdadas dos descendentes de imigrantes destacam-se os Clubes de Caça e Tiro, também reconhecidos como Sociedades de Atiradores, esta manifestação da tradição alemã concentrava praticamente todas as atividades da cidade. Elo entre a comunidade e associados, transformou-se num espaço de conagração, aglutinando, promovendo a união e cooperação da comunidade.

Para marcar a passagem do sesquicentenário de fundação da primeira Sociedade de Atiradores de Blumenau, o atual Tabajaras Tênis Clube, a revista Blumenau em Cadernos traz, em Galeria de Imagens, uma série de fotografias que marcaram momentos desta história."

Extraído do texto "GALERIA DE IMAGENS - UMA FESTA NO SCHÜTZENGESellschaft BLUMENAU - ATUAL TABAJARA TÊNIS CLUBE. Página 109

